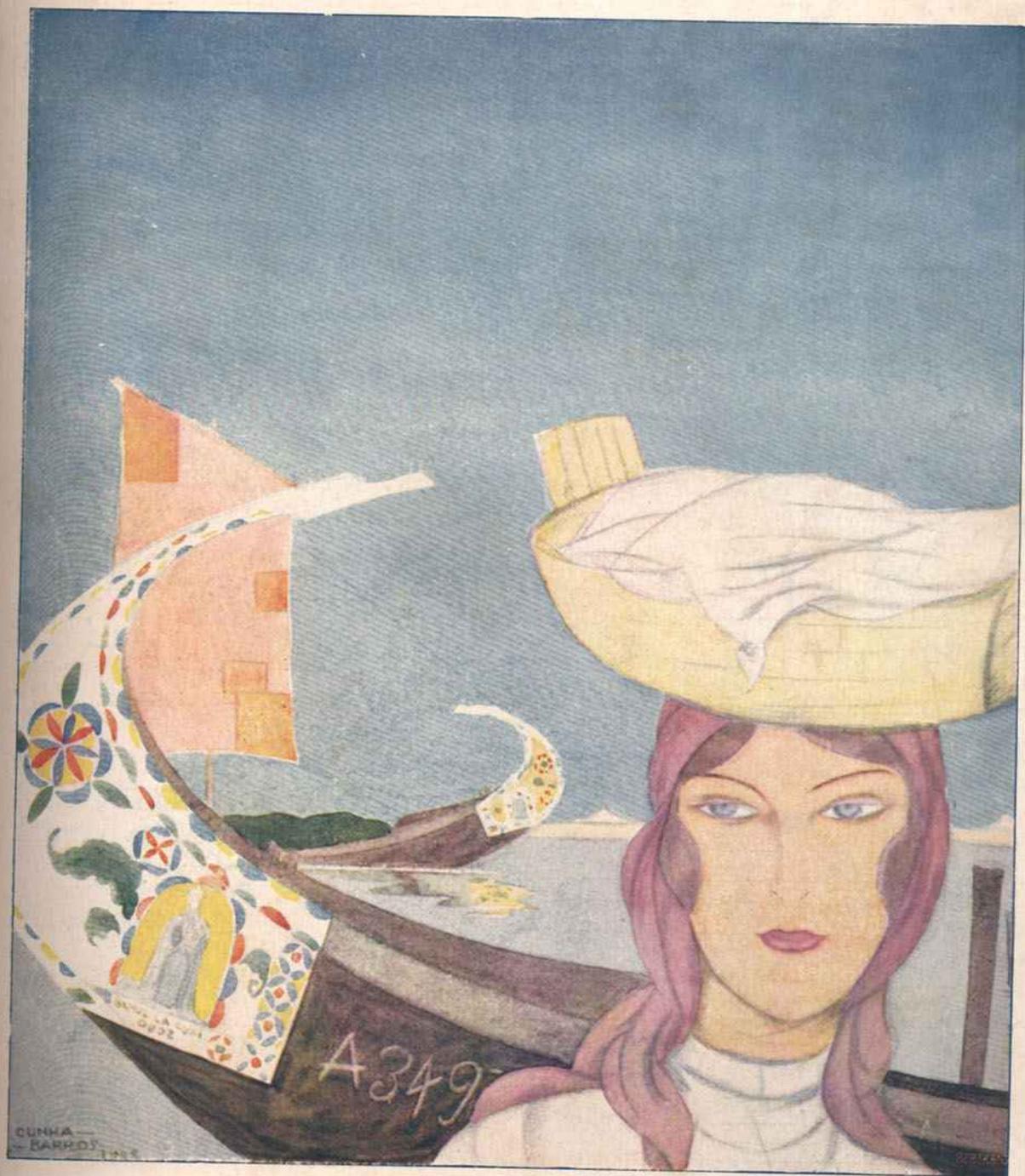


ILUSTRAÇÃO

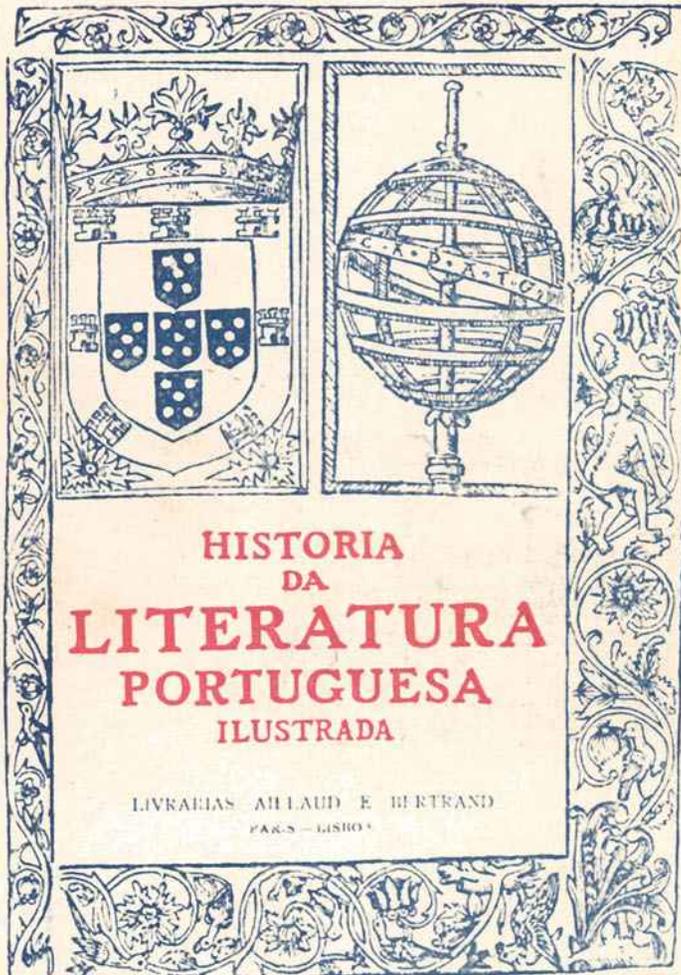


3.º ANO
NÚMERO 64

Lisboa, 16 de Agosto de 1928

PREÇO
4000

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRAHIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS - LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saldo mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	65\$00	128\$00

REGISTADO

	3 meses	6 meses	1 ano
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NUNES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO ALVES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORNÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoanicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAGO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOROS BENSBAT AMALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JOAQUIM, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

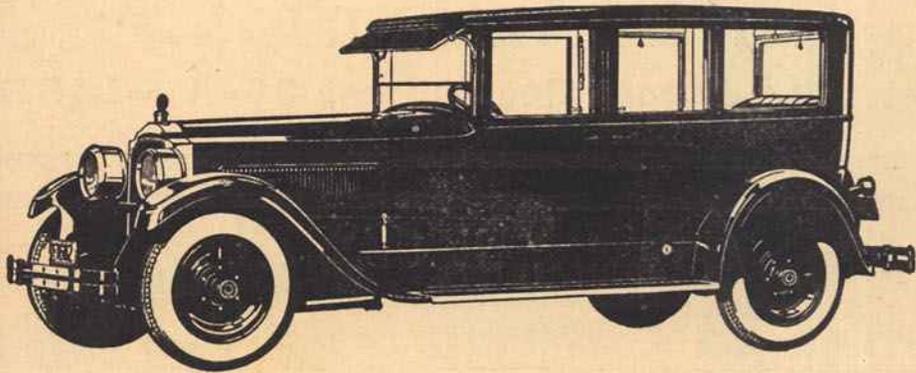
um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO..... 10\$00

Packard

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



O AUTOMÓVEL DOS ENTENDEDORES



SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4. Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA—PORTO

STUTZ

**O CARRO QUE É QUASI TÃO BOM COMO
O MELHOR AUTOMOVEL DO MUNDO**

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA

**EM 3 DE NOVEMBRO
ABERTURA DO SALÃO DA**

VOGA

**1.º SALÃO DE OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES
DECORATIVAS, sob o alto patrocínio da Sociedade Nacional
de Belas Artes e nos Salões desta ilustre colectividade**

20 DIAS DE GRANDIOSAS FESTAS

PARA AS QUAIS ESTÃO EM ORGANIZAÇÃO

40 PROGRAMAS DE MAIOR SENSACÃO



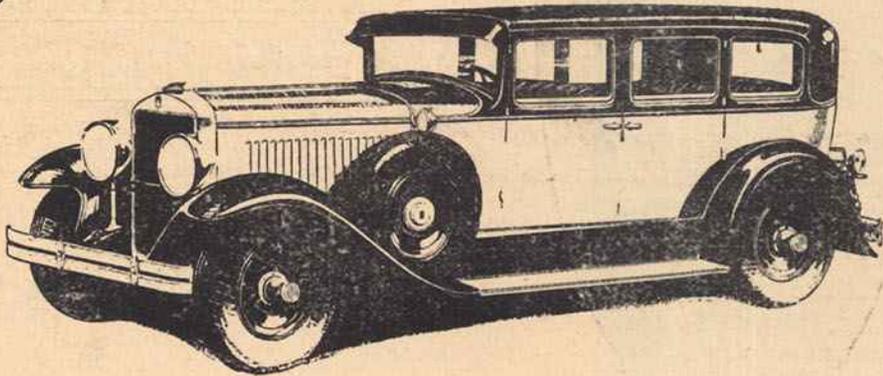
PARA ESTE GRANDIOSO CERTAMEN ESTÃO JÁ INSCRITAS
AS SEGUINTE CASAS PORTUGUESAS E ESTRANGEIRAS:

**ALINE — COLUMBIA (S. SANTOS & C.^A LTD.^A) — CASA FRAN-
CISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD.^A — GRANDE BAZAR DO
PORTO, LTD.^A — BASTOS SILVA & C.^A LTD.^A — PARIS-CHIADO
— PHOTO D'ART HENRY MANUEL — STUDIO G. L. MANUEL
FRERES — MÁRIO NOVAIS — SASSETTI & C.^A, ETC., ETC.**

O director do «Salão» atenderá todos os comer-
ciantes pelo telefone C. 1084 ou na administração
de *Voga*, Rua Anchieta, 25, todos os dias úteis,
das 15 às 18, prestando todos os esclarecimentos.



Agora em Exposição!



Uma nova serie de automoveis
em que com orgulho pômos a nossa marca

Uma grande variedade de modelos de carroseries sobre cinco chassis diferentes, quatro dos quais de seis cilindros e um de oito, por preços ao alcance de todo o comprador. Os novos modelos, excepto o 610, tem quatro velocidades, com a terceira e a quarta directas e absolutamente silenciosas.

Torpedo modelo 610 de seis cilindros, para cinco passageiros, de 2,80 metros de distancia entre os eixos, com cambota de sete chumaceiras e travões hydraulicos nas quatro rodas. Informe-se do seu preço e compare

Estes carros reflectem as nossas concepções de distincta apparencia, de completa commodidade, de perfeita construcção, de satisfactorio desempenho de magnifico valor.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Unico concessionario para Portugal:

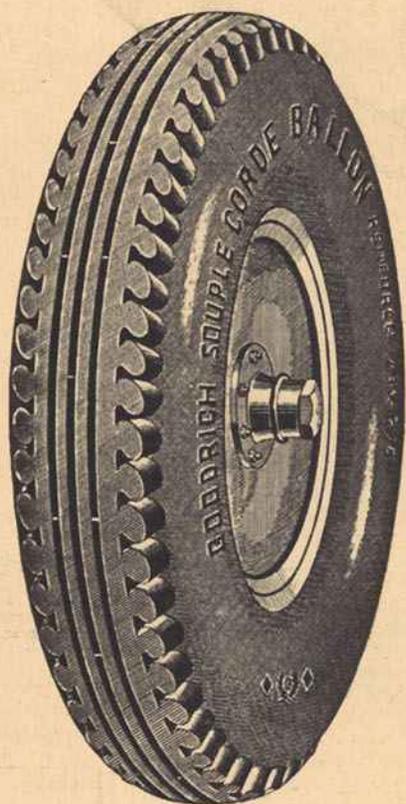
J. COELHO PACHECO
21, Avenida da Liberdade

Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp

Telefone: Norte 2595

LISBOA

GRAHAM-PAIGE



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

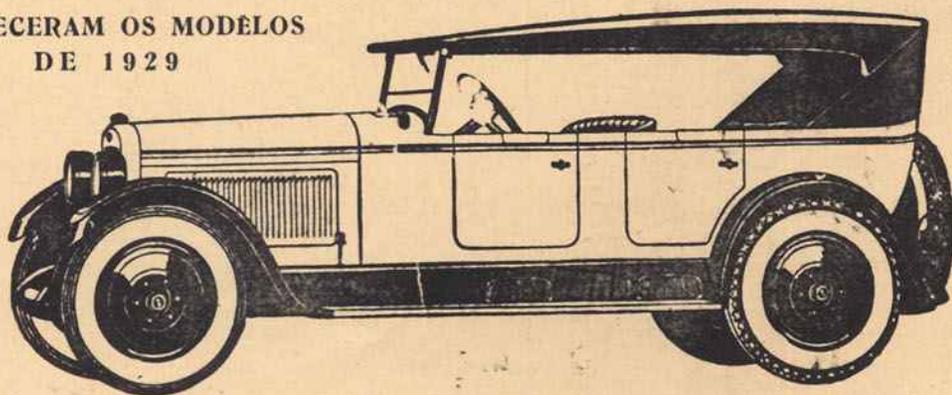
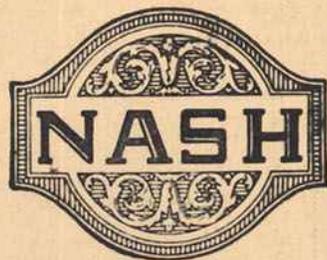
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

modernise tambem
o seu estomago

ST. FACLO
v. l. 1920

"SAL de
FRUCTA"
ENO'S
"FRUIT
SALT"

As necessidades da vida moderna obrigam a comer depressa. D'ahi arriscar-se uma pessoa a sofrer incomodos resultantes das refeições precipitadas, e que são as digestões dificeis e dolorosas. Como precaver-nos contra esses incomodos? Tomando de manhã e á noite uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt", num copo de agua. Eno é uma preparação salina efervescente, que assegura, em qualquer circumstancia, o funcionamento normal dos orgãos digestivos.

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Exigi sempre a marca
ENO'S "FRUIT SALT"

Depositarior em Portugal:

ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA



UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma offerta notavel

Dir-lh'a-ha

GRATUITAMENTE

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos?

NASCEU SOB A INFLUENCIA
DE PROPICIA ESTRELLA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e da data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrológica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH,

tolio 5 PL. 44, RUE DE LISBONNE, PARIS

Com 5 Escudos para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.
Franquia para França: \$60.

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

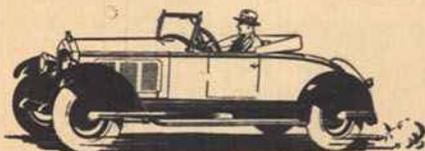
ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

© Vendido em Lisboa em Packa Colónia
Agentes gener. STEINER & SÖL, Rua de Misericórdia 27 E LISBOA

MARGARINA VAQUEIRO



A MELHOR DE TODAS
UNICOS IMPORTADORES
EST. JERONIMO MARTINS & FILHO LISBOA



WILLYS-KNIGHT

O FAMOSO SEM VALVULAS
AMERICANO

A MELHOR MECANICA
A MAIOR ELASTICIDADE
A MAXIMA DISTINÇÃO

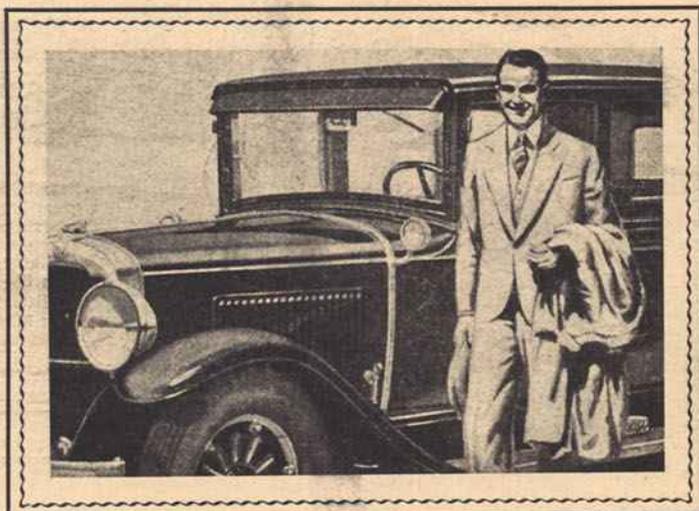
DISTRIBUIDORES GERAIS:

H. QUEIROZ, L. D. A
ENGENHEIROS
62, Rua Braamcamp, 70
LISBOA

O REO FLYING CLOUD

NÃO É um carro de corrida

MAS É BASTANTE RÁPIDO PARA
PETE DE PAOLO
o grande Az americano de velocidade



•PETE DE PAOLO, COM O SEU REO FLYING CLOUD

O REO FLYING CLOUD é construído para dar 140 quilómetros á hora. É mais do que geralmente se necessita, e do que se pode fazer em estrada. Contudo uma tal capacidade implica outras características que o condutor ambiciona: a aceleração instantanea para se distanciar dos outros carros nas aglomerações do tráfico e ultrapassa-los numa abertura; enfim um excesso de potencia para as grandes subidas, e a facilidade de poder andar em prise directa a 5 ou a 140 quilómetros á hora.

AGENTES GERAIS: CONTRERAS & GARRIDO, L.^{DA} — 169, Avenida da Liberdade, 171 — LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO: EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA L.^{DA}
225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229

BOSCH

A vela de qualidade
Um modelo apropriado a cada tipo de motor

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
ESCRITÓRIO TÉCNICO ROBERTO CUDELL
PORTO — Passos Manuel, 41

MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE AGOSTO

ADMIRAREL E FUNCIONAMENTO!

O Studebaker "Director" é um carro de força media, de preço absolutamente acessível, e incomparavel pelo seu funcionamento regular e suave.

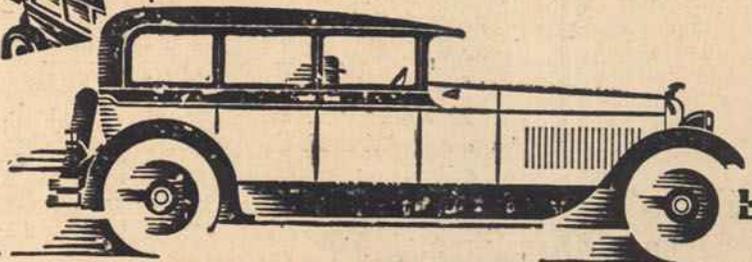
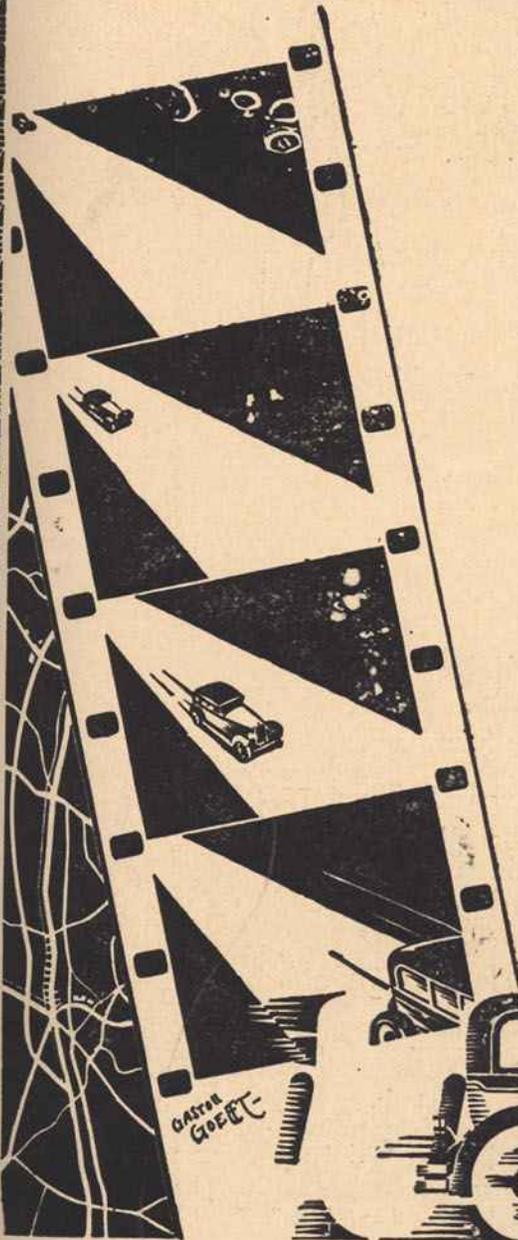
Recentemente, numa prova controlada pela "American Automobile Association", um "Director" Sedan rigorosamente de serie, fez uma media de 99 Km. 420 durante 24 horas consecutivas. Mais de 1.000 Studebaker em serviço activo, tendo já percorrido de 150.000 a 800.000 kilometros.

Estas qualidades de funcionamento e resistencia são comuns a todos os Studebaker. Visite os stands dos representantes desta marca, sente-se ao volante dum Studebaker ou Erskine, e em breve vos conquistará a extraordinaria superioridade destes carros sem rival.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

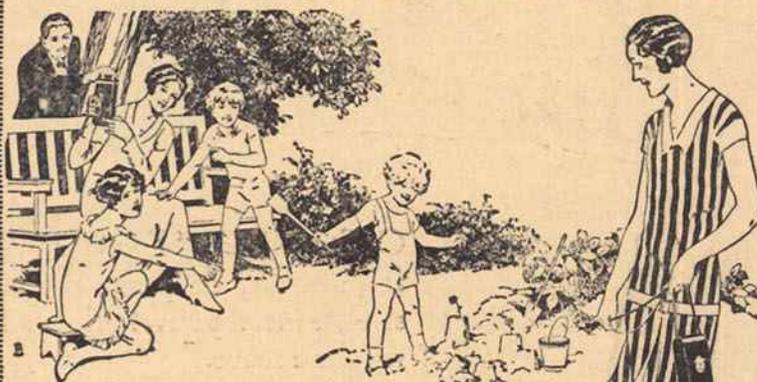
Unicos representantes para Portugal:
C. SANTOS LDA.

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59
PORTO: Praça da Liberdade, Edifício da Nacional.



STUDEBAKER





Os vossos filhos.

Os vossos filhos são os interessantes actores de adoráveis scenas — cómicas umas, tão comoventes outras — que são a alegria e o orgulho das mãis.

Mas, bem sabeis que o implacavel Tempo terminará por apagar, por completo, da vossa memoria todas as suas encantadoras e adoráveis graças infantís.

Cometereis pois uma irreparavel falta se vos privardes da terna alegria de revêr carinhosamente uma e outra vez, de encontrardes amanhã e sempre os vossos queridos filhos tais como eles são hoje.

O unico meio — absolutamente o unico — de evitardes amargas decepções é o de registardes dia a dia as scenas de vida de vossos filhos, num Album de instantaneos

“Kodak”

Ide agora mesmo, antes que seja demasiado tarde, escolher o vosso “Kodak”. Em qualquer bôa casa de artigos fotograficos vos auxiliarão a escolher o vosso “Kodak”.

3 elementos de successo:

Aparelho “Kodak”.

Um “Kodak” é uma maravilha de precisão e de simplicidade. Cada uma das suas peças foi estudada sob o ponto de vista de facil manejo e bons resultados.

Película “Kodak”.

Para estardes certos de obter bons resultados deveis sempre exigir Película “Kodak” — em embalagem amarela — a unica com cuja qualidade podeis contar.

Papel “Velox”.

A melhor prova que podeis obter de um negativo é a que tiver impressa no verso a palavra “Velox”; ella possuirá todos os detalhes dos vossos negativos

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30—Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

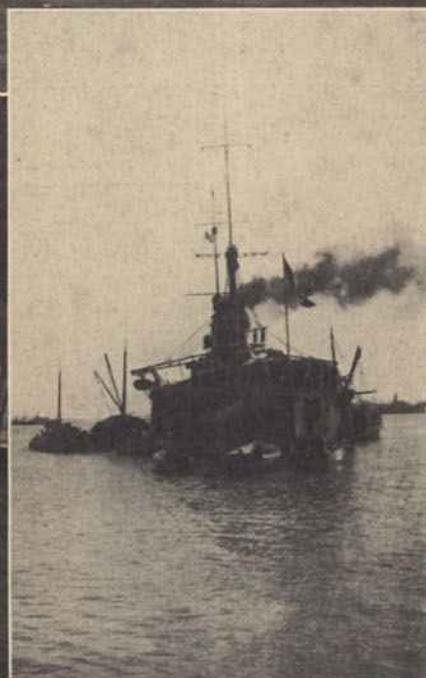
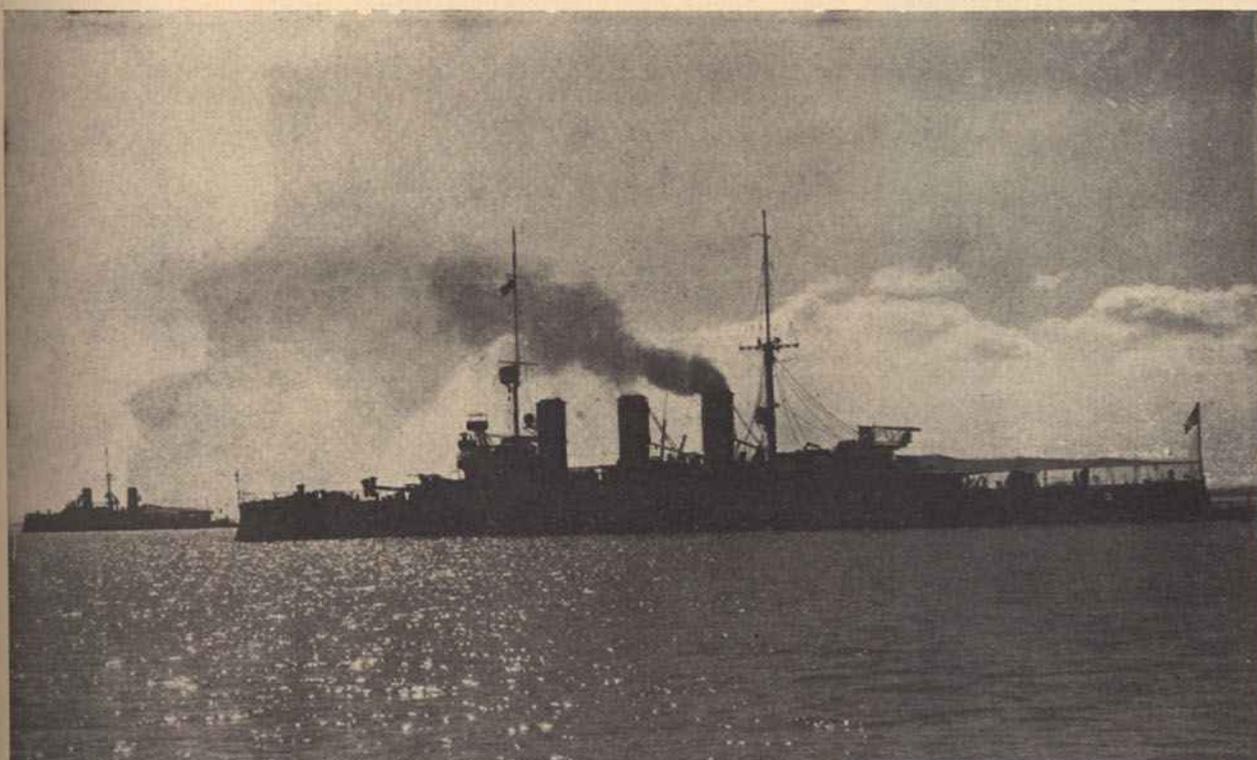
DIRECTOR-DELEGADO : JOAO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR : JOAO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :
AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 64

16 DE AGOSTO DE 1928



UMA ESQUADRA ITALIANA VISITOU RECENTEMENTE LISBOA ONDE FOI ENTUSIASTICAMENTE RECEBIDA. AS NOSSAS FOTOS REPRESENTAM : EM CIMA, OS BARCOS ITALIANOS NO TEJO, AO PÓR DO SOL ; EM BAIXO : À ESQUERDA, A VISITA DO «FASCIO» ITALIANO AO ALMIRANTE ROYTA ; E À DIREITA, UM EPISÓDIO DO ABASTECIMENTO DA UNIDADE ALMIRANTE DA ESQUADRA

(Fotos «Ilustração»)

CRONICA DA QUINZENA

No México, a questão religiosa e a questão política andam de tal forma baralhadas, que não pode considerar-se uma independentemente da outra.

No fundo, talvez que naquela turbulenta república estas duas questões sejam apenas uma, a questão religiosa, dando-se por satisfeitos os católicos no dia em que lhes fôr entregue a complicada máquina do Estado, subordinada à Igreja a consciência nas suas variadas expressões de livre pensamento.

Há no México uma forte corrente protestante, contra a qual Roma empenha os seus melhores esforços, e há uma corrente liberal, que vem de longe, e que é, por assim dizer, o vinco americano numa civilização europeia. Ainda não foi possível conseguir que estas correntes—católica, protestante e liberal—sempre paralelas, corram para o mesmo oceano de tolerância, expressão máxima da melhor e mais pura democracia.

Actualmente só no México e na Índia o conflito religioso reveste o aspecto duma luta sangrenta, a lembrar, em menor escala, as guerras religiosas que ensanguentaram a História, guerras em que se disputava o predomínio político sob a invocação de Deus, misericordioso e omnipotente.

O crime dentro dia, o assassinato do Presidente eleito, foi um acto de fanatismo religioso, muito bom católico o assassino, tão bom católico que esteve a chocar o seu crime na atmosfera piedosa dum convento, talvez pedindo a inspiração divina para se determinar com firmeza. Melhor resposta não podiam ter, nem melhor nem mais oportuna, os que à falta de religião atribuíram sempre, e atribuem ainda, factos da grande criminalidade, sobretudo os que, de certo modo, podem entrar na categoria de delictos políticos.

Ele o disse, o assassino—procedeu em nome da salvação da Igreja, naturalmente por a considerar gravemente ameaçada pela feroz política anti-religiosa que Obregon iria fazer no exercício das suas funções presidenciais. E de tamanha benemerência considera o seu crime, tão agradável a Deus Todo Poderoso, que tem por certo garantir-lhe ele a salvação da alma, o que largamente o compensa da curta demora que porventura ainda tenha neste vale de lágrimas. E como se isto não fosse bastante para tranquilizar a sua consciência, ainda o devoto assassino de Obregon diz que lhe salvou a alma—sem dúvida pelo facto de o ter morto antes d'ele, como Presidente, ofender e molestar a Igreja.

Na vida social dão-se muitas vezes fenómenos regressivos, que derogam, na aparência, ao menos, os princípios duma evolução ascendente, segundo a concepção spenceriana.

Uma luta religiosa, na velha Europa, à maneira das grandes lutas religiosas do século XVI, produzindo-se na actualidade, seria um desses fenómenos regressivos, e não ficaria atrás, no desencadear de ódios e fúrias sangrentas, ao que se passa no México, ao que se passa na Índia.

Porque a hipótese, quasi nada tendo de provável, é sem dúvida possível, vale a pena tomá-la a sério, sendo certo, como diz o prolóquio, que menos fácil e menos seguro é remediar que prevenir.

Todas as religiões são intolerantes, e a sua intolerância é que sempre tem dado lugar aos conflitos sangrentos que as ilustram na História da Humanidade, desde que o mundo é mundo. São intolerantes todas as religiões, mas a intolerância é máxima nos que se julgam na posse da Verdade absoluta, adquirida por inspiração ou revelação divina.

Maus psicólogos na medida em que são bons crentes, os sectários duma religião ou credo revelado confundem a vontade com a razão, attribuindo a deliberados propósitos o que não passa de regras e preceitos honestamente derivados da inteligência.

Se fôsse possível reunir amanhã, em qualquer parte, uma sociedade das Nações, conforme a conceben Volney — Meditação sobre as ruínas dos Impérios—e aí fôsse posto o problema religioso, veríamos os sectários e os apóstolos de todas as seitas e confissões guerrearem-se com ódio, cada qual pretendendo impôr aos outros não só os dogmas mas o próprio ritual da sua Igreja, afirmando que fora daí só há mentira e heresia, o que tanto faz dizer a condenação eterna por contumácia no pecado.

Os milhões de indivíduos que habitam a Terra professam dezenas de religiões diferentes, e o catolicismo não é, conforme se vê das estatísticas, a que contém maior número de prosélitos. Cada uma delas pretende ser a verdadeira, o que justificaria uma insistente

propaganda no sentido de chamar ao seu grémio devotos ou sectários das outras religiões.

Que espécie de propaganda?

A que se faz pela doutrinação, expondo ideas que dominam, racionalmente, a inteligência, e praticando actos que constituam salutareas regras de moral.

Toda a religião implica uma Filosofia, uma Metafísica e uma Moral. Pouco importa que os homens divirjam quanto à filosofia e quanto à metafísica; o que é necessário é que estejam de acôrdo quanto aos preceitos da moral, porque daí é que saem ou derivam as regras de conduta que tornam possível, em condições de ordem e progresso, a conservação do agregado social.

Há um destino ulterior, uma vida futura, que principia na morte?

É uma hipótese que não há o menor inconveniente em discutir; mas a vida presente, a vida finita que se diz ser a passagem do homem pela Terra, essa é uma verdade irrefutável, e será feliz ou infeliz segundo o ritmo da vida individual e social fôr conforme ou oposto ao que é justo, belo e verdadeiro.

Seria ótimo, se a morte é o começo duma outra vida, que todos nos encontrássemos no mesmo lugar de venturas e delicias, fruindo gosos eternos; mas porque não havemos de fazer em boa camaradagem, o *bout de chemin* que vai do berço à cova, todos empenhados em realizar neste mundo a maior felicidade possível, deixando a cada qual o cuidado de preparar o futuro da sua alma, sem prejuizo do emprêgo de meios brandos e sensíveis, a dentro do respeito que cada um deve a todos, para dissipar supostos crês, superstições grosseiras ou engenhosamer sofisticas, hipóteses absurdas ou paradoxas que são perversões do entendimento?

A *solidariedade* é a grande virtude social do nosso tempo; mas ela será pouco mais duma palavra vã, implicando uma aspiração generosa, mas irrealizável, enquanto a *tolerância* não fôr um predicado efectivo do homem em sociedade—tolerância religiosa e tolerância politica, tolerância por banda de quem afirmam, e tolerância por banda de quem negam.

A regra do bom viver, independentemente das crenças religiosas, consiste no hábito de acções úteis à sociedade e ao individuo que as pratica, segundo os princípios físicos da moral, definidos num belo catecismo publicado aí pelos fins do século XVIII.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

BRITO CAMACHO

ACTUALIDADES

A DIREITA: — Um aspecto da assistência à *soirée* íntima que a colónia italiana residente em Lisboa ofereceu à officialidade da esquadra do seu país, que nos visitou



A ESQUERDA: — Inauguração dos jantares à americana no magnífico Hotel de Itália, no Monte Estoril, centro de aristocrática diversão na nossa «Costa do Sol»



A DIREITA: — O notável escritor francês Maurice Dekobra, assinando, numa livraria, todos os exemplares do seu último livro, «La serenade au bonheur», que os seus admiradores compravam

(Foto H. Manuel)



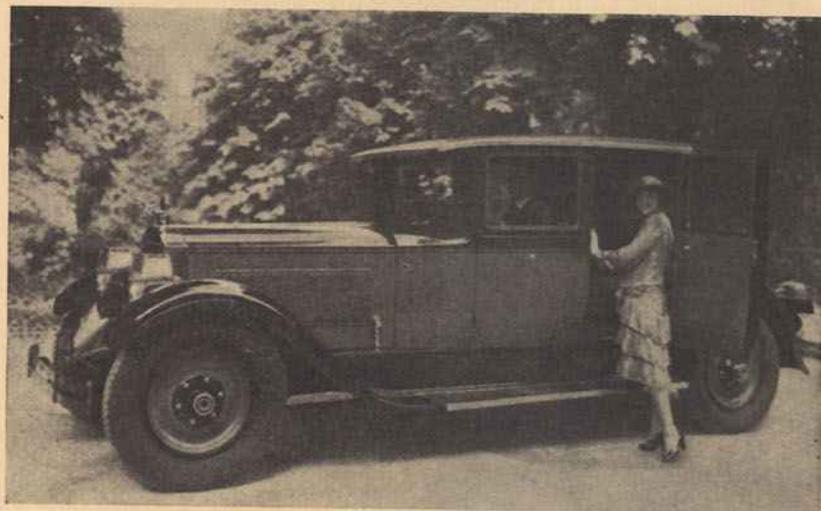
NO OVAL, em cima: — S. M. Muley Mohammed, jovem sultão de Marrocos, actualmente em viagem de recreio pela França

NO OVAL, em baixo: — Takischi e Tsuruda, o grande sucesso em ténis deste ano, tendo batido vários *records* e revelando-se invencíveis para as próximas provas olímpicas



EM BAIXO, à direita: — O sumptoso «Packard» que, no Concurso de Elegância Automobilística, em Paris, conquistou muito justamente o primeiro prémio e que é, na verdade, uma maravilha

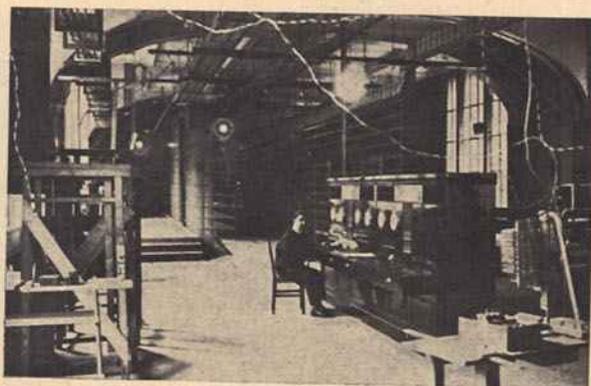
(Foto G. L. Manuel Fribes)



ESTE CARRO «PACKARD», OBTIVE IGUALMENTE O 1.º PRÉMIO NO CONCURSO DA ELEGÂNCIA AUTOMOBILÍSTICA QUE SE REALIZOU NO PARQUE DAS TURMAS DA CURIA EM 29 DE JULHO ÚLTIMO

ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da «Voga» que abre em 3 de Novembro

DE TODA A PARTE



Uma das secções da nova Estação Central Telefónica de Paris, onde se vai inaugurar o serviço automático de ligações. NO OVAL, à esquerda:—A Ex.^{ma} Sr.^a D. Halia Teixeira Rego e o sr. João Pinto de Sousa Júnior, após o seu consórcio que se realizou recentemente na igreja de Santos-o-Velho. NO OVAL, à direita:—Casamento elegante realizado em Hong-Kong: Horácio Garcia, filho do falecido general António Joaquim Garcia e D. Lina da Rocha, filha do abastado comerciante português da praça de Hong-Kong, João Maria da Rocha



EM CIMA, à esquerda:—A Sociedade Nacional de Belas Artes recebeu no seu salão a visita do notável diplomata dr. Veiga Simões, artista ilustre, que foi trocar impressões sobre a representação portuguesa nas exposições artísticas da Europa Central

EM CIMA, à direita:—O ilustre diplomata dr. Veiga Simões com a ilustre direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes e outros artistas

AO CENTRO:— regresso ao Rio de Janeiro do Embaixador dr. Raúl Yermudes, chefe da Delegação brasileira à III Conferência Pan-Americana na Havana



NO OVAL, em baixo e ao centro:—A sr.^a D. Maria do Céu Couceiro Leitão Rito e o engenheiro Júlio Souto de Almeida Ruinha por ocasião do seu consórcio realizado recentemente em Leiria no seu belo solar

EM BAIXO, à esquerda:—As autoridades de Andorra, a mais pequena República Francesa. Estes quatro indivíduos representam as forças vivas do minúsculo estado

EM BAIXO, à direita:—O Brasil vende os seus cafés em Paris num sumptuoso edificio que fez construir nos grandes boulevards e que, pela arquitectura e pela fama dos produtos se tornou notável



COLUMBIA, a grande marca de gramofones e discos, apresentará no Salão da "Voga" o seu Electrofone Kolster

FESTAS

1— Grupo de assistentes ao banquete oficial realizado no Pálace Hotel da Curia, por ocasião das festas ultimamente ali realizadas de iniciativa do industrial Alexandre de Almeida, banquete a que assistiram representantes dos jornais de Lisboa e Porto, autoridades civis, militares e eclesiásticas, etc.



NA CURIA

3— O rev.º dr. Peres, cônego da Sé de Evora, benzendo a nova capela.

4— A comunhão da filha de Alexandre de Almeida, por ocasião da primeira missa rezada na nova e linda capelinha.

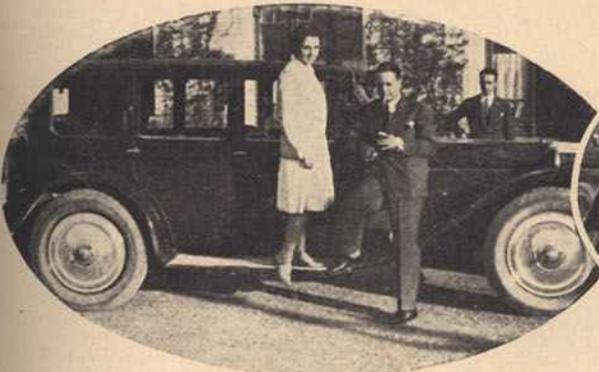
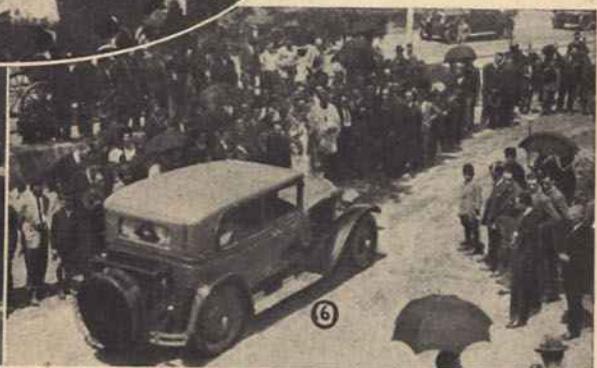
5— Grupo de moçoilas da região que tomaram parte nos folguedos e descantes populares no terraço do hotel nas noites das festas ali realizadas.



2— A inauguração da capela do Pálace Hotel. O rev.º dr. Peres procedendo à sagração do templo. A porta uma gentil filhinha do proprietário que comungou nêsse dia solêne.



6— Um aspecto da imponente benção dos automóveis, cerimônia realizada no parque fronteiriço ao Pálace Hotel pelo reverendo cônego dr. Peres.



O lindo carro «Lancia» que obteve o primeiro prêmio na «Gymkana», guiado pelo sr. Bernardo Gouvêa, acompanhado da gentil sr.ª D. Maria do Patrocínio Pinto Coelho.

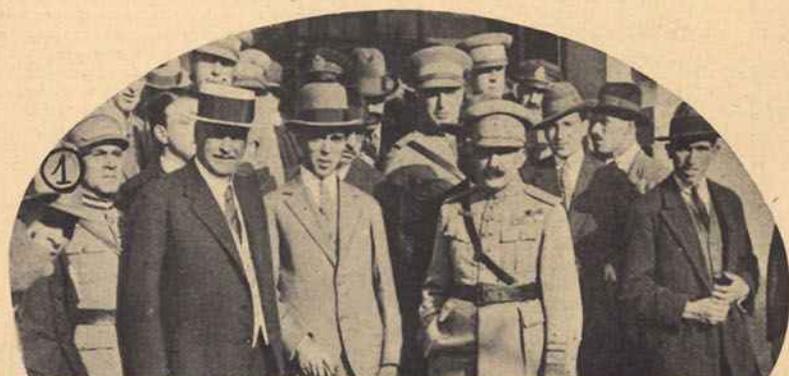


Outro formoso automóvel «Lancia» que conquistou o 2.º prêmio da pitoresca e animada «Gymkana», tendo ao volante o «sportman» Silva Teles, do Porto.

(Fotos exclusivas da «Ilustração».)

SASSETTI & C.ª apresentarão no Salão da «Voga» os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas

PELO NORTE



1—No Pôrto: Chegada à estação de S. Bento do sr. ministro da Instrução na sua última viagem à grande cidade do Norte

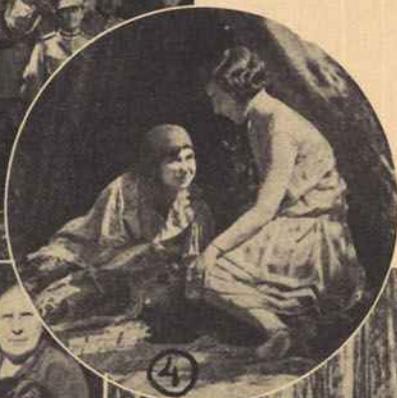


2—No Pôrto: O sr. Comandante da 1.ª Região Militar assistido aos números desportivos por ocasião das recetes festas da ratificação do juramento de bandeira em Meiralhosoras 3

EM ERMEZINHA: «Garden Party» realizado na Quinta da Formiga a fim de custear as obras do altar-mór da igreja de Santa Rita devorada por um incêndio. 3—Tomando refresco. 4—Lendo a «Buena dicha»

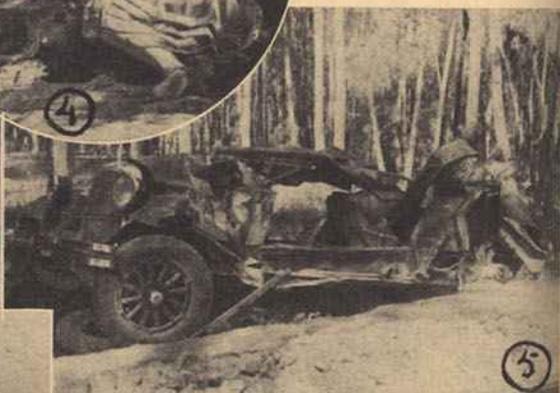
5—NA PAMPLIHOZA: Estado em que ficou o automóvel que chocou de encontro às correntes da passagem do nível entre aquela localidade e Figueira da Foz, tendo morrido dois passageiros e ficando feridos três

6—O CRIME DE LAGARINHOS. —O norte do país foi há dias teatro dum acontecimento que muito impressionou toda a gente. Por motivos duma torpe vingança Germano Borges de Carvalho foi assassinado no lugar de Lagarinhos, tendo em seguida o assassino lançado fogo à casa da sua vítima. — Local onde o povo tentou linchar o criminoso, próximo do sítio do crime e da casa do pai do Germano, incendiada



7—Maria do Carmo Bento, sogra do assassino e que é acusada de cumplicia no crime. Nesta fotografia vê-se o estado lastimoso em que o povo a deixou, ao pretender castigar por seus mãos os criminosos

8—O estado em que foi encontrado o infeliz Germano Borges de Carvalho



Decoradores e vendedores de papeis pintados são FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD., do Largo de S. Julião, que terão um "stand" no Salão da "Voga,,"

FIGURAS DO MOMENTO



DR. FINN MAMLGREEN

O jovem e célebre meteorologista, uma das vítimas da tragédia polar do «Itália» e sobre cuja morte, junto dos exploradores italianos Marianno e Zappi, tanta discussão apaixonada se levantou.



DR. ROCHA FERREIRA

MERITÍSSIMO jurista que tomou recentemente posse do cargo de juiz da 6.ª vara cível do Tribunal da Boa-Hora e é um dos mais lindos ornamentos da nossa magistratura.



JOSÉ LOPEZ RÚBIO

BRILHANTE escritor da moderna geração espanhola que visitou há pouco tempo Portugal, realizando depois sobre o nosso país ricos labores jornalísticos que o colocam entre os nossos melhores amigos.



HORTENSE LUZ

A grande «vedeta» portuguesa, a mais graciosa e distinta interprete do teatro ligeiro que, no Teatro Maria Vitória acaba de montar um espectáculo moderno com a revista «Ramboia», que será a grande sensação da época.



DR. ANTÓNIO MARTINS

ILUSTRE desportista português, concorrente às Olimpíadas em «Tiro», que acaba de ganhar, brilhantemente, o campeonato do mundo de tiro à espingarda, em pé, com arma de guerra, fazendo subir a bandeira portuguesa no mastro de honra olímpico.



JEAN LINDER

O veterano corredor suíço, de cinquenta anos de idade, detentor, há três anos, da corrida pedestre Paris-Estrasburgo e que é, este ano ainda, o grande favorito da prova.

(Foto H. Manuel).



DR. LEÃO DE BARROS

O sr. dr. Leão de Barros, conceituado professor da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, que, na abertura do ano lectivo, proferiu um brilhante discurso que versou um dos problemas de maior interesse humano — a sensibilidade.



DR. AIRES DE SÁ

O sr. dr. Aires de Sá, médico e professor ilustre na Índia Portuguesa, a quem os serviços clínicos do Hospital Central de Nova Goa ficam devendo muitos progressos na aplicação da electricidade e do rádio como agentes terapêuticos.

ILUSTRAÇÃO É A MAIS BELA REVISTA GRÁFICA PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO É A ÚNICA REVISTA PORTUGUESA QUE TEM UMA EXPANSÃO ASSEGURADA NO ESTRANGEIRO

ILUSTRAÇÃO MANTÉM A SUA SUPREMACIA PELA EXCELÊNCIA DA INFORMAÇÃO, PELA SELECIONADA COLABORAÇÃO

ILUSTRAÇÃO É O MAIOR ESFORÇO EDUCATIVO E PUBLICITÁRIO LEVADO A EFEITO EM PORTUGAL

A HORA DA AVIA- ÇÃO

1, 3 e 5—S. Ex.^a o sr. Presidente da República momentos antes de voar no dia 8 do corrente, a bordo do avião trimotor «Junkers», acompanhado pelo sr. ministro do Comércio



2—A família de S. Ex.^a o sr. general Carmona, que também o acompanhou no seu voo sobre Lisboa e Cascais

4—O avião Junkers levantando voo e levando a bordo o sr. Presidente da República, sua família e vários convidados

6—O Samos,—navio que recolheu os naufragos do avião polaco *Marszalek Pilsudski*,—depositando em terras de Portugal os restos do avião

7—Idzikowski e Kubala, os naufragos do avião polaco, entre o representante da companhia a que pertence o *Samos*, o capitão Ahrens, comandante daquele barco, e o comandante do Porto de Leixões



8 e 11—Duas curiosas fotografias do avião *Marszalek Pilsudski* tiradas em Paris no momento da partida para a grande viagem de circumnavegação aérea que se malogrou
9 e 10—A agulha vencida: os destroços do magnífico avião a bordo da barcaça que os veio depor em terra, no Porto de Leixões

HUMBERTO DE ATAÍDE

(APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA A FAZER)

Mais um ano acaba de passar sobre o trágico fim desse desventurado Ataíde que a guerra infamemente ceifou, depois de no-lo haver revelado na plenitude da sua estranha beleza moral.

Dez anos já! Dez anos já, e parece que foi ontem essa tarde azia de Agosto de 1918 (a batalha de Alcaer-Kibir foi também num dia 4 de Agosto) em que num ignorado pósto militar dos confins de Moçambique, um tiro de pistola no coração rematava brutalmente a carreira gloriosa e brava desse moço de vinte e tantos anos — simbolo vivo duma geração e vítima a um tempo dos desvários duma época e das torpezas duma sociedade gafada até à medula.

Na tristeza vil desta pátria, por cuja honra ele arriscara dez vezes a vida e a cujos brios a inmolou por fim, a noticia de absurdo suicídio passou então quasi despercebida, e quando muito parvamente sublinhada por dichotes e suspensões avares a essas esquinas do Chiado ou ás mesas sujas dos botequins onde o português de elite consome, num comércio baixo de soulheiro, toda a sua chispa, a única actividade mental de que é capaz.

Pobre Humberto de Ataíde!

Como em certos casos passionais de amantes de alta estirpe moral sacrificados a animulas mediocres de fêmeas, media-se com doloroso passo a desproporção quasi grotesca entre a grandeza do voluntário sacrificio e a mesquinhez da grei a quem era votado.

Em meio da indiferença ou do cinismo quasi gerais, só aqueles que tiveram a ventura de conhecê-lo e, por conhece-lo muito o amarem, na integridade do seu carácter, nas delicadezas infinitas do seu coração, na cultura superior da sua intelligência, na agudeza mordente do seu espirito, na sua bondade forte, maciça, risolva, na sua alegria contagiosa e límpida, na sua bravura serena e simples, em todo esse complexo de virtudes másculas, saudáveis, com que Deus se apraz em amassar a alma dos heróis, só esses sonberam sempre esperar com firmeza e com fé as causas lógicas desse bruto drama. Só esses têm sabido manter, através de tudo, imperecível no fundo dos seus corações, a chama alta dum culto e duma saúde que só



Humberto de Ataíde quando sargento-cadete de Cavalaria 2

com a morte se apagará também. Só eles, a poder de obstinação e conselheiras, por uma espécie de compromisso tácito, conseguiram enfim, lá meia dúzia de anos, lavar-lhe a memória de toda a babugem das reservas e das aleviosias, para que o seu nome e o seu exemplo não baixassem, com uma etiqueta infamante, à vala-

comum de tempo e para que, em suma, do seio da Representação Nacional, tão magnánima em ágapes funerários, se arrastasse difficilmente e de mau geito um aváro, tardio preito de justiça, sob a forma piedosa duma pensão de sangue à pobre e santa senhora que é sua mãe.

Dez annos sobre a morte de alguém são já, por via de regra, a eternidade. A vida passa; os homens passam; tudo se escoa em vertigem no delirium tremens da nevrose contemporânea, feita só de góso e de ambições malsãs; e os mortos que já não amedrontam ninguém, já não amencavam, já não ansam, já não intrigam, já não disputam os gósos venas da carne e da vaidade, esses — ai d'elles! — passam cada vez mais vertiginosamente.

Mandam ainda, é certo; mandarão sempre. Mas são pastores-fantasma de rebanho louco e cego, pastores cujas vozes já não ouvem, cujo cajado já não molesta. E, em verdade, não se pode exigir da vida nem da natureza finita de homem — o infinito. Tão perecível é tudo, tão efémera e complexa vai sendo cada vez mais a actividade social de homem, de tal modo vão dia a dia minguando cada vez mais os já curtos horizontes do seu mundo interior que bem absurdo seria pedir ao tragolida moderno que trouxesse sempre a alma em câmara-ardeente pelos seus meliores defuntos.

Não é pois o doentio desejo de impôr gratuitamente ao vulgo o culto duma afeição que nos foi cara, o que move o autor destas linhas a esta celebração melancólica. Se do exemplo dessa morte inglória, quasi malsinada à força de incompreensível, não emanasse o que quer que seja dum perfume de santidade, se das lendas desse tóscio sepulcro não fumasse como que uma legenda de heroismos, tão rica de sentido lusiada, se da pureza extreme desse acto expiatório não baixasse sobre as almas moças de hoje, de facto, respeitar a paz desse túmulo em cuja frialdade tanta generosa ambição, tão loucos anseios de justiça e beleza para sempre se foram desfazer em pó.

Compreender é um modo intellectual de amor, bem mais penetrante e fecundo que o banal amor dos sentidos. E fazer compreender é, no fundo, apenas isto: — dar sentido e hierarquia às coisas.

Que triste e árida travessia não seria, com effeito, a pobre vida humana, se ás nossas mais lindas vitórias, como ás nossas mais fragorosas derrotas não sonberassem a cada instante sacarrilhos do sentido profundo e occulto que umas e outras devem conter?

«O ideal seria fazer de cada coisa o centro do universo» — conclui, com dialectica menos tropeço do que a nossa, um amavel epicurista contemporâneo. Essa admonição nos anima a dar sentido sobrehumano ao deshumano fim do pobre Humberto de Ataíde.

E para não cairmos na fácil e vã palinódia de panegrico fúnebre, tentaremos reconstruir com fragmentos da sua curta vida o claro edificio da sua alma, tão harmoniosa, tão luminosa e tão forte como essas construcções doricas de que todo ele, moral e fisicamente era um mó-dulo.

«*Mens sana in corpore sano*» — costumava elle, com effeito, dizer com a cômica seriedade que lhe era peculiar. Assim justificava ele, no tom aparentemente chocarreiro de quem sublinha um lugar comum, a sua paixão sincera pela leitura e a dura tenacidade com que se adextrava em todos os desportos.

No fundo, porém, fóra essa velhíssima regra de suprema elegância moral que elle adoptara por divisa e que nem defronte da morte soube esquecer. As suas cartas, últimos documentos que de si deixou, atestam-no sobejamente.

Não se despediu do mundo, como um ateniense, com uma frase e um sorriso nos lábios, porque não era um frívolo nem um cético e amava profundamente a vida. Amortalhou-se, para mor-



Apontamento de Humberto Ataíde em Africa, feito pelo capitão Meneses Ferreira

rer, numa dignidade tranqüilla e simples, como o faria no seu manto branco de cavaleiro num freire de Cristo, ou no seu escudo de bronze um lacedemonio educado na dura lei de Licurgo. E para que nem uma humaníssima piedade cristã faltasse à perfeição da sua morte, as suas últimas palavras foram ainda como que um grito de inconsolável saudade por todos os que lhe eram caros, um grito que vinha já estrangulado no coração, do baraco negro do túmulo.

Vimos a conhecer-nos intimamente, à volta dos dezasseis annos, pelos accasos da vida escolar, no intervalo que então frequentavamos — o Colégio Militar da Luz. O precalço dum anno perdido a meio do seu curso, trouxera-o até à nossa turma. E dois annos mais velho que nós, vinha precedido duma terrível fama de indisciplina, intelligência e cinismo.

Nessa fase critica da adolescência, um ou dois annos a mais na craveira da idade, constituem já por si só um magnifico título de supremacia.

Não admira, pois, que em tais circumstancias a sua forte personalidade, já então plenamente formada, viesse a exercer uma influencia decisiva no espirito e no carácter ainda imperfeitamente esboçado, dos seus conciscipulos mais moços.

A sua intelligência, a sua verve contudente, o seu inalteravel bom humor, a galhardia das suas bravatas em permanente desafio ás potestades da disciplina interna, facilmente lhe conquistaram logo as sympathias ardentes dos mais turbulentos ou dos mais insubmissos da turma. Um pequeno eclatso se agrupou em torno dele. E as suas maximas foram desde logo adoptadas, as suas irreverências petulantemente arvoradas como bandeira de elan:

Foi então que elle nos impoz as suas leituras preferidas — o Eça, o Ramalho, o Flanbert, o Maupassant, com o seu travo cru e forte da vida, matando à nascença em muitos de nós uma accentuada tendência para o devaneio lírico, para o sentimentalismo piegas, para as lamúrias até e rimadas dos «*falsificadores das realidades*» que por meio do verso immoral e lambido ou por meio do romance idiota, tanto têm degradado o sentimento da grei, a educação da gente moça. Por hygiene moral, expulsámos da nossa República severamente, como Platão, os poetas — excepção feita a poucos, os raros, ao Antero, ao Junqueiro, ao Goethe, ao divino Hugo, cuja sonora fúria ou cuja elevação de idéias nos inflamavam ou nos subjugavam. E lembro-me que o sr. Baudelaire acabou por ser admitido. Eramos deliciosamente absurdos.

Foi também por essa época que elle incutiu em muitos de nós o culto dos hábitos viris e simples, o gosto pela acção, pela vida aventureira, pelos riscos, perigos e brutalidades fisicas de toda a espécie.

A água fria guiudou-se a dogma da nossa religião; e o banho quente, diário, no excelente balneário do Colégio, foi considerado coisa indigna de homens. Quem se presava devia avan-

çar, crêpidamente, ainda todo quente e snado das correrias e jogos do Ginásio, para um bom jacto de água fria, manejado com brutal perícia pelo cabo-enfermeiro, encarregado da sala de banhos.

Pouco a pouco o tipo físico, ideal, do ser humano, era para nós, como o Apolo do Belvédere, o desses atletas gregos da Antiguidade, de sólidas e estriadas musculaturas, infatigáveis, ágeis e esbeltos, prontos sempre para a luta.

Havia nisto, de certo, muita literatura e um grande luxo de imaginação. Mas havia também muita alegria espontânea, uma obscura intuição da vida; e entre estes dois polos da literatura e do atletismo, da cultura física e da actividade mental, as nossas ambições de adolescentes já-mais resvalavam na vulgaridade soez, na miopia dos mesquinhos interesses, antes ganhavam altura e nobreza, respirando a atmosfera salubre das cumeadas tendendo todas para a vida heróica como para uma razão superior de viver.

A essa disparidade brutal entre o *flm* a que nos destinávamos e o *melo* onde viámos cair, devemos atribuir lealmente o sabor de fel que a vida cá fóra mais tarde nos levou à boca, o azedume constante, a inadaptação ao meio, o fermento da amargura e rebeldia que os rapazes dessa criação, em todo o tempo e a toda a parte impetivamente levaram.

Começou cedo, começou na Politécnica essa reacção energética contra o existente. Era em pleno consulado franquista. A tormenta política rugia cá fóra. Interesses que nós julgávamos puros e de cuja sordidez nem suspeitávamos sequer, atiraram-nos logo, apaixonadamente, para a luta aberta contra um sistema de coisas, acusado às escancaras como a única fonte dos vícios, males e culpas que corroidam o corpo da Nação.

Contagiado pela febre revolucionária, Humberto de Ataíde, ainda cadete de lanceiros, formou logo na vanguarda. Durante dois anos, conspirou. Conspirou abertamente, sem resguardos, sem cautelas, circulando ligeiramente pelos tenebrosos meandros dessas conspirações de então, com a habitual fleuma do seu risonho desplante.

— Por bravata, por amor ao perigo! — tentava ele fazer-nos crer, para dissimular o que, no fundo, era um sincero ardor, uma generosa illusão de beleza e de justiça. E na hora incerta da luta, quando pela defeccão de uns, pela desânimo de outros, pela cobardia do maior número, tudo parecia perdido, ele lá estava, risonho, impassível, no bisonho quadrado da Rotunda, formando com o Viriato de Lacerda, o Francisco Aragão, o Sarmiento Pimentel, o Marrecas Pereira, essa magra ala de cadetes que tanto alento deu à vitória e que, logo em seguida, na hora espectacular e fácil do triunfo, deu de si o mais raro exemplo de isenção, regressando tranqüilamente aos trabalhos da Escola, enquanto o cortejo cívico dos appetes e das felónias já marchava, Avenida abaixo, ao som de fanfarras e de vivório, para o assalto dos empregos, das benesses, da teta fêbre da Arcada.

Poucos meses volvidos, porém, já ele gritava o seu protesto e o seu desalento. Foi no «Avante», semanário académico, que ele ajudara a fundar e se fazia porta-voz das mais nobres e desordenadas aspirações republicanas da gente moça das Escolas. Naturalmente, pela força das circunstâncias, o ingénio e juvenil periódico não poupava os mentores do novo Estado. Combativo, descontente, já vagamente desiludido foi Humberto de Ataíde um dos seus mais activos colaboradores. Como na hora incerta da Rotunda também ele ali ocupou logo um dos primeiros postos, nessa efêmera e irreverente barricada do «Avante» que foi decerto o primeiro protesto, bem republicano e puro de intenções, contra a bacanal demagógica do regime.

E desde então a interessa do seu carácter nunca mais deixou de se afirmar, ascensionalmente, com uma decisão rectilínea, uma gravidade de propósitos, uma nobreza ingénita de sentimentos que nem a chocarreira bonhomia do seu trato, nem o aparente cinismo das suas *boulades*, das suas troças contundentes, lograva disfarçar aos olhos dos seus mais íntimos amigos.

Porque um dos traços mais singulares do seu feitio era o pudor com que ele resguardava dos extranhos o melhor do seu coração, o afinado ardor que punha em mascarar sob um falso cinismo a sua imensa bondade e a sua lealdade sem mácula. Fazia gala em afichar como

cinismo, o que era apenas um queixotismo ingénio, amargo e perdulario de Cyrano.

Empanaché d'indépendance et de franchise

que por coisa nenhuma dêste mundo

ne sortirait pas avec, par négligence, Un affront pas très bien lavé, la conscience Jaune encor de sommeil dans le coin de son oeil, Un honneur chiffonné, des scrupuls en deuil.

A primeira vez que os factos puseram duramente à prova o cavalheiresco aprumo e a lealdade varonil, dominantes no seu feitio, foi por 1913, quando, simples alféres, comandava a secção da Guarda Nacional Republicana, aquartelada em Tomar.

Tinham sido presos em Torres Novas alguns oficiais de Cavalaria, da Escola Militar de Equitação, acusados de conspirarem contra o regime. Alguns deles eram seus amigos pessoais; e todos eles — como Carlos Veloso, Silveira Ramos — perfectos homens de bem e do melhor que então contava a nossa cavalaria.

Confiado à sua guarda, Humberto de Ataíde pensou logo, naturalmente, suavisar-lhes o cativo, indo cavaquear com eles à tarde, cedendo-lhes livros, prestando-lhes, em suma, sem atraçoar o seu dever, essas meudas gentilezas que são o natural condricio entre pessoas educadas, sejam quais forem as barreiras religio-



Humberto de Ataíde, antes de partir para a Africa

sas ou políticas que no seu fóro íntimo as separam.

Ao saber dêste afavel convívio, os patriotas de Torres esvurmaram de sagrada cólera. Uma deputação veiu à Capital da República denunciar o nefando crime. E Humberto de Ataíde, o antigo cadete da Rotunda, acabou por ser chamado a Lisboa, para ser admoestado no Comando Geral da Guarda.

Foi essa afinal a determinante da sua primeira aventura africana. Revoltado, amargurado, pediu logo a sua exoneração de oficial da Guarda, e foi oferecer-se para servir no Ultramar em comissão ordinária no posto imediato, por dois anos.

As suas decisões eram assim lisas, limpas, rectilíneas. Não mendigava a sombra dum favor; não fazia almoceda com as suas convicções, com os seus serviços, com os seus direitos.

Promovido condicionalmente a tenente, embarcou para Moçambique em princípios de 1914. Em Agosto desse ano dava-se a conflagração europea. A sua companhia de landins — a 15.ª de infantaria indígena, onde fóra colocado como subalferne — foi mobilizada logo e mandada a reforçar a guarnição de Angola. Algumas cartas suas desses tempo, para os amigos, dizem bem o que era então a sua exaltação patriótica, o seu entusiasmo pela defensão das nossas fronteiras africanas.

E desde então é já batido por outra luz, pela luz violenta e crua da guerra, que a sua in-

confundível personalidade começa a ganhar relevos, uma dureza de traços, uma nobreza de feições que desejaríamos fossem a fisionomia comum dos portugueses do nosso tempo que vestem uma farla.

A expedição de reforço a Angola, do comando do coronel Roçadas, vai encontrar o tenente Ataíde, subalferne da 15.ª, no Sul, entre o Cuamato e Naulila, em Otokero. O coronel Roçadas, que devia conhecer a psicologia do homem de guerra, ao deparar com Ataíde, com a sua robustez maciça, a sua calma expressão de energia e vontade, não hesitou em investi-lo no comando da Companhia. Foi já à frente dos seus bravos landins que ele, embora não tivesse entrado em fogo, por aclarar-se em Otokero, cobriu, numa marcha que ficou célebre, a debandada trágica de Naulila.

Mas destinos mais altos o esperavam. A invasão alemã succedeu-se a revolta do Cuamato. E foi durante essa dura campanha de 1915, no Sul de Angola, sob o comando do valoroso general Pereira de Eça, que o moço comandante da 15.ª indígena se coroou de louros e fez da sua carne um crivo de balas.

Entrou em todos os combates, em todas as acções — e em quasi todos foi ferido: a primeira vez no Humbe, duas vezes na Mongua e por último no segundo combate da Mongua. A sua fleuma debaixo de fogo tornou-se proverbial. Conduzia os seus homens com a elegância, a precisão, a calma dum Malbourough, aquele cujas vitórias floriam em canções.

E nos assaltos à baioneta, carregava à frente dos seus impetuosos landins, sorrindo e brandindo uma bengala. Pereira de Eça pôz-lhe uma alencha heróica — o «Pára-balas».

Mas como uma das balas lhe estilhaçara quasi uma mão, foi mandado regressar à Metrópole, porque o caso apresentava-se grave.

Veiu. Na Mãe-Pátria esperava-o o Hospital e uma odíssima hospitalar que tem tanto de trágico como de burlesco. Para encurtar razões, ao fim de quasi vinte dias sem tratamento, ele teve de fugir do Hospital Militar da Estrela, desertar, acolher-se aos cuidados e competência dum grande cirurgião, seu amigo, o dr. Pais de Vasconcelos, para salvar da amputação e da gangrena a pobre mão estilhaçada. E ao cabo de tal odíssima que esteve para valer-lhe um conselho de guerra, a burocracia reservava-lhe outra mais doce surpresa.

Como lhe faltasse uma dezena de dias, para, nos termos da lei, lhe ser validada a promoção, os incorruptíveis hermenutas dos textos, os zeladores da justiça, os pundonorosos burocratas colocavam-no nas tenazes dêste dilema: — ou voltar a Moçambique a completar êsses vinte e tal dias de serviço que lhe faltavam para ter direito à promoção, ou arrancar do braço os seus galões de tenente que tinham brilhado ao sol, ao claro sol, amigo dos heróis, marcados pela polvora de tantos combates.

Deficiado com a soberba pilheria, contrangido no íntimo por tanta mesquinhez moral, optou pelo regresso à Africa. Decididamente, a Mãe-Pátria só merecia que se lhe voltasse as costas.

E foi isso, decerto, o que o decidiu. Em Junho de 1916 embarcava de novo para Moçambique, com dois dedos a menos na mão o uma montanha de desilusões a mais na alma. Partiu para não mais voltar.

Colocado no distrito de Angóche, no país dos Magóvolos, como comandante do posto-militar de Nametil, para lá partiu dois meses depois de se haver apresentado no Quartel-General de Lourenço-Marques. Al viver, durante dois anos, alegremente, entre os seus livres, os seus retratos de familia, as flores do seu pequeno jardim, no silêncio e na paz do interior africano. O seu grande regalo espiritual era comunicar, por meio de longas, frequentes e substanciosas epistolas, com os amigos. De facto, datam de então as suas mais belas cartas. Parece que uma lenta conversão às verdades eternas da vida se ia então operando no seu espirito. No dia em que as mãos piedosas dos seus amigos, depois duma selecção cuidadosa, reuniram e publicaram em volume essa vasta correspondência, nesse dia a mocidade portuguesa terá mais um brevíario para a sua aprendizagem de homens e de portugueses. Essa tarefa há de fazer-se um dia.

Empreendedor e activo, no seu posto de Nametil, não se entregou, porém, à vida sedentária de silarita a que é de uso o europen aban-

donar-se em África, amolecido pelos calores torridos do clima, pela monotonia da solidão, pelas facilidades da vida. Durante o seu comando em Nametil, a sua acção de pacífico senhor do país dos Magdólos foi tão acertada e fecunda, como o havia sido infatigável e brilhante o seu esforço de homem de guerra.

Disso nos deu, mais tarde, testemunho insuspeito o então governador de Quelimane, sr. coronel Silva Leal, gabando a administração modelar que Humberto de Ataíde fizera no seu comando.

— «Não havia em todo o distrito melhores estradas que as de Nametil. Administrava tão escrupulosamente a justiça que os indígenas tinham por ele uma espécie de culto. A cobrança e escrituração do imposto era feita por uma fórmula modelar. Um ano depois da sua morte ainda as estradas, por ele mandadas fazer, eram admiráveis e o Nametil era considerado em todo o distrito o mais gostoso de comandar, pelos hábitos de disciplina, pelo prestígio da soberania portuguesa e pelas normas de administração que ele ali tinha deixado. E note o meu amigo, acrescentava o distinto colonial, o Ataíde fora lá encontrar um chavascal autêntico!»

Mas, reatando o fio da nossa história, afi o foi surpreender, todo entregue aos seus pacíficos labores, o tropel de guerra que a criminosa inépcia dos governos e comandos de então, portugueses e sul-africanos, não soube evitar que desbordasse do seu natural teatro de operações, ao norte do Rovuma.

Como um furacão assolador, as vitoriosas e aguerridas tropas de Von Lettow invadiram e talaram, na primavera de 1918, todo o norte do nosso território, numa audaciosa investida sobre Quelimane.

Os nossos aliados sul-africanos, a pretexto de nos auxiliarem, colaboravam na invasão. Com a mais insolente arrogância, por onde quer que passassem, era o seu primeiro cuidado captarem a confiança do indígena, indisposto contra nós, minar pela base todo o nosso prestígio e soberania aos olhos crédulos das populações negras. Nessa contradição de marchas e retiradas, duas companhias sul-africanas chegaram, fins de Junho, a Nametil e acamparam perto. Humberto de Ataíde, como comandante do posto, cumprindo ordens recebidas, apresentou-se ao comandante da coluna e ficou às suas ordens.

Chegou-lhe a sua hora de fatalidade. Colhido pelas engrenagens dessa tenebrosa máquina de cobardia e de traição da política sul-africana, o pobre e ingénio herói estava de antemão condenado a não mais se desenvenillar dela, senão bem triturado, com o coração e a alma sangrando agonias.

As hostilidades entre o major sul-africano e o oficial português romperam daí a dias.

Começou por uma nota do afrikander, denunciando como suspeitos de entendimentos com o inimigo, todos os quasi todos os cipaios da garnição do posto. Calando a sua revolta pelo grosseiro embuste, não tendo maneira de contrariar a infâmia, o Ataíde cedeu. Dadas as circunstâncias, as ordens recebidas, a natureza da suspensão, proceder de outro modo seria proovar desde logo um conflito de jurisdições que se lhe afigurava grave.

Consentiu, pois, em que fossem desarmados os seus soldados indígenas e ficou apenas com meia dúzia de cipaios, mal armados, e 1 sargento europeu.

Entretanto havia informações de que os alemães avançavam por esse distrito, devendo forçosamente passar pelo posto de Nametil. Os sul-africanos comunicaram ao Ataíde que tomasse as suas precauções para a contingência duma vitória alemã no inevitável combate que se devia travar. Desnecessária advertência, pois que essa torpe milícia sul-africana até então para nada mais servira senão para ser periodicamente zupada, escarnecida, pelos agnerriños azarais de Von Lettow-Vorbeck! O Ataíde tomou pois as suas precauções que tão somente consistiam em evitar que os armazens do posto, abarrotados de viveres, viessem a cair nas mãos dos alemães vitoriosos.

Dois dias depois, um intenso e longo tiroteio para os lados do bivaque sul-africano, pôe-no de sobreaviso. Devia ser o anunciado combate. Ataíde passou a noite ao relento, com a sua gente, e disposto a todas as eventualidades.

Acabado o tiroteio, tratou logo de se informar. Mas os sul-africanos tinham debandado, levantado o seu bivaque, sem deixar rasto nem notícia. Dos alemães também não havia notícias. Para onde teriam ido? Ter-se-hiam internado no mato, como era sua tática, para caírem de surpresa, pela madrugada, sobre o posto?

Ignorante de tudo, desajudado de todos, sem soldados para defender o posto, nem elementos para apreciar a situação, então, afim de evitar um mal maior, cumpria as ordens anteriormente recebidas — pôr fogo aos armazens.

Depois, com a sua magra escolta, marchou ao acaso, até encontrar esses três aliados. E o seu pasmo não conheceu limites, ao vir topá-los, muito tranqüilos, bivacando no posto de Mbatúa, algumas léguas à rearguarda de Nametil.

— «Não! Não tinha havido nada», foi a insólita explicação que obteve. «O tiroteio que se ouvira, fora um simples ensaio de metralhadoras. E ele, tenente Ataíde, não devia ter mandado incendiar os depósitos!»

Tão alvarmente posta em cheque, por essa reles tropa afrikander, a sua hora de militar e de português, não lhe soffreu mais o ânimo onivrilhes as insolências. Só lhe restava uma solução — um inquérito, um conselho de guerra, a ilibação total. Nesse sentido enviou logo



Humberto de Ataíde, em África, com o alferes Araújo, heróico comandante dos dragões em Nametil

um extenso relatório ao comandante militar português da região, o então major José Cabral, seu devotado amigo e actual governador geral de Moçambique.

Não obteve resposta.

Debalde mandou segunda, terceira nota. Por fim um telegrama angustioso, pedia urgentemente uma palavra, uma sanção, fosse o que fosse... A resposta não chegou nunca!...

Convencido, enfim, de que cometera um erro crasso, tão crasso, tão facilmente confundível com a cobardia, que nem desse amigo certo merecia uma palavra boa, um gesto de defesa, um apelo, tornou-se juiz da própria causa. E foi inexorável consigo mesmo, o ingénio, o romântico, o impoluto herói!

A miserável cabala dessa tropa do sul de África tinha surtido os seus efeitos. O *moi d'ordre* recebido lá de baixo, da União, fora cumprido à risca. Porque veio a saber-se depois, que nenhuma das notas, dos telegramas, dos angustiosos apêlos do pobre Humberto de Ataíde ao seu comandante e amigo José Cabral, tinham chegado ao seu destino. Os miseráveis, por cálculo ou por desdem, tinham-nos cassado todos, interceptado todos, retido todos entre a sua papelada.

Foi apenas isto, esta pequenina torpessa, que ele ignorou sempre, de que ele nem suspeitou nunca, o que levou a condenar-se e a justificar-se por suas mãos.

Só quem nunca se viu ainda, em África, sozinho consigo mesmo, nesse léguas e hóstil silêncio do mato africano poderá acusar esse bravo rapaz de fraqueza de ânimo nesses minutos supremo. Demais, ele devia andar adoentado, convalescente ainda duma crise de febre. E não há nada mais depressivo que um longo estágio de vida sedentária em África.

Foi tudo isso, decerto, que se abateu, como

um bando sinistro de còrvos, sobre o seu espírito conturbado, a obnubilá-lo a clara visão das coisas. Se um de nós, um amigo seu, lhe tivesse podido então assistir, se uma palavra sensata do comandante José Cabral lhe tivesse chegado às mãos, ele, o valoroso soldado, teria saído vitorioso dessa cabala, dessa cilada que os dignos compatriotas de Cecil Rhodes lhe armaram.

Num relatório do sargento que até ao fim, lealíssimo, o acompanhou sempre, mas com quem éle, decerto, por disciplina e orgulho nunca entraria em confidências, diz-se que: «no dia 4 de Agosto, desesperando de obter qualquer resposta do sr. major Cabral, o sr. tenente Ataíde fechou-se no seu quarto a escrever cartas e a rasgar papéis. As três horas da tarde, tendo perguntado ainda se tinha vindo algum correio para éle, como nada lhe viesse de facto, ele tornou a fechar-se no quarto e pouco depois desfechoa a sua pistola no coração.»

As duas cartas que deixou, eram uma para sua mãe, e a outra para o major Cabral.

Sem comentários, porque os não precisa, transcrevemos uma delas, a última. Qualquer palavra que se lhes juntasse, sujá-la-hia como um pingo de sêbo. Essa carta devia andar decorada por todos aqueles que em Portugal vestindo uma farda do exército, têm ainda da hora militar uma noção ambígua e difusa.

Porque sinceramente cremos que a qualquer dos homens que encheu com o fulgor do seu nome a nossa história militar — um Conde de Arranches, um Afonso de Albuquerque, um Duarte Pacheco, um Heitor da Silveira, um Sá da Bandeira, um Monsinho — não repugniaria pôr o seu nome por baixo dessa carta.

Mbatúa, 18-9-18. — Meu Ex.^o Amigo: — Esta carta é-lhe devida por duas razões: porque V. Ex.^o faz favor de me dispensar a sua amizade e porque lhe devo ter dito verdade de não ter sabido responder até ao fim à confiança que em mim depositou.

Praticou um erro: erro tanto mais grave quanto de hoje ter consequências gravíssimas sob o aspecto da nossa soberania aqui — mas aqui o declaro a V. Ex.^o — no momento em que o praticou estava absolutamente convencido de que tal devia fazer. Sou uma vítima das acções imprudentes e não um covarde vulgar. Nunca menti na minha vida em coisas em que a minha dignidade pessoal estivesse envolvida. Tudo quanto fiz, fiz de acordo com a minha consciência e não precisava pois de para me justificar, recorrer a embustes e a falsidades. Nesta ocasião suprema, muito menos vou faltar à verdade, que todo o homem de honra deve colocar acima de tudo: Declaro a V. Ex.^o que na ocasião em que fiz o desgraçado acto, que hoje me leva ao asilamento, eu, e julgo que comigo, quantos me acompanharam, estavam absolutamente convencidos de que se tratava a única solução que as circunstâncias reclamavam. Foi infeliz, mas não fui covarde. Durante a minha vida de oficial, várias vezes afrontei a morte, em casos bem mais terríveis do que em Nametil e nunca élla lhe teve medo. Hoje mesmo que findo está, sou metido na cabeça o ponto final da minha vida. Julgo que deus me perdoe mais de que se tal de Nametil o não fiz por recelo de morrer. Tendo a obrigação de morrer no meu posto, eu não me julguei com o direito de sacrificar impiedosamente e ingloriosamente os que me acompanharam e daí a razão do meu acto.

Um inquérito bem ordenado, feito com amor e zelo mostrará, que sou uma vítima da confusão desgraçada em que os ingleses nos colocaram.

Se em minha consciência, fiz o que devia fazer, nem por isso deixo de compreender que me enganei e praticou uma grave falta. Faltas desta natureza — só uma coisa as limpa e redime: o sangue — E por isso me mato.

Restame pedir, que aos que comigo me acompanharam nada seja feito. Assumo a culpa e inteira responsabilidade de tudo. Para viltimas baixo eu.

Adeus, meu caro amigo, abraço em meu nome, quantos amigos temo: — o Resto, o João de Meneses, o Sarmiento Pimentel, o Mac Bride, o Cunha Leal e tantos outros cujos nomes me ocorrem ao coração, a este coração a que eu os desejava estrellar e que dentro em pouco estará frio e inerte. Mais uma vez peço a viltima abraço do seu companheiro de lida: — a) Humberto Ataíde.

Vai já longo o arrazoado para mais considerações. Mas antes de pôr-lhe o ponto final, seja-me permitido pôr ainda uma última questão.

Perante o exemplo dessa vida e a tremenda lição dessa morte, não é lícito afirmar-se que o precoce fim de Humberto de Ataíde foi alguma coisa mais que o simples óbito dum oficial em terras de África? Não teria morrido com éle o velho brio português?... E não nos assiste ainda o direito de fazer outra pergunta?

— O que não haveria a esperar d'este honrado e heróico móço? De que prodígios não seria ele capaz, para maior glória do seu tempo e da sua terra?

Lisboa, 4 de Agosto de 1918.

CARLOS SELVAGEM.

LIVROS E ESCRITORES

Dos livros de memórias, sobretudo dos que para saírem aguardam a morte dos respectivos autores, há quasi sempre que reacar quanto a revelações indiscretas e a assomos de mau-humor contra os contemporâneos: muitas vezes trata-se de senhores que passaram a sua vida em falas de mansidão seráfica e salamaleques a torto e a direito e, mal se apanham na tunia e portanto bem a salvo do desfôrço dos atingidos, esguicham dos seus papéis íntimos uma saravada de improperios e caluniosos comentários sobre todo e qualquer que algum dia teve a desgraça de os ferir no orgulho ou nos interesses. E quando os vivos com piedade murmuram o clássico «paz à sua alma!» logo elles, inopinadamente e com uma ironia acutilante, respondem de além-túmulo: «Paz? Ainda é cedo, amigos; primeiro vamos ao nosso ajuste de contas...» Curiosas, muito curiosas mesmo, algumas das páginas dessa natureza, por as ter salgado com mão furta o escândalo. Curiosas, sem dúvida, mas também muito antipáticas, como tudo que é saldo do ventre da cobardia, — devemos concordar aqui à puridade.

Com o livro *Os meus serões*, de Cândido de Figueiredo, agora saldo e por isso póstruo, o caso é bem diferente, se bem que seja também de memórias o seu conteúdo. Dêle foi afastado todo o espirito de maledicência, todo o prurido de vindicta, — sem que aliás dessa falta de acre tempêro advenda aironamento de interesse na leitura da obra. O eminente mestre da linguagem portuguesa que foi Cândido de Figueiredo, filólogo de reconhecida autoridade e dicionarista dos mais operosos que ainda têm surgido entre nós, limita-se a contar aqui a sua vida, num período longo de meio século que ele sempre semeou de trabalho e de onde muitas vezes não colheu trigo bastante para a sua mesa. Com saborosa graça e extremo apuro de estilo, os episódios e as figuras vão-se desenrolando e desfilarão nestas páginas, agora memorando a estreia literária do autor, depois a forma romanesca do seu primeiro casamento, por último as suas canseiras sobre as lanchas do grande dicionário que deixou e que constitue a mais opulenta herança dum intelectual amigo da sua terra. Tudo isto e muito mais, às vezes em notas tocadas de sentimento, outras através da anedota que provoca o riso, o autor condescendeu em transmitir-nos, dando-nos, no exemplo da sua vida bondosa e diligente, uma lição que cumpre propagar como precioso antidoto para a perversão e a indolência de que vai tão inquinada a era presente.

Literatura variada e vivida, attributo este que mais se realça no seu desuido estilístico, é a que nos fornece o livro *Cartas de Africa*, do sr. Manuel Köpke, autor que já conheciamos desde o aparecimento do seu trabalho *No serão de Africa*, afim no título e no assunto do actual. Elogiámos essa obra de ontem — bom tentamen dum fabulário negro — e à de hoje temos de conceder elogios não menos calorosos, porque se trata também dum livro repleto de interesse, rico em quantidade e qualidade de informes sobre os usos e costumes dos indígenas africanos. Flagrantes, tôdas estas páginas nos cativam pela sua novidade, pelo seu intenso pitoresco e até mesmo, em certos pontos, pelo seu poder de emoção. Através delas vê-se quanto espirito de sacrificio e quanta resistência física e moral tem de possuir o europen para, nessas terras ardentes, resistir não só à hostilidade do clima como também a toda a outra enorme legião de inimigos. Mas ao homem digno de tal nome apraz a luta, deleita a aventura, embriaga a acção heróica, seduz o

mistério das selvas. E por isso o sertanejo, afrontando embora o perigo, não foge a essas emoções fortes que em si mesmas incluem o prêmio do orgulho. A vida dos acampamentos, com os seus serões preenchidos por adivinhas e fábulas; a música do gentio não desprovida



Manuel Köpke

de sentimento; as caçadas nos leões e nos búfalos; enfim, as mil peripécias com que o homem branco procura iludir o tédio, de tudo isto, com uma arte espontânea de narrar, nós dá fé tal livro, cujos muitos assuntos não podemos resumir neste breve comentário. Finda a sua leitura, além do prazer bem penetrante que elle nos deu, ficamos esta certeza: ao sr. Manuel Köpke compete hoje um bom lugar na fila dos folcloristas do continente negro.

É também de ambiente africano o volume que o sr. Gastão de Sousa Dias nos oferece. Intitula-se *Cartas de Angola* e dal dever-se deduzir que a sua matéria versa exclusivamente os casos e os problemas daquela provincia ultramarina. Composta de crónicas de variado tema já em tempos insertas em revistas e jornais, nem por isso a leitura da obra realza o seu préstimo, pois os assuntos tratados são dos que permanentemente interessam, não sendo também qualidade despendida nelas o vigor e o brilho da linguagem, dignos duma peça que nasceu para comunicar com o público, dom que o autor já demonstrara no seu admirável livro *Africa Portuguesa*, premiado no Concurso de Literatura Colonial. Livro honesto, vibrante de patriotismo inteligente, occupa-se das questões do ensino, da viação, das missões religiosas, etc., sempre com bom-senso e tolerância modelares. E entre estes pontos de vista de caracter práctico, não deixam de aparecer algumas páginas de grande colorido, tais

uma *Carta a um pessimista*, trecho que devia ser espalhado pelas nossas escolas. Há nos seus últimos períodos a beleza viril duma ode.

Chuva de Maio é um volume de liricas dum estreante: o sr. Paulo Frazão. Logo a poesia de abertura e que dá a razão do título nos impressiona bem, pela sua leveza de conceitos e sua elegância estrófica, impressão favorável essa que muitas das composições que se lhe seguem não desmentem e antes radicam. Em demasia o autor insiste nos temas eróticos, que, é certo, sob a sua pena adquirem por vezes um recorte deveras original, como, por exemplo, em *O modelo de Praxiteles*. E por isso muito nos agradou a surpresa de vê-lo, quasi ao findar da obra, voltado para um horizonte só revestido de espiritualidade: referimo-nos ao tríptico, consagrado pelo autor aos seus filhinhos. Se até ali haviam vibrado os sentidos e tivera voz o artista, aqui foram dadas asas ao sentimento e falou alto o verdadeiro poeta.

Pelo processo de aguarela, isto é, usando tons mais brandos, o sr. Pires de Matos, segundo tenente da nossa Armada, produziu uma obra que, se participa do género de novela, por o seu esquema ser o duma fábula amorosa, também se inscreve no da crónica de viagens, pois são caracteristicamente desta fudole muitas das suas páginas. Devemos mesmo definir *Saídas do Mar* — assim se denomina o volume — como uma história sentimental diluída num canhenho de gratas impressões de bordo, impressões que por vezes tomam o alegre aspecto de maritimas alagadas de sol moço e ar tonificante. Por isso é que, não obstante ser triste o desfecho da história, com a morte do seu protagonista, esse bom António dos Quintais que, precisamente a poucos dias de se ligar para sempre à mulher que amou desde



Paulo Frazão

criança, baqueia numa refrega revolucionária, a leitura finda sem que nos fique um peso sobre o coração. É que a tragédia repugna ao temperamento do autor: assinalou o facto doloroso mas não o carregou de crépes. E vein mesmo, num sópro de optimismo, insinuar-nos que a vida continuamente se renova e que às vezes são bem ardentes de cor, como bocas ávidas de beijos, as flores que brotam sobre as campas.

Obediente à tradição de pôr um termo festivo à vida escolar, com a chamada récita de despedida, o curso de medicina de que fez parte o sr. dr. José Figueira Lopes encarregou-o a ele de elaborar a respectiva peça. De tal encargo saiu o *Auto do Escultor*, agora impresso em ligeiro volume. Lendo-o não cobramos a convicção de estar perante nós uma obra literária de grande vulto e perfeita traça, coisa certamente que nem o próprio autor trouxe nunca em mira. Todavia, devemos assinalar-lhe qualidades positivas: um diálogo elegante numa redondilha que raro infringe os bons moldes poéticos, e uma graça que evita sempre degenerar na mordacidade. Assim, esta modesta obra há-de, pelo menos, ser relida muitas vezes com saúidade pelos que acompanharam o autor nos seus anos de estudo.

O poeta madeirense sr. Jaime Câmara ama os moldes clássicos do teatro português, esses antos de estirpe religiosa em que se notabilizou o talento faceto e forte de Gil Vicente. Agora, como prova desse amor, elle nos enviou a segunda estampa do seu formoso *Auto das Filhas*, ensaado em suas albas & outras cantares per Gustavo Coelho. É a poesia pastoril dialogada em linguagem arcaica, projectando o presépio onde nasceu Jesus na terra insulana, entre zagais e mais figurantes, que assim tomam na obra uma feição regional.

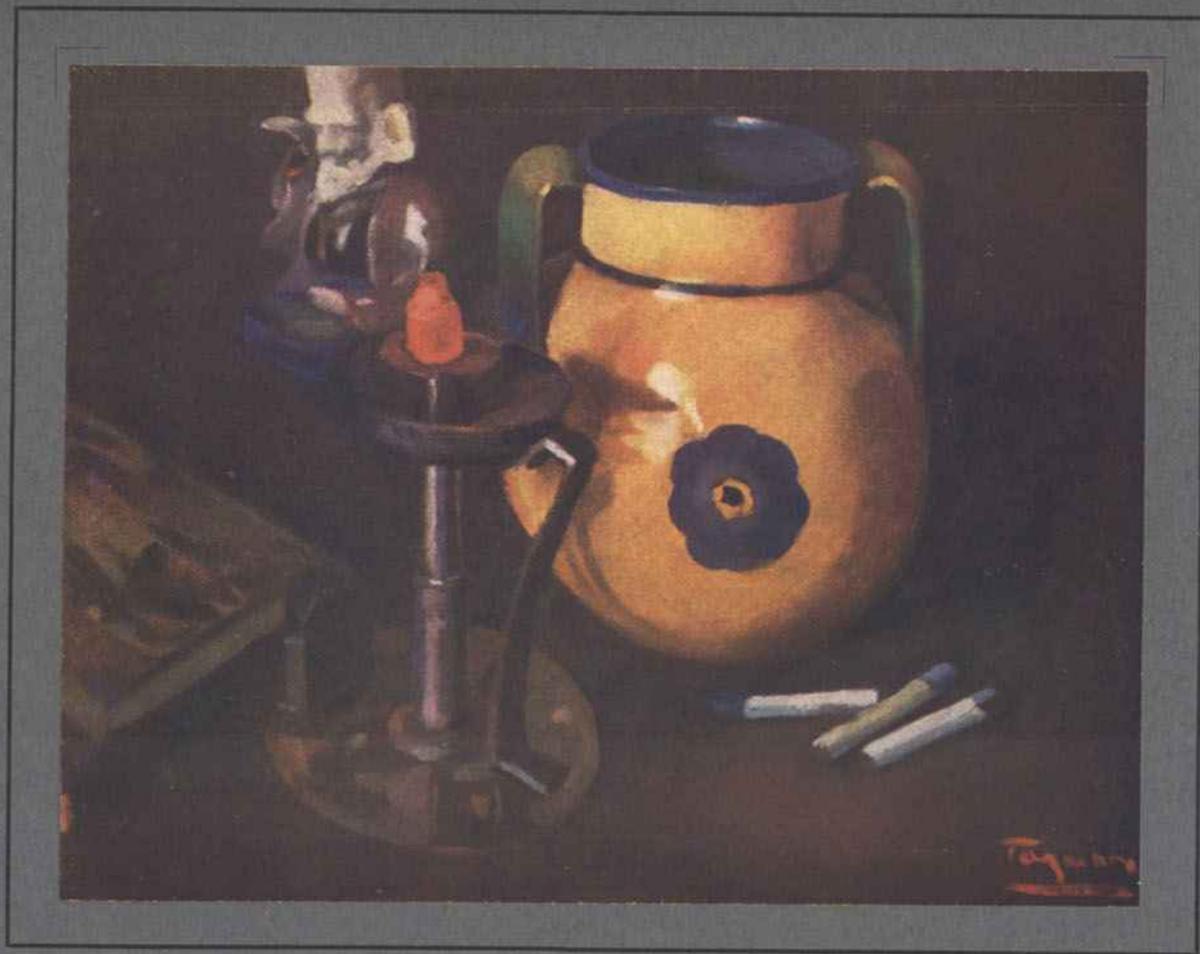


J. Figueira Lopes



Pires de Matos

como as das crónicas *O Massacre de Cuangar*, em que há tons de epopeia, *A romaria da Senhora do Monte* e outras. Finda o volume por



JOSÉ TAGARRO — Natureza morta

HINDENBURG

O HOMEM DE GRANITO

POR T. R. IBARRA

(Exclusivo para a *Ilustração*)

Vai para três anos, unidos de nós, correspondentes de jornais, encontrávamo-nos assentados à mesa de uma cervejaria de Berlim. O marechal de campo Paulo Von Hindenburg, comandante em chefe dos exércitos do Império alemão durante a Grande Guerra, acabara de ser eleito Presidente da República alemã e nós havíamos telegrafado milhares de palavras aos nossos jornais sobre o acontecimento, ao mesmo tempo, que nos sentíamos perplexos acerca do que poderia significar a eleição do célebre candidato germânico. Ao dar notícia do caso, a maior parte de nós pensava que isso implicava o regresso dos *junkers* ao poder, a eventual substituição do *rèpublica* pela monarquia — provavelmente com um Hohenzollern — e a conseqüente alteração da paz na Europa. E concentrávamo-nos sombriamente, o espírito agitado por dúvidas, ali na cervejaria, em frente das grandes canecas de loira cerveja...

Das nossas sombrias considerações passamos à discussão de Hindenburg como homem.

— Mas, afinal, quem é ele — perguntou um de nós — para assim ter sido escolhido tanto na paz como na guerra? A sua personalidade é, todos o sabem bem pouco simpática. Politicamente não sabe nada. Não é um diplomata. As batalhas e campanhas que lhe grangearam grandes créditos, foram — não há hoje dúvidas a esse respeito — planeadas por Ludendorff. Tem uma cara que faria chorar de medo uma criança. Porque demónio pois, os soldados se deixavam matar por ele e os civis o adoram? O que é que existe de extraordinário em Von Hindenburg?

Alguém que até ali estivera calado durante a discussão, replicou subitamente:

— O que nele existe, diz-se numa só palavra: Carácter.

Era verdade!... «Sim», concordamos todos, é um carácter: eis tudo!

Carácter... Sim, foi ele que ergueu a figura de Hindenburg. Foi o seu carácter, mais do que a sua relampejante espada, que serviu o seu senhor, Guilherme II de Hohenzollern: foi esse carácter que excedeu em eficácia as ambições e a inteligência de Erich von Ludendorff. Há no velho marechal Hindenburg uma genuinidade, uma solidez, uma dureza que fazem com que instintivamente os homens nele confiem. Se a um bloco de granito pudesse ser insuflada uma alma, esse bloco de granito seria Paulo Von Hindenburg.

As suas qualidades, ásperas e pouco ornamentais, deram-lhe fama durante a guerra; agora, após três anos de presidência da República alemã, essas qualidades vieram ajuntar-se à fama que grangeou durante a paz e a qual, mais alto o elevará na história do que os seus laureis militares.

Há três anos, nós, correspondentes em Berlim dos jornais americanos, olhávamos com apreensão para o presidente eleito Von Hindenburg. Haveria nisso matéria para censuras? Consideremos um pouco a nossa posição:

Nos primeiros meses de 1925, alguns dos mais significativos reaccionários dos *junkers* alemães — incluindo aquele barbudo veterano da guerra que se chama almirante Von Tirpitz — haviam-se



Hindenburg antes de ocupar a presidência, fazendo o seu passeio a pé quotidiano

ajuntado em secreto conclave e decidido que, os seus fins em vista, melhor servidos seriam desde que se fizesse sair pela segunda vez o velho Hindenburg do isolamento a que ele se votara e elegendo-o Presidente da República Germânica. E assim, dirigiram-se à tranqüilla casinha do Hannover aonde o velho militar pensava acabar a sua vida — era essa pelo menos a intenção de Hindenburg — e conseguiram vencer a sua resistência, levando-o a aceitar a nomeação.

Hindenburg foi eleito segundo todas as regras e por uma absolutamente esmagadora maioria. Os *junkers*, os enamorados da Morte, os antigos oficiais dos exércitos do Kaiser durante a Grande Guerra, aqueles que haviam embainhado com relutância as espadas, rejubilaram, agitaram bandeiras e gládios, abertamente mostraram a sua convicção de que para a Alemanha soara a hora de se vingar dos seus inimigos durante o pavoroso conflito.

Por toda a Alemanha parecia ouvir-se o tinir das armas, o trovejar do canhão. As nações da Entente, especialmente a França, olhavam bélicamente o povo alemão, prontas a erguer-se nos primeiros sinais de perturbação da paz. E esta parecia seriamente ameaçada por um enorme perigo. Deveríamos pois nós, jornalistas america-

nos em Berlim, ser censurados por ver com desconfiança o marechal de campo Von Hindenburg, eleito Presidente da Imperial República? por assim termos telegrafado aos nossos jornais em milhares e milhares de palavras?

Mas a esses jubilosos *junkers* faltara tomar em consideração uma pequena ocorrência sucedida na tranqüilla moradia hanoveriana do velho Hindenburg. De certo se permite à nossa imaginação o pintar essa aludida scena, que Hindenburg desempenhou sózinho, sem testemunhas... Essa scena deveria ter sido, pouco mais ou menos, assim:

Um velho — um homem já mesmo muito velho — sentado, áspero, carrancudo, envolvido pelo silencioso segredo da noite, entre os modestos móveis herdados dos seus antepassados e pensando como segue:

— Desejam que eu seja o Presidente da República Alemã. Republicano não o sou. Sou monárquico. Mas dizem-me que a melhor maneira de servir a minha pátria é deixar-me eleger Presidente. Se eu for eleito terei de fazer um juramento solene de sustentar a República! Bem: se eu fizer esse juramento, preciso será que o cumpra, inteira e sinceramente, sem nenhuma reserva mental de espécie alguma, e eu cumpri-lo-hei, assim Deus me ajude, até ao fim da minha legislatura presidencial, pensem lá o que pensarem de mim. Assim é que é!...

Foi essa silenciosa vigília que decidiu o velho hanoveriano a aceitar a Presidência da República. E hoje, três anos volvidos sobre essa decisão, Hindenburg, conhecido agora por ao velho da Wilhelmstrasses pode recordar o seu juramento estrita e fielmente observado; pode calmamente evocar a Germania republicana que esse juramento ajudou a fortificar, a mãe pátria salva dos novos perigos que a ameaçavam, o mundo preservado duma nova guerra devido à atitude que ele tomou.

E aqueles que sabem bem quem é Hindenburg asseguram que, até ao fim da sua legislatura, não haverá um só desvio na carreira que o velho guerreiro impoz a si mesmo trilhar.

Carácter — eis o que ele possui e poz em prática.

Fácil teria sido para o Presidente Hindenburg o ter actuado de forma diferente. Poderia tê-lo feito só com uma leve quebra de consciência, como usam fazer os políticos sempre que desejam justificar uma táctica discutível, um tortuoso desvio de situações severas... Não faltavam velhos conselheiros *junkers* que lhe indicassem o caminho tortuoso.

Mas, durante três anos Hindenburg tem sido impenetravelmente surdo aos cantos da sercie. Jámais se desviou do juramento que fizera e a ele se tem mantido fiel e leal.

Bem cedo após o seu acesso à Presidência ele poderia ter dado satisfação aos desejos dos que representam o elemento reaccionário alemão, dos que dia e noite sonham com o retorno da monarquia e do militarismo. Bastaria para isso declarar-se ditador e assim minar o desenvolvimento da democracia alemã logo no início da sua carreira. Fácil é, em verdade na República Alemã o caminho para a ditadura. Tudo quanto o Presidente necessita fazer — e foi o que fez Ebert seu antecessor, — é declarar a situação excepcional, dissolver o Parlamento e governar todo o país sem interferência parlamentar. E tal estado de coisas pode ser prolongado meses sobre meses desde que se insista nos caracteres de excepção do tempo que corre e adiando muitas e muitas vezes a data das novas eleições para o Reichstag.

— Faça-se ditador! — gritava de lá a sereia dos junkers no velho da Wilhelmstrasse. — Acabe com o Parlamento! Prepare o caminho para a volta da monarquia! Mate a República!

Por fim estes pedidos acabaram por se tornar insistentes. Os junkers começaram a sentir-se impacientes com o velho Hindenburg. Conhecendo as suas qualidades de prussiano militarista e de dedicado servidor dos Hohenzollern, candidamente acreditavam que, para ele, um juramento seria coisa de pouca monta e assim se tornaria o instrumento docil dos sonhos dos junkers. E vai daí, um dia, enviaram-lhe um ultimatum. Era preciso que honvesse — diziam — uma ditadura na Alemanha.

Mas Hindenburg, desguendo-se altivamente diante deles todos, converteu o seu uniforme de marechal de campo, cobriu o largo peito com as medalhas ganhas ao serviço de três monarcas da dinastia dos Hohenzollern, bateu no ombro do junker que lhe apresentava o ultimatum e trovejou:

— O senhor vai imediatamente ter com os seus colegas, e diz-lhes que se conservem quietos nas fileiras nacionalistas e não venham para cá perturbar-me no meu cargo, ouviu?

Era o desabar das ilusões dos ditadores. Os extremistas do junkerismo amaldiçoaram Hindenburg. Tiraram-lhe logo o retrato das cervenjas aonde costumavam ajuntar-se e sonhar. Chamaram-lhe até traidor.

Mas o velho guerreiro continuou imperturbavelmente o seu caminho, com o seu espírito fiel sempre ao juramento que dera. E assim tem sido até aos dias de hoje.

Durante três anos Paulo von Hindenburg tem vivido sempre no palácio presidencial, Wilhelmstrasse, 73, uma vida tão simples como pouco mais ou menos poderia ter levado na sua casinha do Hanover. Não lhe tem sido possível fazê-la tão sossegada, talvez, quanto simples, muito embora todos os alemães saibam muito bem que esse seria o seu mais fundo desejo.

Há obstáculos que é preciso transpor, banquetes a que é preciso presidir, diplomatas que é de rigor receber tão pontualmente quanto possível. Há negócios de Estado a que é forçoso atender, matérias enfadonhas e tão diferentes como o dia da noite se comparadas com a silenciosa e suave existência que o velho marechal levava no seu retiro da Seelhorstrasse, no Hanover. Mas, à parte essas cerimónias que lhe impuzeram, Hindenburg insistiu teimosamente em ser apenas aquilo que era quando não passava dum solitário.

A não ser que isso seja absolutamente necessário, recusa-se a sair do Palácio presidencial para ir às reuniões de etiqueta oficial e de cerimónia. Exige que vão lá ter com ele ao Palácio.

Com raras excepções, muito raras mesmo, permanece fechado na Wilhelmstrasse, 73, até que uma ocasião propícia lhe consinta safar-se para o campo — para Gross Schwinper, não longe do Hanover, aonde pode brincar com os netos e os seus cães; para Dietramszell, onde pode respirar o ar puro da Baviera, ou para um pequeno pavilhão de caça no Schorfhuide, a poucas milhas de Berlim, aonde pode andar de dia a caçar, a contar peripécias venatórias, e beber cerveja às tardes, tal como os seus ásperos e bruscos antepassados de há uns poucos de séculos.

O decorrer dos dias na Wilhelmstrasse, 73, é a própria simplicidade. Os viandantes que acertam de passar por defronte das enormes gradarias de ferro do palácio e olham quer os dois

polícias, quer as duas sentinelas ali postadas, podem estar seguras de que Paulo Von Hindenburg está cumprindo tão conscienciosa quanto expeditamente os seus deveres presidenciais. Entre as 6 e as 7 horas da manhã, antes que a maioria dos berlinenses desperte para o trabalho, já ele está a pé. Toma o seu pequeno almoço e, como aquele outro velho da Wilhelmstrasse, o terrível Bismarck, dá um passeio com o seu cão pelo formoso jardim que o N.º 73 possui de sociedade com os outros palácios da Wilhelmstrasse. Esse jardim está nas trazeiras do edifício e um muro o separa da travessa hoje chamada Friedrich Ebertstrasse e cujo nome



Hindenburg, Presidente da República Alemã
(Quadro de Georg Westermann)

deriva de por lá ter sido levado com grandes pompas fúnebres há anos o cadáver de Ebert, o corrieiro que foi o primeiro presidente da República Alemã.

Depois do passeio Hindenburg vai para o seu gabinete de trabalho, senta-se à secretária sobre a qual se ostentam um tinteiro com a inscrição *Ora et labora* — oração e trabalho — e um dos vários alburns que trouxe de Hanover, e ouve o relatório geral que lhe faz o secretário de Estado, Meissner. Em seguida veem outros relatórios, sobre negócios internos e externos, sobre questões militares e assim por diante. Vem depois um secretário e lê ao Presidente os pontos mais interessantes das notícias e comentários dos jornais da manhã. Por essa ocasião já é alta manhã. Aparecem o primeiro ministro ou o ministro dos Negócios Estrangeiros Stresemann ou às vezes o gabinete em péso se qualquer coisa surge de importante para discutir. Depois disto tudo pode haver uma deputação que é preciso receber ou um diplomata estrangeiro que deseja apresentar as suas credenciais.

Horas do almoço. O velho Hindenburg, já razoavelmente caído por essa ocasião mas sustido pelo seu sentimento do dever, senta-se à mesa. Geralmente tem a acompanhá-lo nas refeições o filho, major Oscar von Hindenburg, — presentemente seu ajudante de campo e agente de ligação entre o Presidente e a Reichswehr — e a sua nora, esposa do major, a qual com os seus trinta anos de idade tem sido durante estes dois anos a primeira dama do país visto Hindenburg ser viuvo. Algumas vezes há também

convidados, em geral uma ou ambas as filhas casadas de Hindenburg, que se fazem acompanhar dos respectivos maridos.

Após o almoço, o velho presidente descansa, mas por muito pouco tempo. De tarde os negócios a resolver são um pouco resumidos. E logo que pode, af ao cair da tarde, o marechal retoma o seu passeio pelo lindo jardim do palácio, muitas vezes acompanhado pela sua nora e as netinhas, Gertrudes de 4 anos e Helga de 3, as quais, entre os 60 milhões de cidadãos e cidadãs da Alemanha, são por certo quem menos médo têm do rude gigante que é o seu avô.

Depois do jantar, bastante frugal, Hindenburg lê um ou outro documento oficial, ou desempenha o seu papel nas funções oficiais. Af por volta das 11 da noite deita-se. A regra que adoptou de *deitar cedo*, em geral não é transgredida. Sucedem mesmo haver uma grande sensação de espanto no 73 da Wilhelmstrasse há pouco tempo quando o venerando marechal, bebendo cerveja e contando peripécias de caça, em amena palestra com um seu velho amigo — um socialista, coisa curiosa! — se deixou ficar tão entretido que quando deu por si já eram duas da madrugada!...

Excepção quando algumas funções oficiais o forçam a deixar o palácio presidencial, Hindenburg estabeleceu para si como regra de ferro durante os dois anos de presidência, não sair de lá a não ser que realmente seja necessário fazê-lo. Daqui resulta que, quantos conseguem atraí-lo a sua casa, se sentem extraordinariamente orgulhosos com o caso. De quando em quando alguns velhos conhecidos do exército obtêm dele a promessa de que irá dar-lhes dois dedos de cavaco. São antigos conhecimentos, homens já entrados em anos, já curvados pela idade e que outrora foram moços oficiais com ele em qualquer regimento prussiano. Então Hindenburg aparece entre os seus velhos camaradas, senta-se e bebe com eles canecas sobre canecas de cerveja, no meio da mais franca e desataviada das palestras.

Ganz zwanglos — inteiramente fóra do protocolo — é como os alemães chamam a tais funções... Constituem elas, porém, as únicas que o velho tigre da Wilhelmstrasse aprecia acima de todas.

Assim vai decorrendo suavemente, dia a dia, a existência de Paulo von Hindenburg, na paz, na calma e na dignidade. E cada dia que ele acrescenta às suas funções de Presidente da República imprime na consciência dos seus cidadãos e no mundo inteiro uma melhor e mais clara compreensão das suas sólidas qualidades. São estas as mesma que levaram o moço tenente Paulo von Hindenburg a carregar sobre as linhas austríacas de Königgratz em 1866; que o guiaram durante a guerra de 1870-71 e impelleram os alemães a tirá-lo do seu isolamento quer em 1914, quer dez anos mais tarde, em 1924, quando bem críticos corriam os dias para a Alemanha. Passando em revista a carreira de Paulo von Hindenburg — e muito especialmente pelo que respeita aos dois anos últimos da sua Presidência, — não pode uma pessoa deixar de recordar o que um crítico inglês dizia duma personagem aliás completamente diversa do nosso biografado: — aquêlé Tony Willer de que nos fala Dickens nos *Pickwick Papers*:

Tony Willer não tem fama por causa daquilo que fez ou que diz. Tem fama por causa daquilo que ele é.

(Anglo American N. S. Copyright)

Monsenhor D. Alonso, no momento de despa-ramentar-se da missa que perpétua ali se usava há mais de duzentos em sufrágio das almas dos primeiros condes de Prime, enviou o acólito chamar Macário. A oficina distava poucos passos dali, de modo que ainda não tinha na gaveta do arcaz as vestes sacerdotais daquela do- lente quinta-feira *in albis*, quando o artista apa-receu.

— Quero ir dar-te as pratas para a memória — declarou monsenhor. A ocasião é propícia porque a estas horas a Bonifácia deve achar-se na Praça a debater com as regateiras o preço das cenouras e dos nabos, com que me há de fazer o caldinho para o jantar. Vamos na graça de Deus.

E foi pelo caminho mais breve que cor-ram para casa, uma casinha meio rústica, meio urbana, à saída das portas e que não demorava, todavia, cinco minutos da Sé. Dava-lhe recreio, em si bastante airoso com os beirais vermelhos povoados de ninhos, um quintalito onde as árvores de carvão já haviam deitado flor e os pampanos das videiras pulavam com soberbia.

Na sala muito bafegada de luz, as paredes a cal, com cadeiras de palhinha a toda a volta, depois de se assegurar que a governante ainda não havia entrado, proferiu despindo a garna-cha:

— Senta-te. Eu vou num rufo buscar as pra-
tas.

Na ausência de Monsenhor entreteve-se Macá-rio a ver os quadros que a todo o longo das paredes santificavam o ambiente.

Em caixilhos de ouro vivo, de ouro estalado, de ouro denegrido pelo tempo, desdobrava-se ali o flos-sanctorum mais corriqueiro da fo-llhuha. E embevecido a contemplar Santa Rosa, loira, esgalgada, no seu arroubo místico ao Amado, o veiu encontrar o eclesiástico.

— Aqui está — declarou daí a pouco, pondo diante d'ele um cabaz. — Se as pratas não che-
garem, não me custa ir bater à porta dos co-
legas, que tenho por esmoleres e, se tanto for
necessário, à própria porta do Paço. Agora
ouve... mas põe o cestinho debaixo desta mesa,
não venha por aí a Bonifácia...

Macário assim fez e Monsenhor, assestando-
-lhe os olhos nos olhos, disse:

— Quanto mais penso, mais vejo nessa mu-
lher, que tão desenfreadamente te puzeste a
amar, uma transfiguração deliciosa de Bezebú.
Não eras tu temente a Deus, devoto, casto, de
mente pura, e viver virtuoso? Eras. Não eras
também um mimoso da graça divina? Sem dú-
vida. Esses altares, orgulho da nossa catedral,
estão enfeitados com castiçais, cruzes, resplen-
dores, que tu lavraste na prata e no latão. Põe
até hoje uma célula viva da grande cristan-
dade. A tua arte, neste século de licença, não
esquece que tudo vem de Deus e se deve dar
a Deus. Nos tempos em que os papas eram ar-
tistas, terias aposentado no Vaticano. Hoje Roma
não tem esses cuidados, mas em via sobre a
tua cabeça humilde aquela Pomba do Espírito
Santo que guiava a inspiração dos Filipe Lipi
e Della Robia em suas celas e oficinas. Tu és
um favorito daquele que permite que na terra
se onse à Beleza infinita. E Nossa Senhora de-
via ter-te em particular afeição que foste tu que
ladeaste sua lenta ilharga daqueles anjos e
querubins que tão jucundamente tocam gaiti-



O Diabo é o mais forte.

Por Aquilino Ribeiro Ilustrações de Stuart.

nhas e tamboris à sua pureza de lírio. Essas mãos leves de artífice deusas ela que no psal-
tério passou por excelente tocadora. O clarão
celeste que imprime à face dos teus santinhos
e imagens bemaventuradas, dela, de sua face
desceu. Por tudo isto o Diabo te tomou de
ponta. Podes crer: essa mulher é uma cilada
que ele te arrouba tão certo como ser hoje quinta-
-feira *in albis et olim*, neste dia, andar Jesus
pelo oiteiros da Galiléa a pregar às multidões.

O cônego Alonso abanava a cabeça, afirma-
tivo quanto ao alto engenho de Satanás:

— Tens de arrancar do coração essa mulher.
Para tanto não te couvido a pegar do bordão
e íres de romaria a Santiago de Compostela.
Bastará que a Senhora do Resgate ofereças me-
mória digna da sua piedade. Ela se amerecerá

oratório! O meu copo, ah! também o meu copo!
A meia dúzia de garfos... a meia dúzia de colhe-
res de sopa... e nem da concha do assucar se
esqueceu! A caixa das hóstias... o cálice, este
cálice que não há dinheiro que o pague. Rntio
tudo isto ia para limpar?

Monsenhor de branco cambiara para verme-
lho, de vermelho apoplético para verde. Che-
gou o instante de apelar para a energia ou de
se conformar com a derrota.

— Não, as pratas não vão para brunir — re-
gongou Monsenhor — vão para derreter...

— Para derreter?

— Sim, senhora, para derreter em lonvor de
Nossa Senhora do Resgate, numa imagem na
qual muito pouco viverás se as não vires con-
vertidas.



de ti... Adens! Se a pratinha não chegar, já
sales.

Monsenhor a proferir estas palavras e Macá-
rio a desandar muito confundido, de cabás no
braço, appareceu à porta a governante. O eclesi-
ástico ficou mais alvo e perplexo do que se
contra elle avançasse um réptil descemunal. E
logo ella, que lhe conhecia o ânimo e as baldas,
avançou de venta erguida e perluxosa para Ma-
cário:

— Que leva a? —
— Levo... levo umas coisas de Monsenhor.
— Objectos da Sé... balbucio o cônego.
— Em casa não havia nada da Sé...
— Livros... um missal.
— Hum! Quero ver... e, sem pedir vénia,
erguen a tampa do cabás.

— As nossas pratas! — exclamou. — Para quê?

Para que leva as nossas ricas pratas?

— Para brunir.

— Para brunir?... Então Monsenhor dizia-me,
não há muitos dias que as pratas, afóra a
baixela, se não poliam...

— Disse — tornou elle gaguejando — mas mu-
dei de opinião.

— Então se mundou de opinião, quem trata de-
las sou eu.

Bonifácia travou do cabás, depô-lo sobre a
mesa e uma por uma foi sacando as peças nelle
contidas.

— As duas salvas... as nossas lindas salvas!
Os quatro castiçais que deu a Monsenhor o
fidalgo do Arco! A lâmpada de três lumes do

— Mas Vossa Reverendíssima enlouqueceu!...
Podem-se lá estragar coisas de tanto mereci-
mento?!

Bonifácia, estes trastes de pouco ou nada
nos aproveitam. Uns não têm utilidade prática,
os outros, os de uso corrente, são substituíveis.
Não há casa nenhuma, e muito menos a nossa,
em que a baixela de prata se não possa trocar
por uma baixela de lonça.

— Mas são lá feitos!

— São, Bonifácia, boa e bárbara criatura,
amiga do que luze e resplandece. São... e des-
cansa que não vai a fundir obra de Benevenuto
Celini nem de artista que de muito longe se
lhe aproxime.

— Ah! mas o copo não destrói Monsenhor.
O copo deu-mo o missionário, o padre de Com-
postela da última vez que cá esteve. É muito
meu!

— Tens razão, é teu. Mas se eu te digo que é
para Nossa Senhora...

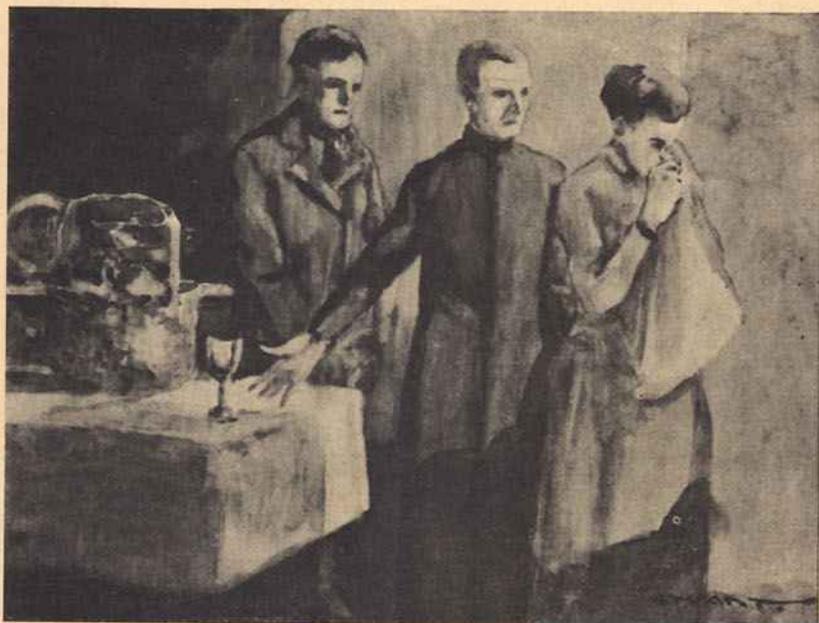
— Nossa Senhora não precisa de copos. A Nos-
sa Senhora tanto vale essa prata como uma
ayemaria saída do coração.

— Enganas-te, que precisa de galas para agra-
dar. Mas tu não comprehendes... Guarda o copo,
guarda-o que bem devia eu saber que a tua
alma simples não é a de nenhum rei de Tule.

Intimidada, mas sempre pesarosa, a sopesar
os objectos, os ia deitando no cabaz:

— Também o cálice, Monsenhor? Depois não
tem com que dizer missa...

— Também o cálice. O Solitário, santeiro,



tem-nos à venda de níquel dourado. Para mais, cada igrejainha possui o seu cálice. Este era-me inútil. Cálice rocoó, fins do século XVII, de estimável só tem o peso. Um arratel, hein, Macário?

— Abonado, Monsenhor.

Quando tudo estava outra vez dentro do cabás, o cônego pegou nele e entregou-o a Macário:

— Vai detretê-las e não te incomodes com as lamentações desta boa avarenta. Choras, mulher? É o maior pecado de que há de dar contas ao Senhor.

— Será, será pecado, mas eu queria tanto às pratas!

— Ora, há de ver como a Virgem fica bonita!

A velha pegou no copo que fechara no avental; de manso, muito de manso, meteu-o no cabás; e, cubisbaixa, a limpar os olhos, se foi dali.

Monsenhor quedou um momento de olhos fitos a vê-la ir e murmurou:

— Vê tu lá, Macário, a obedecer a designios, que julgava e julgo meritórios magoei a alma desta santa mulher. Nem sempre os caminhos que levam a Deus são os mais direitos. Paciência, nós somos os vermes da terra, éle a infinita sabedoria. Adeus, vai com Nossa Senhora!

Macário fundiu as pratas que lhe deu o bom beneficiado de Nossa Senhora do Pranto, e em conceber a memória do Resgate se aplicou com todas as faculdades criadoras. Mas o seu cérebro trabalhava em falso. A idéa inspirada, digna de si e da Virgem, escondia-se num tropel de idéas vagas, informes como as nuvens dum primeiro dia de céus.

Como a rosa para as abelhas, assim era para o seu pensamento a mulher que o enfeiticava. Se erguiam vôo, voando, sobre ela ficavam a pairar; no pouso, sobre ela pousavam; em abandono, a ela se abandonavam. A imagem peregrina contrapunha-se a todas as suas imagens, como a todas as perspectivas se antepara um horizonte. Ela era a ineffável substância do seu mundo sensível e a forma especiosa em que se encaixilhavam todas as visões do seu espírito. Às vezes, libertando-se da nevoenta e abstracta adoração, tentava devisá-la de olhos objectivos, qual lhe apparecera num dia de Páscoa. É toda a corporeidade da seductora se desvanecia. Tinha afeito em encontrá-la, e dela as próprias sombras se apagavam. Fechava os olhos e na penumbra irrisada da noite ocular, ela reaparecia então, imprecisa primeiro, condensando-se, depois, pouco a pouco, em volume, linha e côr. Em volta dela, esferas infinitas e infinitesimais,

voavam numa ronda fantástica. É excelsa, diminuta, mais fria que prometedora, menos provocante que dominosa, destacava como Nossa Senhora da Conceição no meio de estrélas ou uma Salomé coberta de jóias. E nesta contemplação interior sua alma, de gôso, entontecia.

Foi naquelle estado quasi catalítico que, à medida que o seu louco sonho de amor se dobava, concebem e realizam a memória do Resgate. Limpada, polida, recebia uma tarde na officina, ao alto dum cavalete a luz branda do poente, veio Monsenhor. Movendo a luneta de aro de oiro e cordão, andou dum lado, andou do outro a admirar.

— A idéa é simples — exclamou com visível satisfação — e todavia inspirada como um conceito de S. Gregório papa, que foi teólogo e poeta sem igual. Bem fizeste em assentar Nossa Senhora sobre um trono de nuvens que a tua dextra com primor interpretou na prata. As nuvens representam a maravilha a soberania da Virgem, que, embora rainha dos anjos, ficou mulher.

A arte cristã foi reservado achar símbolo tão encantador. Para realçar Afrodite tinham os gregos a espuma do mar. Nossa Senhora foi mais; foi pomba, pomba branca, e só as nuvens mereceram roçar a sua branca quando voou da terra ao céu. Bem andaste em lhe dar um trono no mesmo tempo tão frágil e inacessível. O peregrino que, no primeiro plano, se dirige à virgem, olhos em extase, mão no coração, é a figura adequada do drama. Singela e emotiva, tiraste-la da iconografia popular, e bem hajas tu que melhor não achavas. Contra a penha, esses animais fabulosos, hipogrifos, licônes, sátiros e leões alados, representam, não é verdade? as potências das trevas em transe de capitular. Mas dizê cá: o caracter da virgem, álgido, altaneiro, esfúgio como me parece, pouco tem de hispânico. Nenhum pintor, desde Cano a Morales, teria concebido estas idéas. Onde foste desencantar o modelo?

Monsenhor assentou mais de perto e demoradamente a luneta sobre o grupo do Resgate. E, depois de muito contemplar, largando a luneta no cordão, laçado em torno do pescoço, proferiu decorrido breve silêncio:

— Percebo. Até neste obsequio a Nossa Senhora foste joguete do Demónio. Percebo, quem af está representada é a tua amante exereável. Monsenhorolveu a empunhar a luneta e, depois de haver encarado a obra de arte e paciência com deobrada atenção, tornou generoso:

— Não importa! A Virgem podia ter sido loira. Oiro fulgido lhe chama o Cardial Belarmino; muitas catedrais foram templos de Mãoma. A água lustral expunge tudo. Amanhã será benzida em nome de Deus Padre, Todo Poderoso, e essa figurinha, que é um testemunho de pecado, poderá, na sua firmeza enigmática dum

Perugino ser venerada dos fiéis. Poderá obrar milagres. Eu te abenço. E quanto ao Demónio, quanto a ela, tu vencerás.

Essa noite passou-a Macário em grande exaltação e transe. Sobre a manhã, já o sol corria monte e balsas, bateram à porta do seu quarto. Era Monsenhor que, enquanto lhe dava tempo a que se vestisse, ia resmungando:

— É uma vergonha que um moço na força da idade esteja a estas horas na cama.

— Dormi mal...

— Deitado e com este dia criador é duplamente ofender a Deus. Abre-me essa janella...

Monsenhor escancarou as portas e vidraças de par em par e logo uma onda de luz, mais branca e alegre que revoadas de pombos brancos, varreu a alcova.

— Olha-me para este céu e agradece à benignidade do Altíssimo.

Depois de o haver increpado, o eclesiástico, já risonho, passara por movimento involuntário a inventar os cacarcus, os móveis, as estampas do apoteo. Uma Nossa Senhora de Murillo à cabeceira da cama...

— Isto é...? — interrogou adiantando-se, olhos fitos, para uma sanguinea, pendurada da parede.

O artista baixou os olhos, branco como a cãl. — Macário! Macário — murmurou Monsenhor — não tens emenda! Ainda aqui tens a imagem da mulher perversa, da mulher que traía o seu esposo e que te traía! Não tens vergonha.

É como éle continuasse mudo, de cabeça do-brada, safou Monsenhor num gesto sêco o belo desenho do frontal. Mas logo Macário, as pupilas a fuzilar lume, deu um salto para éle:

— Não rasgue!

Monsenhor, ante a atitude dementada, aproumon-se nos seus setenta anos, rubro, colérico, formidável:

— Para trás...!

Submisso como um cão à voz do dono, Macário retrocedeu até ficar contra a parede, de braços pendentes e olhos desvaírados. Monsenhor conservou-se ante éle lírio, e de catadura severa, obra de minuto. E porque o sentisse jugulado foi à luz da janella observar o esquisso diabólico. Um bom momento ali esteve a estudá-lo como um inquisidor, até que proferiu, meneando a cabeça:

— Não há dúvida, se a pintura não mente, é o demónio mais fascinador que tenho visto. No grupo do Resgate, a miniatura não me deixava bem sentir. Compreendo agora...

Lentamente com demora perversa, própria de quem exerce o mando e pratica um desforço, rasgou o desenho em quatro; juntou, depois, os bocados, e tornou a rasgá-los; e, grandes ainda, por pacotinhos, os despedaçou ainda. Feito o quê, peneirados na mão, com rasgo soberano, os lançou ao vento.

Como borboletas brancas e vermelhas, os papelinhos esvoaçaram, encheram o ar e, pairando e adejando, tomaram um o rumo dos tellados e lá foram. Requebrando-se, virando e bailando, volveram outros para dentro nas asas da aragem, até que numa doce curva de vôo pousaram no soalho, sobre os móveis, roçaram a Virgem de Murillo, voejaram sobre a cabeça de Macário e o casquinho eclesiástico de Monsenhor. E levou instante a revoadar a serenar.

Monsenhor não prestou atenção ao enxame de papéis que, como diabinhos, entraram na mansarda. Corriam lágrimas pelas faces de Macário.

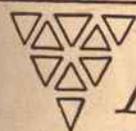
— Porque choras?

É como não respondesse, Monsenhor tornou: — Sossega; está quebrado o encanto.

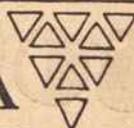
— Não está Monsenhor, não está. Rasgada, lançada em mil pedaços ao vento, reduzida a cinzas, essa imagem nunca mais se me despreza dos olhos. Não viu como voltavam os pedacinhos de papel? Está dentro de mim; é eterna, indestructível. Monsenhor não sabe o que faz.

— Assim será — respondeu o eclesiástico ao cabo duma pausa, depois de se compenetrar daquela desmedida paixão. — Pois eu cria, cria em nome da Virgem Mãe de Deus, a quem prestaste obsequio tão soberano, que tivesses miado esse diabo. Não mataste? Mas será então o Diabo o mais forte? O meu gesto foi insensato... Perdôa!

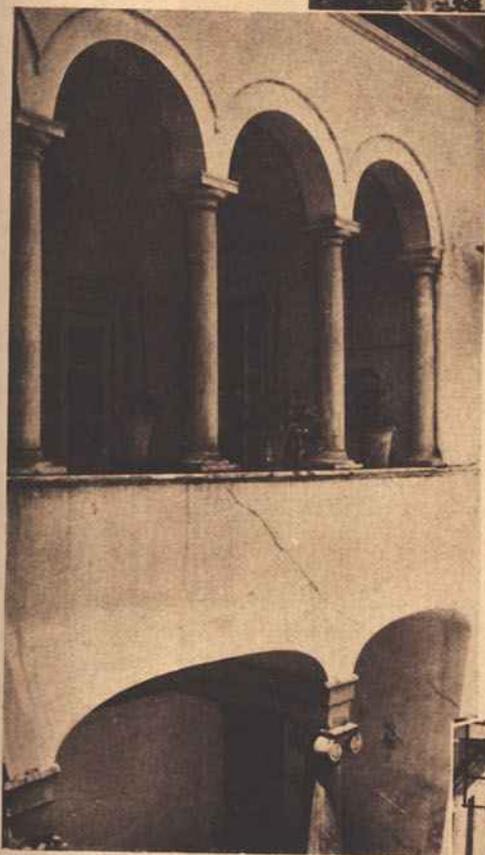
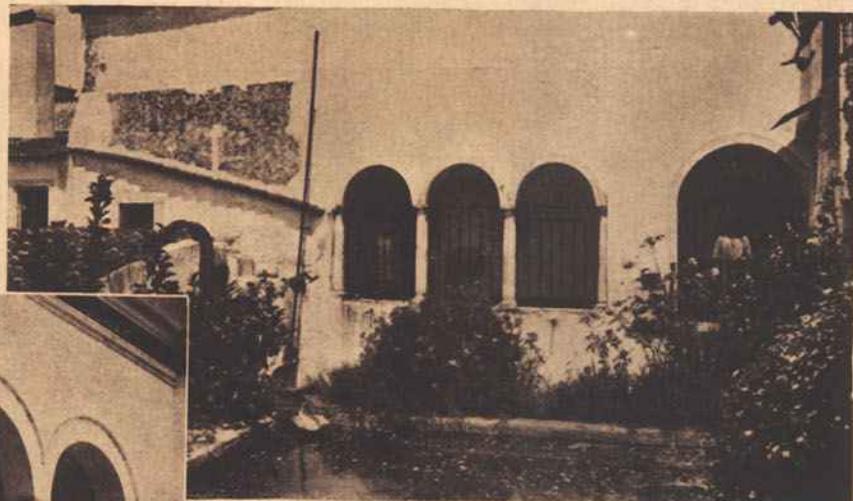
É como o bom sacerdote se mostrasse de alma abanecada, Macário lançou-se-lhe nos braços a soluçar.



A CASA PORTUGUESA



VILA VIÇOSA

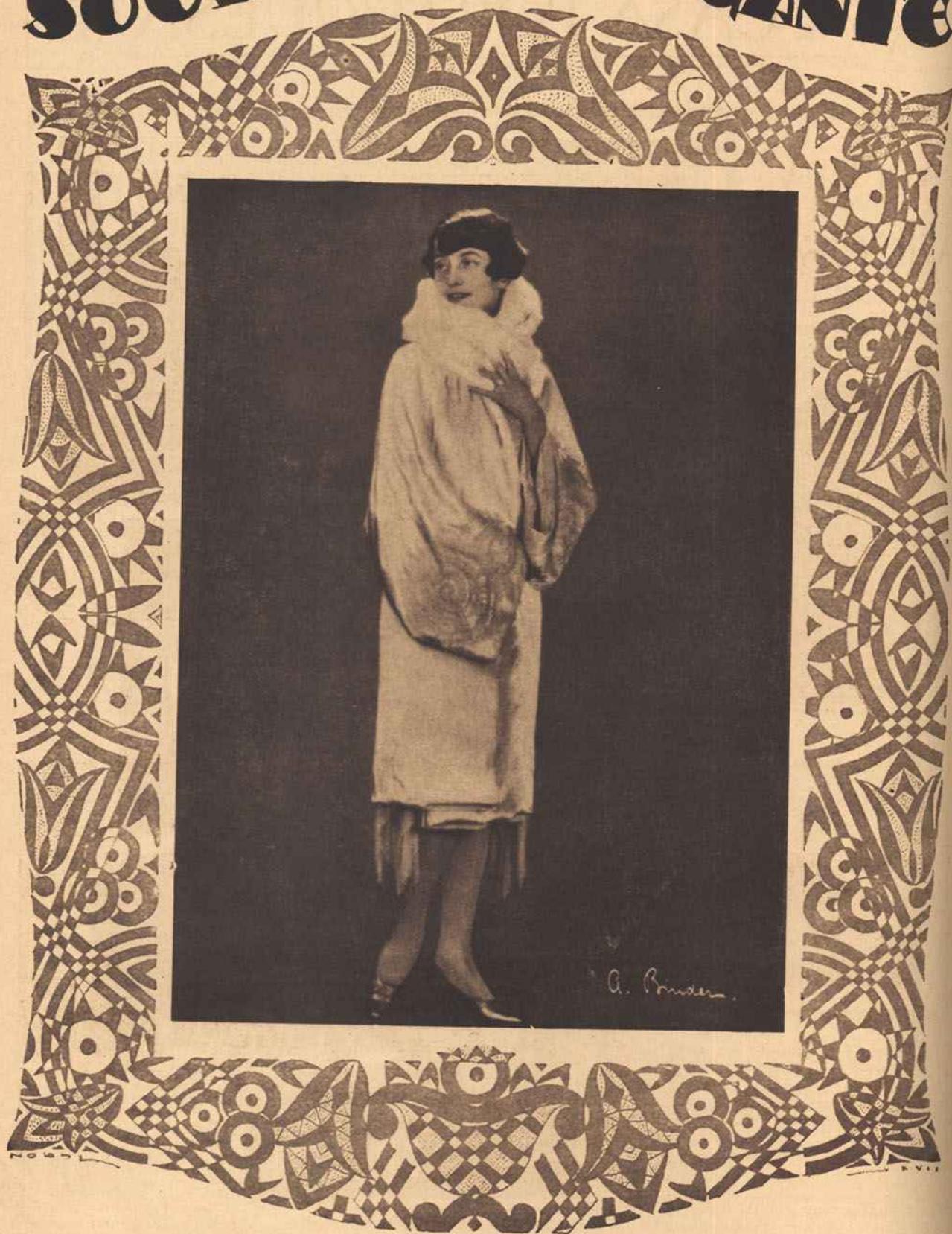


*Que molico mais português, mais próprio do
nosso clima, mais adequado aos nossos hábitos
de vida, que estas graciosas galerias abertas
sobre a via pública ou sobre os pátios das casas?*

*Estas delicadas arcarias suprem os jardins onde
não os possa haver, são o sorriso das fachadas para quem
passa na rua.*

*Por confusão com uma fonte próxima, saiu errado o
nome da casa reproduzida no nosso n.º 62, Casal do Ma-
razão é que é o nome daquela interessante moradia.*

SOCIEDADE ELEGANTE



M.ª VON BALIGAND

FORMOSÍSSIMA E DISTINTA ESPOSA DO ILUSTRE MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DA ALEMANHA EM LISBOA,
E UMA DAS MAIS GENTIS SENHORAS DO CORPO DIPLOMÁTICO

O BRASIL DE D. JOÃO VI E DO IMPÉRIO NA OBRA DE RUGENDAS

Acabam de me passar pelas mãos mais de quinhentos desenhos a lápis, à pena, — aguarelas também — de Johan Moritz Rugendas.

Uma inestimável colecção inédita!

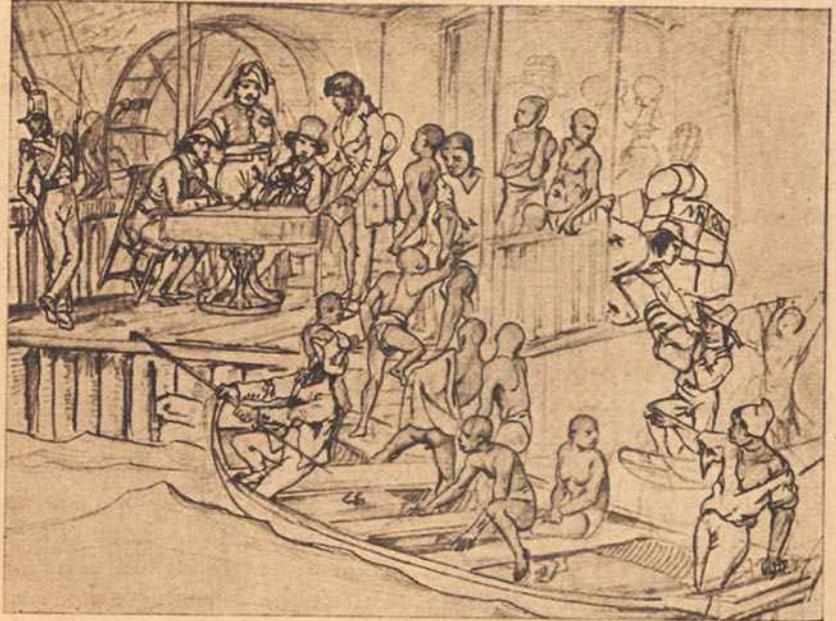
Foi desencantá-la na Alemanha, como quem desencanta um tesouro escondido, um velho camarada da boémia de Montparnasse, architecto e pintor, o brasileiro José Wash Rodrigues, que é hoje um dos mais enternecidos continuadores da architectura portuguesa em terras de Santa Cruz.

Mas quem vêm a ser êste Rugendas tão unanimemente desconhecido como a sua obra imensa, aqui em Portugal?

Conhece-o o Brasil e admira-o.

Não direi que o conheça bem, porque na verdade só agora lhe vai ser dado admirar nos originaes a incalculável documentação dêsse bávaro apaixonado pela natureza dos trópicos.

Mas, em summa, o Brasil de há muito que tem na maior conta um album de litografias de Rugendas, as quaes, juntamente com as



RUGENDAS — A alfândega dos escravos no Rio de Janeiro

do francês Debret e os tipos quasi caricaturais do inglês Chamberlain, constituem a documentação animada de todos os aspec-

tos da vida no Reino Unido do Senhor D. João VI e nos primeiros anos do Império. Simplesmente, entre a autêntica obra de



RUGENDAS — Uma apreensão de contrabando na baía do Rio de Janeiro



RUGENDAS — Aclamação do primeiro Imperador do Brasil

Rugendas que acabo de admirar e as litografias conhecidas como suas e pelas quais se avaliava até hoje do seu valor artístico, entre uma e outra coisa vai o abisno que separa a obra de arte, com todas as suas qualidades, da apagada, triste e infiel reprodução.

Onde estão, nessas litografias esfuminhadas, de tonalidades monótonas, de composição equilibrada, sim, mas sem brilho, de

desenho sempre correcto mas sem qualidade pessoal, onde está a personalidade do desenhador que se comprás em vencer de frente tôdas as dificuldades, a finura da sua observação em que a minúcia é realizada com os mais nobres dons, o bom gôsto que nunca se desmente aliado à mais rigorosa probidade visual, enfim as mais definitivas e mais sólidas virtudes que nos seus originais nos seduzem e que nesses pálidos

traslados para a pedra litográfica se sumiram por entre os dedos do artifice?

O seu album editado em Paris, *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, na litografia Tierny Frères, lá traz no canto de cada estampa o nome do obscuro litógrafo que passou à pedra os desenhos de Rugendas.

Mas, como não se conheciam os originais, dava-se à litografia o valôr da própria obra.

O aparecimento da colecção inédita, — e assim se lhe pode chamar, ante os actuaes recursos da reprodução — vem, realmente, colocar Rugendas muito acima do aprêço em que era tido.

•
•

Não confundir este Rugendas (Johan Moritz) com aquele outro Rugendas do século XVIII, pintor de batalhas dos Museus de Berlim e de Viena.

São parentes, talvez. De Johan Moritz sabemos que aprendeu a pintar com seu pai e nada mais natural do que admitir que este aprendesse com alguém da família, pai ou tio. Na Alemanha do século XVIII são tão frequentes estas dinastias de artistas do mesmo nome...

O que sabemos ao certo é que em 1821 o



RUGENDAS — A expedição do naturalista Langsdorf falando aos gentios



RUGENDAS — Mulata

contradizem: — a creoula, o cabra, o mameluco, — tudo isso o interessa, o prende, o inspira.

Os engenhos de açúcar, o tráfico de escravos, a vida livre dos índios; as danças de mulques e os ritos dos peles-vermelhas, foi isso a obra de Rugendas, a mistura com os aspectos da cidade, — do Rio e de Minas — e até de páginas da nossa história, da história do Brasil.

Veja-se êsse belo estudo da Sagração do 1.º Imperador. Vários *croquis* subsidiários garantem-nos que Rugendas assistiu ao acto solene de 12 de Outubro. Os grupos são rigorosamente observados, compostos e dispostos. O casario, o arco e a igreja do Carmo, tratados isoladamente, noutras páginas de album.

Outro desenho reproduzido mostra-nos sem dúvida a expedição Langsdorf, em campo, com o próprio artista. Vem-se as espécies

botânicas na pasta que um dos cavaleiros leva às costas, e as borboletas espetadas no chapéu. Na garupa do outro cavalo, exemplares da fauna brasileira.

Um botânico será capaz de dizer que árvore é a que serve de doce, como um antropologista reconhecerá a tribo índia, tal é o rigôr da anotação.

No entanto, essa exacta observação do modelo, em Rugendas, enobrecce-se com uma distinção e uma finura, por vezes comparáveis às de Ingres, ao mesmo tempo que a ousadia dos conjuntos e das atitudes nos faz lembrar o outro mestre de qualidades opostas, Delacroix.

Rugendas é bem um artista representativo da sua época. Ele reúne, num equilíbrio sincero e discreto, as mais extremas preocupações de estilo dos artistas do seu tempo.

JOSÉ DE BRAGANÇA.

sábio Langsdorf, enviado pelo govêrno russo — êle fôra professor na Universidade de Vilna — resolveu fazer uma expedição de estudo ao Brasil.

Tinham de lá vindo, no ano anterior, os naturalistas Spix e Martius, com farta colheita de espécies novas. Andava no ar uma exaltada admiração da natureza, de que a literatura da *Nouvelle Heloise* e dos *Tableaux de la Nature*, com o seu Paulo e a sua Virgínia, são os melhores testemunhos.

O sábio Langsdorf, partiu, pois, em 1821, levando um companheiro naturalista e o nosso Rugendas consigo — como quem leva um esplêndido Kodak.

Langsdorf era um velho, Rugendas um rapazote.

Ao cabo de breve colaboração, aconteceu o que é fácil de prever: — o artista moço e o velho sábio não se entenderam. A natureza, para um, era um conjunto de séries: — gêneros, famílias, espécies.

Para o outro, uma revelação!

Entre o jacaré empalhado, rotulado, encaixotado e a natureza virgem, a do movimento da luz e dos sons, deu-se o corte de relações inevitável.

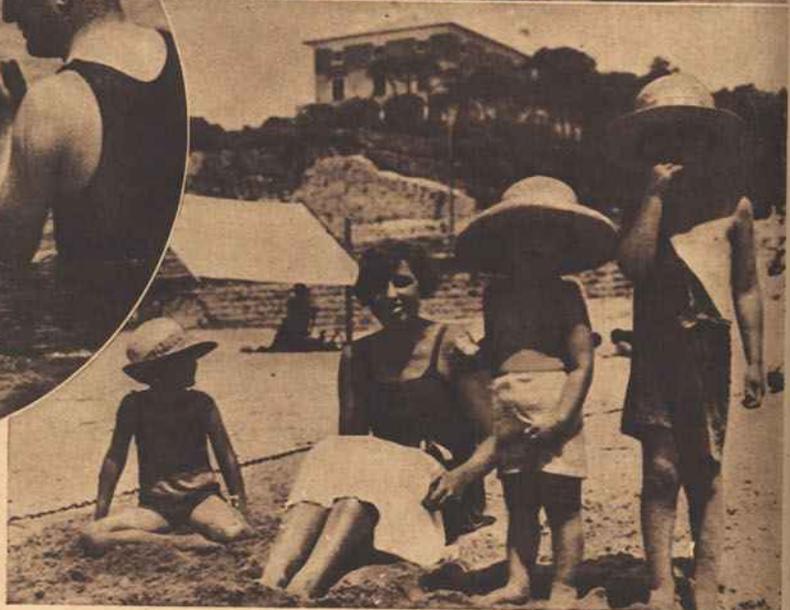
E então Rugendas pôde trabalhar livremente. A solução da paisagem, o pitoresco dos tipos citadinos e sertanejos, a nobreza de porte dos portugueses, o à-vontade animal dos negros, a estranheza indizível do índio das diferentes raças, — todo o conflito de continentes que se encontram, de raças que se entrecruzam, de côres que se



RUGENDAS — Senhoras ouvindo emôlinhas

NA
 "COSTA
 DO
 SOL"

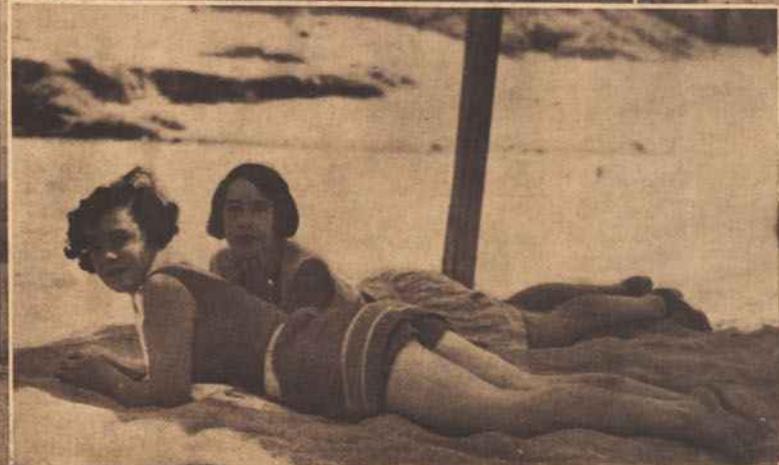
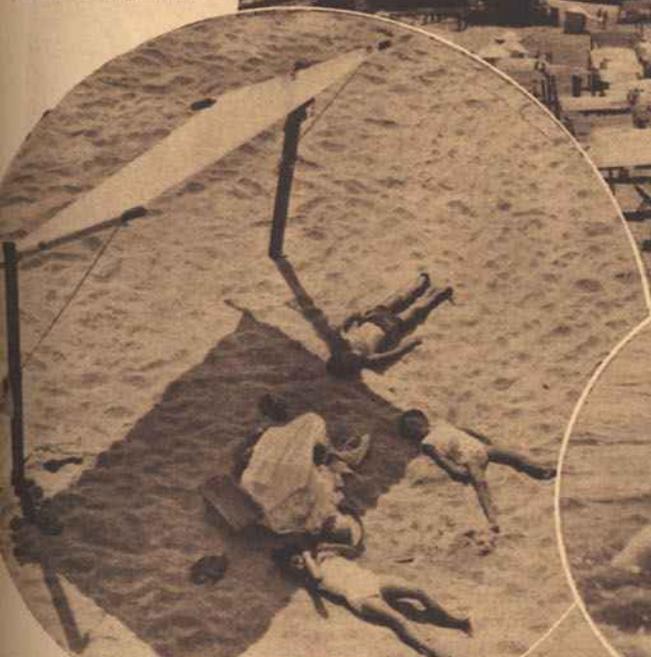
A nossa formosíssima Ria-
 zira resplandece, rutilante,
 sob este magnífico
 sol de Agosto. É, na verdade,
 uma incensa, e formosa e
 magnificente «Costa do Sol»,
 que se estende, em nitrosa meia-lua, da
 Cruz Quebrada à Cascais,
 um verdadeiro paraíso mitol-
 ógico em que as nadas,
 as serenas e os tritões
 pulam nas ondas em
 alegria e em beleza. No
 Monte Estoril, o centro
 mais elegante e mais cos-



mopolita, a formosura das banhistas, o seu garbo deli-
 cado, a sua elegância, não deixam saudades dos gran-
 des centros de civilização... aquitain. Judo, Deauville,
 Ostende, Biarritz, San Sebastian ou Santander, não
 vêm mais formosas plásticas femininas, mais alegria,
 mais desenfado e mais beleza do que esta nossa Costa
 do Sol, hino refulgente de luz e de saúde, espectáculo
 inebriante para os nossos olhos!...

(Clichés Mário Norais).

EMBORA ainda sem a aglomeração das praias do Cantabrico ou do Mar do Norte, sem a grandiosidade enfática de Palm Beach ou Long Beach, paraísos californianos, os nossos Estoris são um centro de turismo delicioso e nas suas



praias há uma alegria peculiar, um à vontade delicioso que as tornam inconfundíveis de ambiente. As nossas fotos exclusivas focam interessantes aspectos da vida nas praias da «Costa do Sol» e algumas belezas femininas que as frequentam.

FEMININA



Um maillot de banho que fez sucesso na festa nautica do «Lido», o grande «cabarets» de Paris.
(Foto G. L. Manuel Frères).



Chapéu de Lucia Mary em palha, vários tons de azul
(Foto H. Manuel).



Uma inovação em traje de banho, com manto e capota iguais
(Foto G. L. Manuel Frères).

As elegâncias dos salões e dos teatros, dos meios mundanos e sociais, dos *turfs* e das horas matinais do *footing* ou vesperais do *tea*, passou por fim às praias, às longas faixas de areia junto ao mar onde, em pleno verão, se reúnem as mais formosas mulheres, as mais elegantes, desvendando as galas plásticas dos seus corpos envoltos em galas formosas, se bem que escassas, de *maillots* e *pijamas*. Porque o *pijama* temde, cada vez mais, a vencer todos os outros tipos de fato de banho. Ainda resistem alguns *maillots* pela sua indiscreção e fantasias várias, pela sua originalidade. Mas o *pijama* que Mussolini impôs no *Lido* como medida de pudibundez, alastra avassaladoramente, como um novo fascismo. Há-os em sedas e lamés preciosos, em bordados de preço, em lavores

Cloche em palha «crochets», cor natural, ramo de anêmonas e fita de veludo rubim.—Criação Jane Bourgade

(Foto H. Manuel).



Um «pijama» para o banho em crepe da China e lamé bordado, grande sensação da festa aquática do «Lido»

(Foto G. L. Manuel Frères).

Teem «stand» as casas *Alluc, rue de la Paix*, Paris, com perfumarias de arte; *Columbia*, gramofones e discos famosos; *Casa Francisco António Moreira*, papeis pintados e decorações; *Sassetti & C.*, pianos, auto-pianos e musicas; *His Masters Voice*, os gramofones maravilhosos do Grande Bazar do Pôrto; *Bastos Silva Limitada*, e *Paris-Chiado*, os criadores das mais belas malas, carteiras e novidades para senhoras; *Studio G. L. Manuel Frères, Henri Manuel e Fashion Photos*, de Paris, fotografos, reis da elegância, etc. O director técnico da *Voga*, actualmente em viagem a Madrid e Paris, fechará ali contractos com as mais formidáveis casas de modas e decoração, e dêste modo *Voga* terá o sucesso merecido com o seu *Salão de Elegância*.

Chapéu da casa Jane Bourgade. Toque de crina dourada, com faixa entrançada em tom mais escuro
(Foto H. Manuel).



pela linda revista de modas *Voga*, e que levará ao Palácio de Belas Artes uma elegante concorrência que terá um espectáculo verdadeiramente europeu e civilizado. Durante vinte dias de festa permanente se fará a exposição dos mais belos artigos do mundo.



Ter um «stand» no Salão da «Voga» é adquirir a celebridade entre os seus concorrentes

DA FOLHA DE PARRA

AO

"VOILE NINON,"



Já a Mãe Eva, impulsionada decerto pelo Diabo, que lhe fez morder o fruto proibido, do qual den partilha ao seu companheiro Adão, engendrando o primeiro vestido, isto é, ao cingir o corpo de folhas de vinha, achou que alguma coisa devia ficar a descoberto. E, desde então até agora, verifica-se que mesmo os trajes mais respeitadores das leis do recato obedecem ao princípio de fazer lembrar quanto não deixam ver.

Não se torna necessário remontar a épocas muito distantes; basta passar em revista os figurinos do último quartel do século XIX e os dois anos que vão decorridos desde 1900, para se ver que a irrequieta e volúvel Moda, só tem a preocupação de patentear o que de belo e gracioso reúne a mulher.

Todos os vestuários, jóias, arrebiques, chapéus, plumas, fitas, rendas, sombrinhas, calçado, todos os atavios, finalmente, que a Moda cria para contornar os corpos femininos atinge dois fins únicos: realçar-lhe as belezas e ocultar-lhe o que é vulgar ou defeituoso. Desde que começamos a notar que existiam braços roliços, pulsos delgados, mãos esguias, lombros, gargantas, nuças de carneação rosada e rija; colos ondulantes; seios erectos, pequenos e distanciados; peles macias e alvas — mesmo morenos, porque não? — cintas delgadas, ancas salientes; pernas altas, de jarretes bem torneados, delgadas na base; pés compridos, esguios, arqueados; desde essa época, infelizmente bem distante já, que só encontramos como determinante de tudo quanto o luxo, a elegância, o fasto e até mesmo a simplicidade inventaram, inventam e hão de inventar para uso da companhia do homem, só obedece à intenção de descobrir ou fingir encobrir, de fazer adivinhar todos esses tesouros de formosura e de graça.

A missão principal da Moda — não tem outra. Já em afirmá-lo — é essa, não tem outra. Já assim, inventou os capotes de fino pato negro, cor de pinto ou verde garrafa, com ou sem mangas, que envolviam os esculpturais corpos das nossas avós nas suas amplísimas dobras, desde o pescoço até ao peito do pé; os lenços de cambraia lisos ou bordados nas pontas, complemento desse traje semi-monástico, que só

nos permitia ver-lhes o rosto e o apartado cabelo. Tudo o mais era um mistério. Seriam nuças? Nutridas? Elegantes? Mistério. Quem quizesse desvendá-lo, tinha de sugar-se ao gargarejo, ao relento, ao frio, à chuva e quantas vezes a uma sova do pai, do irmão do seu ídolo; para, ao fim de alguns anos ter, após a benção da igreja, um deslumbramento ou uma delusão.

Sim, foi para engodar o homem que se inventaram *tourures*, atiquinhas, *poufs*, *crinolines* ou *sáias-balão*.

E a propósito vem explicar a origem da última destas modalidades, que veio na época do segundo império ressuscitar, recordar, reviver os *panniers*, *garde-infante* e outras rotundidades.

A *crinoline* ou *sáia-balão* não teve em mira descobrir, mas encobrir.

Foi o caso que, achando-se a imperatriz Eugénia, esposa de Napoleão III, há poucos anos falecida, prestes a ser mãe do príncipe Eugénio Luís, que foi morto na Zululândia em 1879, num reconhecimento, sendo adido ao Estado



A. J. B. 2. J. B. 1.

Maior do exército britânico, e não querendo deixar de presidir a uma grande festa que ia realizar-se na Tulherias, reuniu em torno da sua imperial pessoa um verdadeiro congresso de modistas dos dois sexos, pintores, escultores, para a auxiliarem na resolução do grave problema de encobrir à vista da assistência formada por príncipes, embaixadores e por toda a nobreza da França a deformidade a que chegara o seu corpo escultural.

Resolveu o areopago, após renhida e demorada discussão que a bela condessa de Têbes e do Montijo se apresentaria com a *crinoline* ou *sáia-balão*. Era esta um verdadeiro aerostato, segundo há uns bons trinta anos nos contou um velho diplomata que assistiu à festa das Tulherias.

Ainda conhecemos essa monstruosidade indumentária, que começou a usar-se em 1856 e desapareceu dois anos antes da guerra franco-prussiana. Era formada por uma série de arcos de aço ou de barbas de baleia, ligados uns aos outros por mastros de algodão. Esses arcos, partindo das ancas, iam alargando gradualmente, até aos tornozelos, atingindo aí a sua maior largura — uns quatro metros. Sobre essa armação, que fazia lembrar uma gaiola, caía o vestido, em geral formado por folhos. Para uma senhora se sentar ocupava o espaço de três cadeiras — pelo menos. Como então não estava em uso mostrar as pernas, usavam-se as calças de seda, musselina e outros tecidos finos, cheios de rendas, que desciam até ao peito do pé, rematando em folho, franizado por um laçote de fita, totalizando com o vestido.



Prosseguindo: Quando a Moda ordenou que se mostrassem as carnes firmes, palpíantes, bem coloridas, vieram os mais variados decotes, desde os que patenteavam apenas o pescoço, a nuca e o ante-braço, até ao que descobria as costas, os ombros e os seios completamente.

Houve-os em ângulo, em coração, em quadrado; descobrindo um dos lados da parte superior do busto e tapando o outro. Também — não há ainda meia dúzia de anos — se usou em pleno inverno, nos trajes de passeio, o pescoço e uma boa parte do colo a descoberto, orlando o decote uma *boa* de penas ou uma pele cura.

As *sáias* têm subido e descido, estreitando e alargando, voltando a subir e tornando a descer.

Houve-as de longa cauda, que as senhoras pompavam à luma, pegando-lhes com a mão esquerdo ou mantendo-as com uma espécie de grampo metálico pendente duma cadeia ou dum cordão de seda preso à cinta. Vieram a seguir as travadinhas, a *sáia-calção*, que não pegou, voltou a encurtar, a encurtar, a subir a subir até ao ponto em que ela se encontra, com tendências a saíste ou a *trousse*.

Sobre a volubilidade da Moda muito haveria a dizer ainda, para acentuar que essa volubilidade se funda num princípio — esse permanente, imutável, eterno: tudo que a mulher usa, de simples, de complicado, de decoroso, de menos decoroso, de feio, de bonito, de elegante de desastrado leva a mira de agradar ao homem, especialmente nos últimos tempos em que ele se afasta por via das dificuldades da vida, os desportos e muitos outros motivos, uns manifiestos outros obscuros.

E como o homem se mostra arredo, tímido, reservado e descorrés, a mulher procura estimulá-lo com as cores garridas, as jóias fascinantes, o *décolage*, o aprimorado dos atavios que pelo caminho em que declina terminará, a breve trecho, pelo desatavio completo.

MACHADO CORRÊA.



LISBOA VISTA

POR
UM
ESTRAN-
GEIRO

Rude e ignobilmente tem sido várias vezes Portugal atacado por certos estrangeiros que, como recompensa da nossa hospitalidade sempre franca e sempre carinhosa, despejam, no regresso às suas pátrias em jornais e revistas, um acervo de calúnias à mistura com uma ausência total de observação e de espírito crítico, a que modestamente pretendem chamar... literatura de viagens.

Mas outras vezes, ao cortés acolhimento corresponde a apreciação justa e, como no caso de hoje, uma amizade verdadeira que tanto nos compreende como nos estimula.

De facto, o artigo que a «Ilustração» acolhe hoje nas suas páginas — publicado no último número da Rivista Mensile della Università Popolare Fascista, sob o título «Ricordi di Portogallo — Lisboa» — é da autoria de um visitante italiano que, depois de tratar conhecimento com Lisboa e Coimbra e de entre nós encetar algumas relações, que tornou um sincero e devotado missionário da língua, da literatura, da arte, da beleza e do povo de Portugal.

E pois que é do professor Guido Battelli que falamos — ao agradecer-lhe cortadamente a amizade desinteressada e inteligente que lhe merece tudo quanto é português — não queremos deixar de registar que do bom êxito da sala portuguesa na Feira Internacional do Livro, que há dias se encerrou, foi ele o infatigável propagandista e colaborador.

Mais um favor por que nós, portugueses, nos devemos sentir gratos e que nos cumpre não esquecer.

Assim que o paquete, com um rugido rouco de sercie, fez o aviso de que Lisboa estava à vista todos os passageiros vieram reunir-se na proa, para melhor admirarem o espectáculo soberbo que não tem rival na Europa, a não ser talvez nas margens encantadas do Bósforo.

Sob o céu dum azul incomparável, desdobra-se, ante os nossos olhos extasiados, uma cinematografia sempre variada e sempre nova de casas e de palácios, de vilas e de jardins, de igrejas e de torres, de parques e de colinas que se espelham nas águas límpidas do Tejo, onde centenas de embarcações à vela e de navios desfaldam ao sol as suas mil bandeiras multicores.

Um fervilhar incessante de barcos e de pequenos rebocadores, que fazem o transporte de passageiros e bagagens das margens do rio para os paquetes e vice-versa, anima o vasto plaiuto de água, pois os navios aqui, ao contrário do que se dá noutros portos, não vão encostar à muralha dos cais: lançam a âncora ao largo. É por isso que, em vez de tomarem êsse aspecto de silenciosa imobilidade que tanto os assemelha então a enormes cetáceos presos por correntes aos cais, a sua vida intensa não sofre modificação, porque não só a água continua a gorgolejar e a fustigar os seus flancos, como também os mil barquitos que, entre rolos de fumo e fitas brancas de vapor, os procuram alcançar — nos dão a perfeita ilusão de que continuam a sua rota. Também o espectáculo das águas sujas e oleosas, onde mergulham e flutuam todos os detritos e imundícios, se não estadeia aos nossos olhos — porquanto a água do Tejo nunca pára, límpida, azul, enrespada por uma leve mareta onde se refrage, com uma scintilação reidoirada, a luz do sol.

Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa, propala o velho rião português, que se repete em Sevilha, em Nápoles e em outras terras; mas, na verdade, Lisboa, vista do seu amplo estuário, tem uma magia que poucas cidades poderão disputar-lhe. Quando desembarcamos no cais de mármore da Praça do Comércio, que se abre em exedra para o mar como um soberbo pórtico e vemos diante de nós três grandes ruas paralelas — três fileiras de casas, de palácios e de armazéns (magazzini) grandiosos: a rua Augusta, a rua do Ouro e a rua da Prata; quando, em frente do arco do triunfo, a estátua equestre do rei D. José I nos saída com o seu cavalo caracolante e o seu casco

de plumas, como convém a um soberano de Setecentos, então, de facto, de novo a memória reproduz as palavras com que Alexandre Herclano saída a cidade do Tejo:

«Lisboa, cidade de mármore e de granito, rainha do Oceano, tu és a mais bela entre as cidades do mundo!...»

(E após a transcrição do conhecido trecho de «A voz do profeta» continua:)

De certo, quando se pensa no que foi o poder marítimo e o império colonial dos portugueses e se confronta com o que é hoje — uma grande tristeza nos invade; mas nós pensamos que as nações têm no seu ressurgimento um destino marcado, e esta intensa vida, que anima e agita incessantemente Lisboa, é para nós promessa segura de que o povo português retomará, mais cedo ou mais tarde, o caminho glorioso da sua antiga grandeza, porque de nenhum modo lhe falta nem inteligência, nem vontade, nem coragem. Do mar lhe veio a sua riqueza e a sua glória; no mar voltará a encontrar seguramente a via da grandeza antiga.

Mas ei-nos nas ruas d'êste empório comercial do mundo, carregadas de tesouros: os bronzes e porcelanas da China, as sedas, as plumas da Índia, as madeiras da Arábia, os outros e as pratas encadadas da Pérsia, os tapetes e coiros, os perfumes, e os frutos tropicais de cores surpreendentes e de aromas desconhecidos. Uma visita ao mercado de Lisboa é não só um prazer para os olhos e para o paladar, como uma extensa sucessão de surpresas, tantas as novidades de cores, de perfumes e sabores que nele encontramos.

E todas as manhãs o Oceano descarrega aqui os tesouros da sua fauna. Num passo esbelto as vendeleiras de peixe, as varinas, trazem de longe as suas canastas a abarrotar de peixe cor de prata, de moluscos, de crustáceos cobertos ainda de algas e a luzirem de sal, com o cheiro fresco e salgado que têm as conchas das ostras quando as levamos à boca para lhes servirmos a água amarelada, regada com sumo de limão. Mas, à porfia com o mar, também a terra nos oferece os seus tesouros.

Aqui tendes montões de laranjas e de romãs, de ameixas e de bananas, de laranjas-azedas e de bergamotas, peras e maçãs excelentes, uvas do Algarve resudadas como as ameixas temporais, e rainhas-claudias que parecem bagos de âmbar transparente, e framboesas e morangos e cogumelos... Vibra

no ar um aroma de hortelã pimenta, de manjeriço e de tomilho que inebria...

Tudo quanto de bom possui a terra e o mar tudo aqui o tendes à mão, entre esta multidão que se agita e gesticula e fala em voz alta: uma multidão variegada, onde os rostos de cor não são raros... na pele cor de azeitona dos mestiços ou dos indianos brilhantes, com uma luz viva, olhos luminosos... um sorriso descobre duas branquíssimas fiadas de pérolas na boca duma rapariga morena, morena mas linda como a Sulamita do Cântico dos Cânticos.

A dois passos do mercado está o Rossio, a praça dos negócios e da política, dos cafés regeritantes, dos inúmeros vendedores de jornais e dos não menos numerosos engraxadores, rapazes que se ajoelham junto dos que estão sentados às mesas para lhes engraxar os sapatos.

Porque o português põe acima de tudo o seu decoreto pessoal, e além da elegância e do asseio do futo, mantém o calçado sempre bem engraxado assim como penteia o cabelo dum modo irrepreensível. Mas como estas manifestações exteriores se fazem acompanhar sempre dum grande urbanidade, dum cortezia que se pode dizer imita no português, e que se manifesta na delicadeza das expressões que até na conversação familiar se mantêm, de tudo isto resulta um tom de fidalguia, de compostura, de boa educação e ao mesmo tempo de afabilidade, que dá à melhor impressão ao forasteiro, tam habituado infelizmente às grosserias e à cara de poucos amigos dos americanos que pela Europa espalham não só os punhos de ferro dos seus «boxeurs», como também a sua rudeza e a sua má educação. Nenhum português, nem o da mais baixa camada do povo, seria capaz de vos atirar à cara bifurcadas do seu cachimbo, nem deixar a porta aberta ao entrar num estabelecimento, nem de vos passar à frente, à custa de cotoveladas. Em cada português existe o estofado dum fidalgo, quer dizer, do homem de raça, ainda que as suas condições económicas sejam modestas e os seus recursos limitados. Fidalguia sem orgulho, cortezia sem afectação e sem segundos fins, discreção e distinção são os traços característicos do modo de ser do português, que o tornam simpático, e dele nos fazem imediatamente amigos.

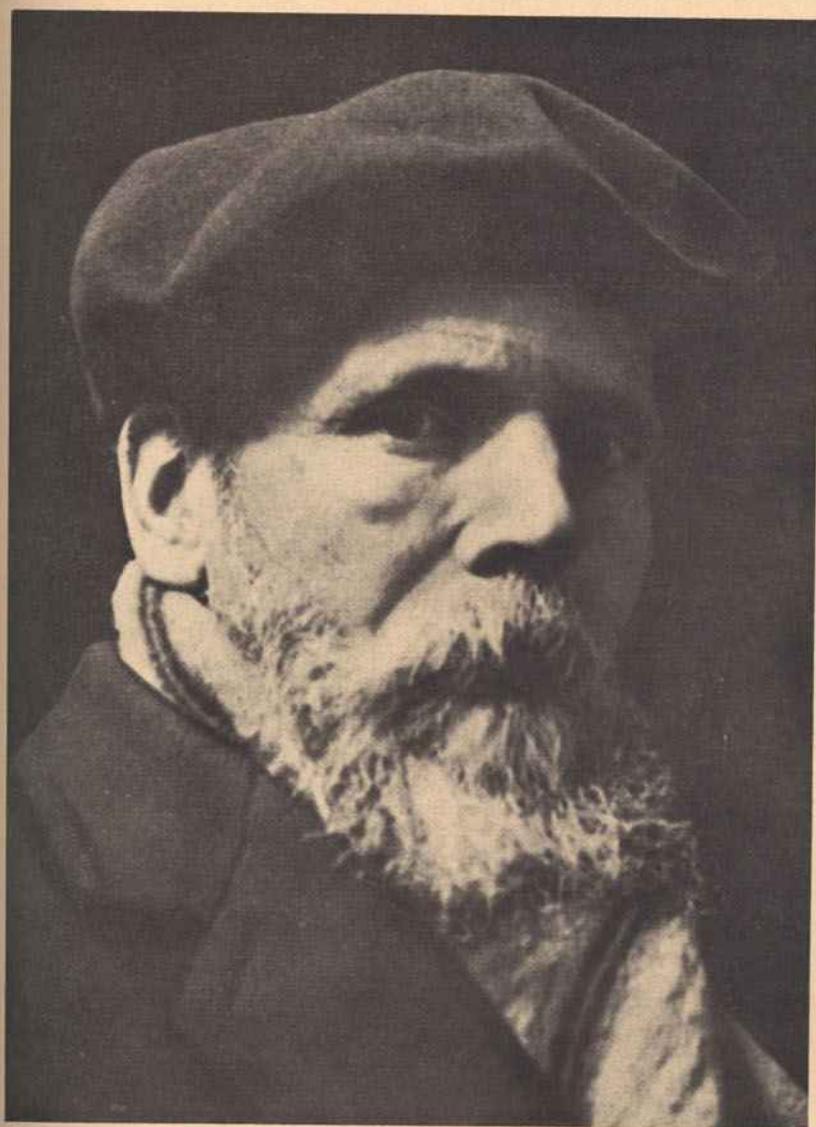
GUIDO BATELLI.

(Tradução de Miguel Orólio de Castro).

GLORIAS DA ARTE PORTUGUESA

O PINTOR

ANTONIO CARNEIRO



António Carneiro, o pintor com figura de monge, é o artista português que mantém a mais estreita relação, entre a sua Arte e a sua senda de homem. A sua figura é o caminho mais perto para se encontrar e compreender a sua personalidade de artista. E, para se chegar junto da sua sensibilidade,

basta simplesmente, admirar o pintor ou admirar um seu quadro.

Esta apertada familiaridade de António Carneiro com os seus trabalhos, designa-o como um sacerdote da Verdade. O seu caminho, que começou há muitos anos, que teve paragens longas em Paris e Londres, e

que continuou em Portugal quando lhe começaram a aparecer os primeiros cabelos brancos, nunca hesitou ou sucumbiu nas encruzilhadas da Mentira. Os seus píncos, que viajaram por quasi toda a Europa e apreenderam os mais variados aspectos das paisagens e das figuras, foram, sempre, orientados pela adoração voluntária, sincera, da tranquilidade da alma do artista.

O sossego anímico e o sossego exterior estão unidos, abraçados, em todas as atitudes deste grande pintor. A sua vida, sempre delicada, continuamente preocupada com as demonstrações puras da Beleza, nunca lhe consente ausências... Vive enclausurado no seu atelier, como um frade em penitência. Em penitência artística.

António Carneiro passa, contudo, às vezes — poucas vezes — pelos passeios do Porto. Mas aparece nessas montras da cidade, onde todos os transeúntes são actores, como se temesse olhares e cumprimentos. Os seus passos, sempre apressados, dirigidos para um destino iluminado, não param nas esquinas. Não se deixam amarrar ao triste e ridículo costume das esquinas de exibição. Deixam-se somente atrair para os horizontes claros da vida feita religião. Nesses raros instantes em que António Carneiro atravessa a vida espectral da cidade, a sua figura alcança, porém, a mais notável altura. Este artista, que teme o réclamo, que foge dos meios em que cada gesto é um anúncio de vaidade, é, nesses momentos, notado e admirado. A sua cabeça, sábeça de profeta, atrai todos os olhos. Todos os olhos, surpreendidos, interrogativos, o seguem. E, a sua figura apagada, apagada na indumentária e nos movimen-

tos, fica colada à veneração dos olhares que o acompanham.

O *atelier* de António Carneiro, a meio duma rua tranqüila desta cidade barulhenta, é um convento, é uma catedral de Arte, que só os íntimos e os condecorados pela estima do artista, conhecem. Só é admitido, só é recebido, quem saiba olhar a Beleza. Para se admirar a igreja onde António Carneiro pinta as orações das almas mais cristãs, é necessário, primeiro que tudo, ensinar aos lábios a voz dos silêncios. É indispensável, antes de tudo, que só os nossos olhos saibam falar.

Este soberano de Arte, que eu fui encontrar há dias, como na primeira vez em que o visitei, trabalhando, quasi ajoelhado ante um quadro, está rodeado, está envolvido, pela numerosa família das suas preces, das suas

bém realiza milagres de expressão e de coloridos. Os retalhos de interiores de igreja, as paisagens e os retratos, que estão semeados nas paredes do seu *atelier*, são obras raras duma rara maneira, duma rara sensibilidade. São poemas de luz. De luz que reza e explica as mais escondidas fisionomias da alma.

A personalidade artística de António Carneiro só pode ser exposta nas extensas, nas ilimitadas amplitudes do misticismo. Os seus primeiros trabalhos e todos os que marcam as diversas metamorfoses que atravessou para alcançar o domínio e a perfeição de criador, afirmam, claramente, que o artista se tem dedicado profundamente à devoção religiosa. A única afirmação profana que o rodeia são os vestidos garridas das flores que bordam o tranqüilo cenário das suas obras. Todos os seus oleos e sangüíneas, todos os seus quadros, são penitências, são ladainhas de cores, ternas e sentimentais, erguendo até muito alto as dores que vivem nos corações e nos claustros.

A obra de António Carneiro, do artista que está em todo o mundo civilizado, que tem um mundo de carvões e sangüíneas espalhado por toda a Europa, é a obra dum homem que não sabe conceder atenção às superficialidades. A sua retina, educada na observação de todas as organizações humanas e de todos os aspectos da Natureza, nunca se deixa enganar pela poelha das aparências. A sua incomparável maneira de pintar é uma espécie de auscultador de sensibilidade. A sua pintura é, quasi toda, subjectiva. Revela-nos o estilo moral e o drama que as almas representam. Revela-nos, por conseguinte, esse lado da existência, que, em silêncio, se abeira frequentemente de Deus.

O lado sentimental que se mantém no aspecto geral do universo das telas de António Carneiro, é a tristeza envolvida em resignação. Todos os seus retratos, de crianças, de mocidades em plena vitória e de rostos enrugados, são traduções dum leve sofrimento. As suas paisagens, monumentos, capelas e igrejas, escondem, igualmente, um aspecto de resignação.

Este sentimento de renúncia, depara-se-nos no seu *atelier* dum modo e de muitos modos explicado. O artista, que tem a adoração da família e dos vãos anímicos, está ausente de tudo que agita e compromete o espirito. Trabalha para obedecer ao antigo e sempre novo gesto do sacrificio pela Bondade e pela Beleza. António Carneiro vivendo escondido, longe do mundo, rodeado, ladeado por duas grandes telas que representam os seus dois filhos artistas, aproxima-se, por isso, muito da vida elegante dos sentimentos. Encontra-se perto de todas as teorias morais que defendem a Humanidade e muito longe do pandemónio fantasista que ombriga o universo.

Para este homem-artista, que vive envolvido em silêncio, ligado a uma sincera mo-



Retrato do artista Cláudio Carneiro, filho do pintor ilustre



Retrato do pintor Carlos Carneiro, filho do artista

télas. É toda uma série, uma série de diferentes sangüíneas, oleos, *pastels*, representando rostos envolvidos de bondade e naves de igreja iluminadas duma luz húmedecida de orações. António Carneiro apresenta-se no seu *atelier* como um pintor cristão. Os seus pinceis, ao traduzirem o aspecto resignado dum templo ou a cara rosada duma criança, não são menos do que as preces dos profetas que faziam milagres. António Carneiro tam-

destia, não faltam suficiências estéticas. As suas barbas, brancas como as de um velho peregrino da Beleza, significam, como a sua obra, que alcançou definitivamente o pedestal mais elevado da sua feição pictórica. Os seus últimos quadros são obras de quem está acima da altura dos homens. De quem, não desdenhando as iluminadas sendas da Virtude, foi até ao domínio superior da perfeição.

GUEDES DE AMORIM.

ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

ERA êle que voltava. Tem o número 39 na sala de mármore vermelho.

O targui deu uma risadinha.

— Tal é a história do tenente Ghiberti, que teimaste em conhecer. Mas basta. Monta no dromedário.

Obedeci, sem dizer palavra.

Tanit-Zerga, à garupa, apertava-me nos braços.

— Mais uma palavra, tornou Cegheir-ben-Cheikh apontando ao sul uma mancha negra na linha róxa do céu.

— Vês aquele póço? É a direcção. Fica a trinta quilómetros. Têm de lá estar quando o sol se erguer. Depois consulta a carta. Se não se afastarem do caminho daqui a oito dias, estão no vale de Telemsi.

O dromedário estendia o pescoço para o sul.

O targui largou as rédeas e disse com gesto largo:

— Vão!

— Obrigado, respondi, voltando-me para traz. — Obrigado e Adeus!

E ouvi a voz ao longe, responder:

— Até à vista, tenente de Santo-Avito!

CAPÍTULO XIX

O TANEZRUFT

O dromedário corren tão desordenadamente na primeira hora, que andámos pelo menos cinco léguas. Em dirigia o animal para o póço que o targui me tinha indicado, cujo perfil crescia no céu cada vez mais claro.

A velocidade fazia correr uma briza. Os grandes tufo de *retém* fugiam à esquerda e à direita como grandes esqueletos esguios e descarnados.

Ouvi a voz de Tanit-Zerga num sópro:

— Faze parar o dromedário.

Não percebi logo. Ela apertou-me o braço com força. Obedeci. O animal atrazou o passo de má vontade.

— Escuta — disse a pequena.

Não ouvi nada.

Depois senti um ruído muito leve, um roçar atrás de nós.

— Faze parar o dromedário. Não é preciso fazê-lo ajoelhar.

Um corpo cinzento saltou sobre o animal, que deitou a correr mais depressa.

— Larga-o — disse Tanit-Zerga. Galé saltou cá para cima.

Senti uns pêlos eriçados debaixo da minha mão. A mangusta seguira-nos. E ouvia-se-lhe a respiração arquejante, sossegando pouco a pouco.

— Sou feliz — disse Tanit-Zerga.

Cegheir-ben-Cheikh não se tinha enganado. Passámos o póço ao nascer do sol.

Lá atrás, o *Atakor* era um caos monstruoso, no meio dos nevoeiros da alta madrugada. Entre os picos confundidos já não era possível distinguir aquele em que Antinea continuava a maquinar traições amorosas. Estávamos no Tasili do sul, região que Duveyrier pôs na carta do Ministério das Obras Públicas sob esta aterradora epígrafe: «Plano rochoso, sem água, sem vegetação, onde não podem viver homens, nem animais. E era a terra abandonada, inabitável, terra da fome e da sede!»

Só alguns tratos do Zalahári se podem comparar com o horrôr deste deserto de ro-

cha. Cegheir-ben-Cheikh não se tinha adiantado muito, quando afirmára que ninguém iria lá perseguir-nos.

Havia ainda grandes bocados de escuridão. Acudiam-me recordações dispersas e limitadas. Uma frase surgiu inteira:

E pareceu a Dick que desde o princípio do mundo, não tinha feito outra coisa senão cortar o ar às costas de um dromedário.

Ri-me.

Há umas horas para cá estou desempenhando tôdas as situações literárias. Há bocado estava como o Fabrício da Chartreus de Parme, pendurado a cem passos do chão, do seu torreão italiano. Agora estou como o Dick da *Cruz que se apaga*, correndo o deserto à procura dos companheiros de armas. Tornei a rir-me. Em seguida estremei, lembrando-me da noite anterior e de outra situação bem literária também: quando Orestes, na *Andrômaca*, consente em matar Pirro...

Cegheir-ben-Cheikh conhecia bem o valor do animal que nos dera, ao marcar-nos oito dias para chegarmos às terras arborizadas dos Anelimidens. Tanit-Zerga deu-lhe logo o nome de *El-Mellen*, o Branco, porque o magnífico dromedário tinha um pêlo quasi immaculado. Duma vez chegou a ficar dois dias e sendo apenas alguns ramos de acácia espinhosa, cujos bicos brancos, de perto de dez centímetros de comprimento, me faziam tremer por seu esôfago. Os póços indicados por Cegheir-ben-Cheikh eram nos lugares indicados, mas a maior parte dêles continham apenas uma lama infecta. O dromedário contentava-se com isso, de modo que ao fim de cinco dias ainda não tínhamos tocado nos ôdres da água. Cuidava-nos salvos.

Nesse dia, próximo dum desses póços, consegui matar uma gazelita das dunas. Tanit-Zerga esfolou-a e comemos um belo pedaço cozido. Na mesma ocasião, Galé, que furava por todos os lados enquanto descansávamos, descobriu um uzano, crocodilo das areias, com cêra de três covados, e não tardou em torcer-lhe o pescoço. Comen tanto que não podia mexer-se, e tivemos de lhe dar uma pinga de água para ajudar a digestão.

Demos-lha de boa vontade porque nos sentíamos felizes. Tanit-Zerga não o dizia, mas adivinhava-se-lhe a alegria de vêr que eu não pensava na mulher do *Pschent* de outro e esmeraldas.

E na verdade nesses dias não pensava em tal. Pensava apenas no calor tórrido que era preciso evitar: no ôdre de água que era preciso ter uma hora no fundo dum rochedo para arrefecer; na alegria de levar à bôca, a transbordar, um copo dessa água salvadora... Posso dizê-lo bem alto, mais alto que ninguém: as grandes paixões, cerebrais ou

sensuais, só dão em gente bem comida, bem bedida e descansada.

Eram cinco horas da tarde, e o calor horrível diminuía. Tínhamos saído de um buraco da rocha em que dormíamos a sêsta, e estávamos a vêr o ocidente avermelhar-se.

Desdobrei o papel em que Cegheir-ben-Cheikh tinha traçado o nosso itinerário até ao Sudão, e verifiquei mais uma vez com alegria, que estava certo e que eu o havia seguido bem.

Depois de amanhã à tarde, a esta hora, estamos a partir para o último percurso, e de manhã, chegamos ao vale de Telemsi. Aí já não temos que pensar mais na água.

Os olhos de Tanit-Zerga brilharam-lhe no rôsto emagrecido.

— E Gão?

— Estamos a uma semana do Niger. E Cegheir-ben-Cheikh disse que se entra no vale de Telemsi por baixo de uma abóbada de mimosas.

— Sei como são as mimosas — disse ela. São umas bolositas que se desluzem nas mãos. Mas gosto mais do caparideio. Há-de vir comigo para Gão. Já te disse que os Anelimidens mataram meu pai, Senu-Azku. Mas a gente lá da terra já reconstruiu a aldeia. Estão habituados a isso. E verás como te recebem.

— Hei-de ir, Tanit-Zerga, prometo-te. Mas é preciso que também me prometas...

— O quê?... Ah! estou a adivinhar. Tomas-me como pateta e cuidas-me capaz de falar de certas coisas que fariam pena ao meu amiguinho...

E olhava para mim, enquanto dizia isto. A grande fadiga e as privações tinham-lhe estilizado o rôsto moreno em que brilhavam uns olhos de um olhar incenso... Desde então tive tempo de empregar o compasso e as curvas, e fixar o sítio em que pela primeira vez compreendi a beleza dos olhos de Tanit-Zerga.

Silêncio longo.

— Vai cair a noite — disse ela. Vamos comer para nos irmos embora o mais depressa possível.

Levantou-se e foi direita ao rochedo. E logo a ouvi chamar com uma voz angustiada que me arripou:

— Anda, oh! anda cá vêr.

Num salto puz-me ao pé dela.

— O dromedário! o dromedário!... murmurou.

Olhei e sacudi-me um arripio de morte. Estendido ao comprido do outro lado da rocha, todo êle estremeia em convulsões bruscas. El-Mellen agonizava.

Esenço de dizer com que ansiedade lhe acudimos. Não sabia eu de que êle morria, nem nunca cheguei a sabê-lo. Todos os dro-

medários são assim, a um tempo, os mais resistentes e os mais delicados animais. Caminham seis meses através das mais terríveis solidões, mal alimentados, sem beber água, e andam que é uma beleza. Um dia em que nada lhes falta, estendem-se de lado e largam a vida, com uma simplicidade desnordeante.

Quando eu e Tanit-Zerga vimos que não havia mais nada a fazer, puzemo-nos em pé a olhar para as convulsões que abrandavam. Ao exalar o animal o último suspiro, senti-mos que a nossa vida ia com elle.

Tanit-Zerga foi a primeira a falar:

— A que distância estamos do caminho do Sudão?

— A duzentos quilómetros do vale de Telemsi. Podem economisar-se trinta quilómetros em direcção a Ifernane, mas os poços dêsse caminho não estão na carta.

— É preciso então caminhar para o vale de Telemsi. Duzentos quilómetros andam-se em sete dias?

— Sete dias, pelo menos, Tanit-Zerga.

— A que distância fica o primeiro poço?

— A sessenta quilómetros.

O rosto da pequena contraíu-se um pouco; mas logo recuperou serenidade.

— É preciso irmo-nos embora já.

— Embora Tanit-Zerga, embora a pé!

Batem com o pé no chão. Admirrei tamanha coragem.

— É preciso irmo-nos embora. Vamos comer e beber, e dar também a Galé, porque não podemos levar todas as latas de conserva, e o ôdre é tão pesado, que não poderíamos com elle dez quilómetros. Levaremos água dentro de uma das latas de conserva, depois de a esvaziarmos por um buraguinho. É para os trinta quilómetros desta noite. Amanhã à tarde andamos outros trinta quilómetros, e chegamos ao poço indicado por Cegheir-ben-Cheikh.

— Ah! = murmurei desconsolado — se o meu ombro assim não estivesse em levava o ôdre.

— O ombro está como está — respondeu ella. Levas a carabina e duas latas de conserva. Em tu levavas duas e a da água. Ainda lá, é preciso saírmos daqui a uma hora, se quizermos caminhar os trinta quilómetros. Bem sabes que depois de nascer o sol as rochas ficam tão quentes que não se pode andar.

Imagine-se em que triste silêncio acabou este dia tão bem principiado. Sem a pequena, ter-me ia sentado e ficado ali à espera... Só Galé era feliz.

— É preciso que ella não coma muito, senão não pode vir connosco — disse Tanit-Zerga. E amanhã tem que fazer: se apanhar outro uzano é para nós.

Tu já andáste no deserto, e sabes quão terríveis são as primeiras horas da noite. Quando surge a lua, enorme e amarela, parece que uma poeira amarela se levanta e nos sufoca.

Os maxilares movem-se maquinal e continuamente como para despedaçar essa poeira, que penetra pela garganta em fogo. Depois, talvez já habituado, sobrevem uma espécie de repouso, uma sonolência, e chegamo-nos a esquecer de que vamos a andar. Só tropeçando nos lembramos. E é verdade que se tropeça muitas vezes. Mas, enfim, anda-se. E, quando a noite vai a acabar e com ella o percurso, tem-se a impressão de estar menos

fatigado que à partida. O fim da noite é a mais atrás das horas: morre-se de sede e treme-se de frio. A fadiga de toda a viagem cai sobre nós e arrepanha-nos duma vez. O ventinho-percursor da aurora, em lugar de nos saber bem é dolorosíssimo. A cada passo dado em falso tem-se a impressão de que será o último.

E isto é o que dizem e pensam as pessoas que, a pesar de tudo, sabem que dali a algumas horas, vão ter um descanso, comer e beber...

Eu sofria espantosamente. Todas as pancadas vinham repercutir-se no ombro partido. Em certa altura tive vontade de parar e de sentar-me. Vi Tanit-Zerga que ia avançando, com os olhos quasi fechados. Tinha no rosto uma expressão indizível de sofrimento e vontade. E eu fechei os olhos e continuei.

Tal foi o primeiro percurso. De manhãzinha, parámos no coveau duma rocha, mas logo o calor nos obrigou a procurar outro refugio mais fundo. Tanit-Zerga não comen. Mas enguliu de uma vez a sua meia caixa de água. Dormiton todo o dia. Galé girava em volta do rochedo soltando uns gritinhos tristes.

Não merece a pena falar do segundo percurso. Ultrapassa em horror tudo que possa imaginar-se. Sofri naquele deserto o que é humanamente possível sofrer. Mas já ia percebendo com infinita piedade, que a minha Erça de homem começava a valer mais que os nervos da minha pequena companheira. A pobre criança caminhava sem fala, a morder num canto do *haik* puxado para a cara. Galé atrás. O poço para que nos arrastávamos estava indicado no papel de Cegheir-ben-Cheikh pela palavra Tissaririn, o que quer dizer duas árvores isoladas.

O dia nascia quando distingui as duas árvores: dois gomeiros.

Estávamos apenas à distância de uma légua. Deí um rugido de alegria.

Tanit-Zerga, coragem! olha o poço.

Afastou o véu e vi a pobre carinha angustiada.

Melhor — murmurou ella. Se não fôsse isso...

Não ponde acabar.

Acabámos o último quilómetro quasi a correr.

Já se via o buraco do poço.

Enfim, chegámos lá.

E estava sêco.

É muito estranha a sensação de morrer de sede. A principio, o sofrimento é terrível. Depois apazigua-se. Vem a insensibilidade. Começam a apparecer pormenores da vida ridiculamente pequenos, que vão à nossa volta como mosquitos. Pus-me a lembrar-me da minha composição de história, para entrar em Saint-Cyr — a campanha de Marengo. E repetia sem-desejo:

— Eu disse que a bateria descoberta por Marmon na altura da carga de Kellermann tinha dezóito peças... Ora lembro-me agora de que não tinha senão doze. Tenho a certeza que só tinha doze peças.

E repeti mais uma vez:

— Doze peças.

E cá numa espécie de cõma, de que saí com a sensação dum ferro em brasa applicado na testa.

Abri os olhos. Era a mão de Tanit-Zerga, que se inclinava sobre mim.

— Põe-te em pé! Vamos embora! — dizia ella.

— Embora, Tanit-Zerga?

O deserto está em fogo. É meio dia.

— Vamos embora! — repetia ella.

Vi então que estava delirando. O *haik* tinha caído ao chão e Galé dormia enroscada nêle. De cabeça descoberta ao sol, Tanit-Zerga continuava:

— Vamos embora!

Volton-me um pouco de raciocínio.

— Cobre a cabeça, Tanit-Zerga. Cobre a cabeça.

— Vamos embora! — continuava ella. Gão está ali ao pé, bem sei. Quero tornar a vêr Gão!

Obriguei-a a sentar-se a meu lado, à sombra de um rochedo. Compreendi que todas as forças a tinham abandonado, e uma piedade imensa me restituiu o raciocínio.

— Gão está ali, não está?

E os seus olhos brilhavam supplicando.

— Está, sim, minha pequenina querida. Gão está ali. Mas por Deus deita-te. O sol faz mal.

— Ah! Gão, Gão, eu bem sabia — repetiu ella — eu bem sabia que havia de tornar a vêr Gão.

Ergueu-se sobre um cotovêlo, e apertou as minhas mãos nas suas, que eram fogo.

— Ouve. Para perceberes, é necessário que saibas porque tinha eu a certeza de tornar a vêr Gão.

— Tanit-Zerga, sossega. Sossega, minha pequenina.

— Não, hei-de contar-te: Foi há muito tempo, à borda do rio que tem água, em Gão, onde meu pai era príncipe... Uma vez, num dia de festa, veio do interior um feiticeiro vestido de peles e pênas, com uma máscara e um barrête pontegudo, castanholas e duas serpentes num suco. Juntou-se toda a gente no largo e dançou-se a *bussadilla*. Eu estava à frente, e como tinha um colar de turmalina cor de rosa, o feiticeiro viu perfeitamente que eu era filha de um chefe Soshai. Veio falar-me do passado, do grande império mandinga em que reinaram os meus antepassados, dos ferozes Zúntas, nossos inimigos ligadaes, de tudo... E depois disse-me: Sossega pequenina. Alguma coisa te há-de acontecer, mas não tenhas medo. Pode ser que tenhas dias maus, mas que importa isso? se hás-de vêr brilhar um dia, no horizonte, Gão, não já escurava e redzida ao nível de aldeola negra, mas a Gão esplêndida de outróra, a grande capital dos pretos! Gão reconstruída, com a mesquita de sete torres e catorze cúpulas de turquezas; com casas de pateos frescos, repuxos e jardins regados, cheios de flores vermelhas e brancas... E então, há-de chegar a tua hora de liberdade e de seres rainha.

Tanit-Zerga terminou hirta, em pé. A nossa volta, por toda a parte, o sol reverberava pondo tudo branco e fazendo até crepitar a ramada.

A criança estendeu o braço e lançou um grito medonho:

— Gão! Ali está Gão!

Olhei.

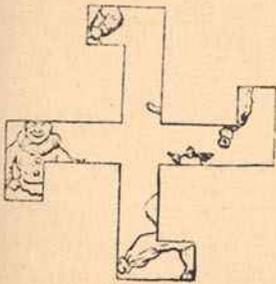
— Ah! Gão! eu bem sabia! Ali estão as árvores e as fontes, as cúpulas e as torres, as palmeiras e as grandes flores brancas e vermelhas! Gão!



Passatempo

O PALHAÇO DESPEDAÇADO

(Problema)



Um gracioso palhaço cortou o seu retrato em vários pedaços e reuniu-os em seguida, formando uma cruz como esta, que se vê na figura.

Para o conhecer completo e não em bocados, diz ele que não é preciso mais do que dar dois cortes em linha recta na figura e reunir os pedaços resultantes. Além disso, acrescenta que, se os cortes forem bem dados, e bem efectuada a sua reunião, obter-se-há o seu retrato inteiro, n'um quadrado perfeito.

Como se lião de dar os cortes? Como reunir os pedaços?

✻ ✻

Tio Idoso: — Pui segurar a minha vida em vinte contos em teu favor. Que mais posso fazer por tí?

O sobrinho: — Mais nada neste mundo, tio.



A cliente: — Diga-me uma coisa, doutor; eu quero que meu marido me leve para Biarritz. Que medicamento me aconselha que eu tenha?

(Do Punch)

Alcixo: — É como te digo! Quem me dêra ser canhoto!

Serafim: — Para quê, homem?

Alcixo: — Ora essa, se me acontecesse algum desastre à mão direita, ficava-me a esquerda para trabalhar.

✻ ✻

Falava-se num ligeiro abalo de terra que causou pânico numa pequena localidade al para o norte.

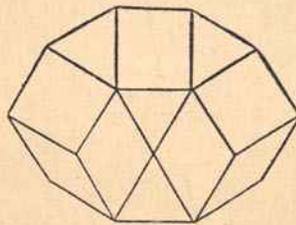
— Devem ter tido medo de veras?

— Tivemos, realmente, mas a terra ainda tremia mais do que nós.

✻ ✻

OS VINTE E CINCO FÓSFOROS

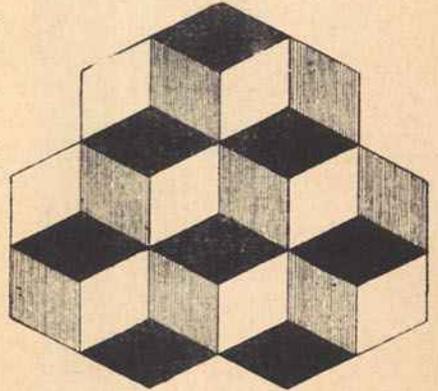
(Solução)



Na figura junta está a solução da paciência.

Com os 25 fósforos ou palitos estão formados quatro triângulos equiláteros, quatro rombos, três quadrados e tudo está contido dentro de um polygono convexo de dez lados.

ILUSÃO OPTICA



Quantos cubos há nesta pilha? Scis ou sete?

✻ ✻

PRONTO A OBSEQUIAR

Viajante (numa estalagem de aldeia): — Diga-me cá, o que vem a ser este ingrediente?

Estalajadeiro: — Manteiga, senhor.

Viajante: — Manteiga! Pois antes queria comer cebo de mutar os cixos, do que isto!

Estalajadeiro: — Joaquim! vai num pulo à cocheira e traz um bocado de cebo para este senhor.

✻ ✻

Um literato encontrou-se na companhia de um rapaz novo com quem experimentou a dificuldade de achar assunto adequado de conversação. Tentou falar de livros e perguntou-lhe:

— Leu alguma coisa boa, ultimamente?

— Li; acabei justamente de ler um livro esplendido!

— Sim? O que foi?

— Ora esta! não me lembra o nome.

— Quem era o autor?

— Também me não recordo.

— Bem, mas de que tratava?

— De todo me esqueceu.

Seguiu-se uma longa pausa e depois, com vivacidade: — O que sei é que tinha uma capa encadernada.

✻ ✻

— Que maçador que tu és, sempre a fazer perguntas! — disse o pai desesperado. — Gostava de saber o que teria acontecido se eu fizesse tanta pergunta quando era rapaz.

— Provavelmente — retorquiu o promotor moço — teria ficado habilitado a responder a algumas das minhas.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

Deux fois vingt ans é o título do último livro do sr. Pierre Frondaie, o autor célebre de *Appassionata*, de *L'Indompté*, de *L'Homme à l'Espino*, de *L'eau du Nil* e de tantas outras obras de superior relevo literário. 12 fr. A heroína deste romance é uma crioula que se sente

PIERRE FRONDAIE



Mamei Fréze

de súbito apaixonada e recia o amor só porque tem duas vezes vinte anos. Emma Baïta aparece-nos aqui não como figura inventada mas sim como saída da vida real, tal como a Manon Lescaut ou a Bovary, que nós a cada passo evocamos, dando-lhes uma existência histórica. Este dom de animar a ficção é exclusivo dos grandes romancistas, e Pierre Frondaie mostra mais uma vez nesta obra que pertence a essa estirpe dos criadores de tipos imorredouros. Amálgama de sensualidade e idealismo, a pintura do carácter feminino que constitui o eixo do *Deux fois vingt ans* é perfeita, vigorosa: dela sobressai bem o drama em que o crepúsculo dos sentidos lança certos temperamentos amorosos.

Place Maubert (Dans les bas-fonds de Paris), por Henry Danjon. 12 fr. A maneira dum repórter arguto, o autor lê aqui com respeito a Paris o mesmo que Jack London realizou quanto ao *Whitechapel* no seu *Peuple de l'Abîme*. Perante ele desfilarão os miseráveis, os quais foi interrogando, de cada um colhendo a sua história pungente. Todavia, alguns parecem contar as vicissitudes da sua vida com volúpia e até com vaidade, o que prova que há também cabotinismo na desgraça.

La Leçon d'Amour dans une île, por Flavien Girard. 12 fr. História amável, em que tudo finda pelo melhor, se bem que a intriga se complique por vezes extraordinariamente em volta dos heróis, bons e maus. Leitura boa para tempo de férias.

Yasmin, princesa de Sialpore, por Talbot Mundy trad. por Louis Postif. 12 fr. Romance sobre a Índia, escrito num estilo muito opulento, por um inglês culto e com boa observação psicológica que conhece a fundo aquele país acrescentando o interesse da sua obra com o tom de malícia benévola de que usou ao pintar os seus compatriotas. Graças ao exotismo dos cenários, à verosimilhança das personagens e ao imprevisto da acção, *Yasmin* é um livro que prende o espírito do leitor.

Archives du Club des Onze, por André Salmon. 12 fr. Obra dum escritor de raça que não tem sabido nem querido condescender com os processos sobremodo artificiosos dos modernos, mantendo-se fiel a si próprio e às boas tradi-

ções das letras francesas, embora essa fidelidade lhe cerceie o êxito fácil. Há nestas páginas a colorida fantasia, o puro e cantante lirismo, a piedade delicada e a ironia profundamente humana que, por serem qualidades intrínsecas do seu talento, aparecem sempre nos livros de Salmon.

Les Gentilhommes de Célestine, por Alexandre Arnoux. 12 fr. Romance em que a imaginação descreve largos voos, indo às vezes até às fronteiras da incoerência, onde evita, porém, penetrar. R o certo é que, sob a máscara da farsa, o autor se ocupa aqui de muitas das preocupações principais da hora que passa.

Les chiens de Dieu, por Louis Artus. 12 fr. O autor, que muitos têm na conta de grande escritor, mostra especial predilecção pelo símbolo, a ele subordinando muitas das novelas deste volume, que se recomendam sobretudo pelo seu brilho literário.

La Sonate pathétique, por Henry Laurens. 12 fr. Uma estreia notável no romance. Uma história sombria, dum professor de singular timidez e desgraçado físico, razão porque atinge os trinta e oito anos sem uma ligação amorosa, sendo nesta idade fulminado, é o termo, por uma violenta paixão. A sua vida desde então é um calvário, que acaba pelo suicídio. Uma emoção muito humana repassa todas estas páginas.

Estelle et Mikou, por Auguste Bailly. 12 fr. Duas novelas estabelecendo um confronto: dum lado, a rapariga de 1830; do outro, a de 1930. A primeira suspira de amores por um poeta menino e moço que toca bândolim à luz do luar; a segunda ama um cinéfilo já na madurez. Estelle é sentimental e romântica, ao passo que Mikou se mostra decidida e autoritária. Esta divergência de caracteres, pinta-a Auguste Bailly com uma mestria, com um tacto admiráveis!

Le pays qui n'est à personne, por Jean Casson. 12 fr. O autor, que já escreveu, entre outros livros, *Harmonies Viennoises*, obra que lhe granjeou um lugar de realce entre os modernos escritores franceses, mantém-nos neste romance dentro do clima da paixão, situando porém a intriga numa casa de saúde, entre alienados. Quererá o autor insinuar que em todo o amor há o seu grão de loucura? Seja como for, a narrativa interessa, quer pelo pensamento quer pela linguagem, que é do melhor timbre.

Mademoiselle de Milly, por Albéric Cahuet. 12 fr. O autor dos *Amans du Lac* conta-nos nesta obra, que não é positivamente um romance, a verdadeira história daquela que, no *Jocelyn*, tomou o nome de Laurence. Por um erudito da região em que decorre a acção do célebre poema de Lamartine, Albéric Cahuet teve conhecimento da existência de certos documentos, actas e cartas que permitiam identificar duma maneira segura as personagens do *Jocelyn*. Daí sabermos agora que Laurence teve o nome real de M.^{lle} de Milly. A seguir a este estudo, a pena sensível e delicada do autor dá-nos no mesmo volume outros consagrados ao cura de Ars e a Jean-Jacques.

Figures symboliques, pelo Conde H. Keyserling. 22 fr. O notável filósofo alemão oferece-nos nestas páginas uma história de vários pen-

sadores, no número dos quais aparecem Schopenhauer, Spengler, Kant e o próprio autor. Nota curiosa é a inclusão de Jesus nessa galeria. O livro começa por estas palavras: «As minhas doutrinas renouam todos os problemas.»

La Sensibilité métaphysique, por Jules de Gaultier. 15 fr. Nova edição dum livro muito estimado, em que o autor pretende demonstrar que os verdadeiros filósofos têm sido os poetas e os artistas, de tal modo o senso estético é decisivo na nossa vida.

Niels Lynhe (Entre la vie et le rêve), romance de J. P. Jacobsen, trad. do dinamarquês por M.^{me} Rémusat. 30 fr. Jens-Peter Jacobsen, se bem que seja célebre na Europa inteira, é por completo ignorado, ou pouco menos, entre nós. Esta sua obra *Niels Lynhe* é justamente considerada uma primorosa criação, bem digna de emparecear-se com a *Madame Maria Grubb*, também precioso legado do seu espírito eleito. Há em *Niels Lynhe* muito que o aproxima da *Education sentimentale*, de Flaubert: trata-se também da educação sentimental dum rapaz dinamarquês premido entre as suas aspirações excessivamente grandiosas e a impossibilidade de as realizar. Como Frédéric Moreau, Niels Lynhe é um afectivo e um emotivo que não pode desaposar-se do imenso fardo de ternura que leva sobre a alma, reconhecendo porém que é esse o maior motivo das suas derrotas na vida. Que admirável galeria de figuras o autor criou a par da do protagonista: é sua mãe, a poética Bartholine que se vê ligada a um marido de espírito mediocre; é Edel, a jovem e deliciosa tia de Niels, que lhe inspira o seu primeiro arrebatamento amoroso; é M.^{me} Rovne, junto da qual Niels se fina de timidez; é, por fim, M.^{me} Otero, cantora, que ainda não sacia a sua enorme sede de ternura. Todas estas almas, todas as scenas em que elas se movem, fazem deste romance um dos mais belos que o século findo nos deixou. Lendo-o compreende-se bem o que a respeito de Jacobsen disse Rainer Marie Rilke: se me potho a reflectir que aprendi qualquer coisa a respeito da essência da criação e da sua profundidade e da sua eternidade, apenas me sobem aos lábios dois nomes — o de Jacobsen, o grande, o altíssimo poeta, e o de Auguste Rodin.

Félicité, por Katherine Mansfield. Trad. do inglês por J. C. Delamain. Série de novelas saídas duma pena rica de talento, pena que a morte quebrou já, embora a mão feminina que a empunhava fosse ainda muito nova. Quadros íntimos, saborosos, visto com os olhos e também com a alma. É a primeira novela que dá título ao volume. Obra delicadíssima. 27 fr.

Le Jeu du Ring, por Jack London. Feixe de novelas interessantes como todas as que saem da pena de London. Na primeira, que atribue seu título à obra toda, um jogador de box vai casar-se com uma rapariga que detesta esse violento desporto. Nas vésperas do noivado, ele, tentado pelo ring e para se despedir do seu divertimento favorito, é ali vítima dum mortal acidente. Sóbrio e rápido, o autor traça o drama. As outras novelas passam-se quasi todas no país da neve, no meio dos pesquisadores de ouro, sem escrúpulos na sua maioria, entre os quais, como se sabe, London viveu longo tempo. 18 fr.

As livrarias AILLAUD e BIRTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS.....	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA.....	27\$00	92\$00
Registados.....	24\$40	47\$80	93\$60	Registados.....	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL.....		40\$00	96\$00	BRASIL.....	52\$00	102\$00
Registados.....		53\$80	105\$60	Registados.....	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR.....		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO.....	63\$00	124\$00
Registados.....		57\$80	113\$60	Registados.....	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

VOGA

A ÚNICA
GRANDE
REVISTA
FEMINI-
NA POR-
TUGUESA

..

MODAS

..

BOR-
DADOS

..

CON-
FE-
ÇÕES

..

LITERA-
TURA
FEMINI-
NA

..

CONTOS
PARA
CRIAN-
ÇAS

..

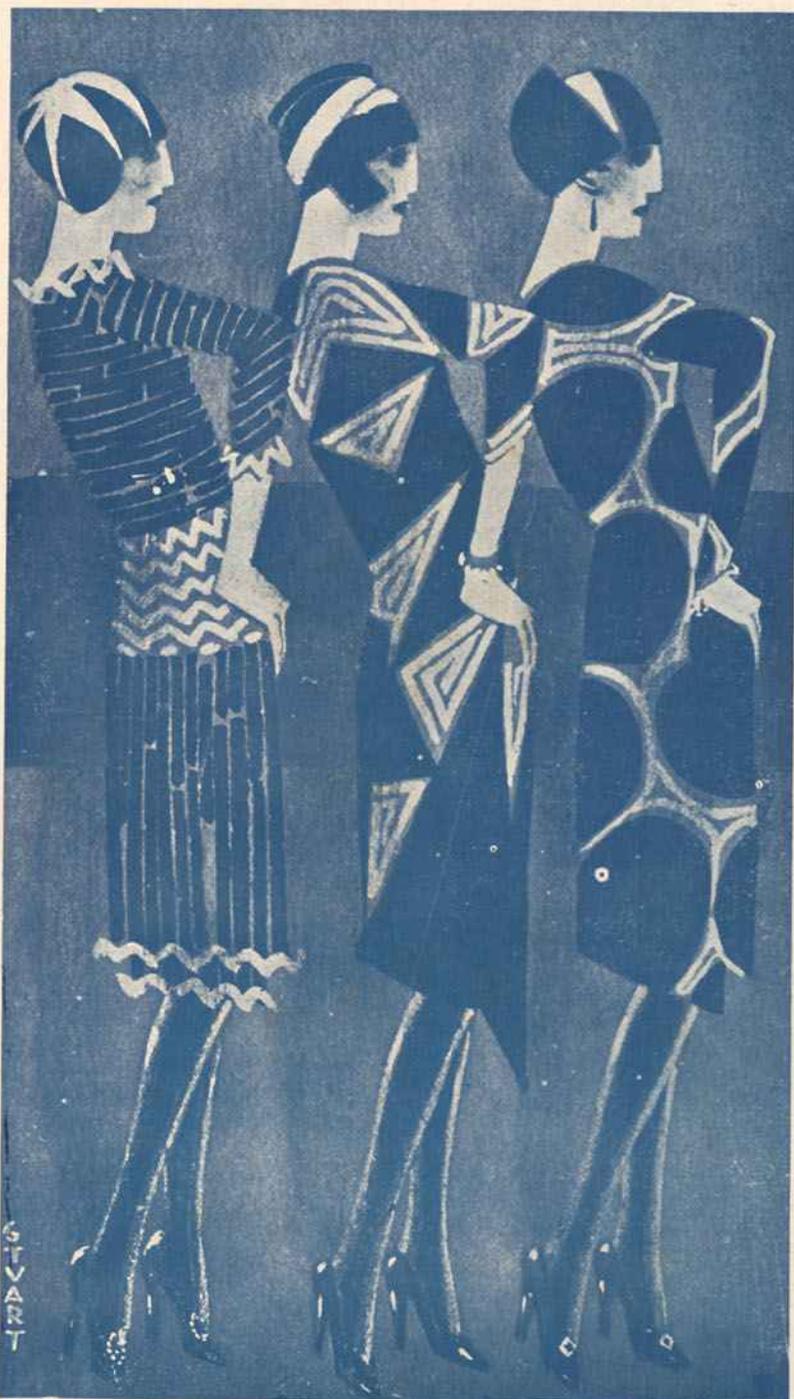
CONCUR-
SOS

GRAFO-
LOGIA

ROMAN-
CES

..

ELEGAN-
CIA



MODE-
LOS EX-
CLUSIVOS
DE PARIS
RECEBI-
DOS SE-
MANAL-
MENTE

..

A ÚNICA
GRANDE
REVISTA
DE ARTE
PARA AS
SENHO-
RAS
PORTU-
GUESAS

..

PAGINAS
CENTRAIS
MA-
RAVI-
LHOSAS

..

FOLHAS
DE BOR-
DADOS E
MOLDES
EM TA-
MANHO
NATU-
RAL

..

CINEMA

..

TEATROS

..

BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

**Quere Ter Confiança
Absoluta no seu carro?**



**Mais de 50% de todas
as avarias dos motores
resultam da lubri-
ficação defeituosa**

Se, porém, v. encher o carter do seu carro com oleos GARGOYLE MOBILOIL, o seu motor ficará protegido contra avarias de lubrificação.

—Porquê? Porque estes oleos não são sub-produtos da fabricação da gasolina; são, pelo contrario, extraídos dos petroleos brutos escolhidos pelas suas propriedades lubrificantes e preparados, desde o início ao termo da sua refinação, com um fim unico: impedir que o atrito e o calor desenvolvam a sua acção destruidora.

Todos os tipos de carros que se fabricam no mundo — e consequentemente o tipo do seu — foram estudados detalhadamente pelos nossos engenheiros especialistas que determinaram qual o tipo de oleo GARGOYLE MOBILOIL que se adapta perfeitamente às condições de funcionamento de cada marca de automovel.

Em todas as boas garages v. podera obter o tipo de oleo GARGOYLE MOBILOIL indicado para o seu carro, na nossa Tabela de Recomendações.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

REFINARIAS:
BAYONNE (N. J.)
PAULSBORO (N. J.)

REFINARIAS:
OLEAN (N. Y.)
ROCHESTER (N. Y.)

Vacuum Oil Company